

MEU RIM POR UMA RESENHA

Vale a pena gastar uma fortuna para ter seu livro
repercutido?



MAXWELL DOS SANTOS

meu rim por uma resenha

meu rim por uma resenha

MAXWELL DOS SANTOS

EDIÇÃO DO AUTOR

Copyright 2022 Maxwell dos Santos
Alguns direitos reservados.
+55 27 99943-3585 | +55 27 98843-2666
sanmaxwell@gmail.com

Responsabilidade Editorial, Revisão Final, Diagramação do Miolo e Capa |
Maxwell dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação-na-
Publicação (CIP),
Ficha Catalográfica feita pelo autor

S237v Santos, Maxwell dos, 1986 -

Meu rim por uma resenha [recurso eletrônico]
Maxwell dos Santos. - Vitória: Edição do Autor,
2022.

Modo de acesso: World Wide Web
<<http://www.maxwelldossantos.com.br>>

ISBN 9781526065841

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

CDD 028.5

CDU 087.5

Para Clara Marinho

Escrever não é sobre ganhar dinheiro, ficar famoso, conseguir encontros, transar ou fazer amigos. Escrever é magia, tal como é a água da vida ou qualquer outra arte criativa. Essa água é de graça, então beba-a.

Stephen King, escritor norte-americano

sumário

1. O tão sonhado sim	11
2. Contando a novidade	17
3. Assinando o contrato	22
4. A luta pela visibilidade	31
5. Uma porta aberta	36
6. Noite de autógrafos	42
7. Quanto vale ou é por like?	53
8. Ego ferido	63
9. No ar, na Rádio Colibri FM	72
10. Os desdobramentos da entrevista	82
11. A feijoada rende	90
12. Vou botar no pau	97
13. Esfolando o couro	107
14. O caso da Kelly	112
15. Castelo de mentiras	121
16. Chupinhando ideias	133
17. Laerte faz 18	143
18. Ganhando o público e a crítica	152
19. No Colóquio com Leal	164
20. Autografando Rebello Resiste	175
21. Só notícia boa	184
Posfácio	191
Notas	195
Sobre o autor	197
Contribua com a literatura	199

UM

o tão sonhado sim

DURANTE O SEGUNDO SEMESTRE DE 2017, Laerte mandou o original de sua obra, *Rebello Resiste*, a 50 editoras, boa parte delas se limitou a dar respostas-padrão: “a programação editorial está fechada”, “a obra não se enquadra com a linha editorial”, “a editora não está interessada na obra”, ou que “só recebiam originais encaminhados por agentes literários”.

Inspirado no movimento estudantil de ocupação das escolas ocorrido em São Paulo em 2015, o rapaz desenvolveu a trama, que abordava a luta de estudantes contra o fechamento do Colégio Rebello, posto a leilão pelo Banco Montenegro, por causa de uma dívida milionária, para uma construtora, com pretensões de construir um prédio de luxo.

Laerte, malgrado a paralisia cerebral que lhe limitava os movimentos das pernas, fazendo que o mesmo utilizasse muletas, além de dificuldades na fala, tinha um intelecto estupendo, além de uma personalidade forte e questionadora. Ele foi atrás das editoras que o deixaram no vácuo, ou recusaram seu original.

MAXWELL DOS SANTOS

Quando inquiriu Flora Virgílio, assistente editorial da Editora Fiorella, recebeu a áspera resposta:

Laerte,

A Editora Fiorella reserva-se ao direito de não justificar a recusa dos originais recebidos. Imagine se tivéssemos que justificar as recusas aos autores que nos enviam os originais? Se o fizéssemos, daríamos parecer e leitura crítica da obra de graça, e não somos pagos para isso.

Tempo é dinheiro, querido, temos mais o que fazer. Pedir um porquê da recusa do manuscrito demonstra uma falta de empatia de sua parte com a equipe editorial da Editora Fiorella, demonstra desconfiança em nosso trabalho de avaliação, e achar que temos obrigação de dar satisfações de nossas decisões editoriais.

Ademais, se dermos um parecer negativo da obra, há o risco do autor acionar judicialmente a editora, caso este se sinta ofendido.

Passar bem.

Adriane Quintella, CEO e editora da Quintella Editorial, agiu com a mesma descompostura:

Laerte,

Você precisa entender que meu silêncio já é uma resposta. A vida da gente é feita de perguntas, na maioria das vezes, nunca há respostas.

Sinceramente, não entendo o porquê dessa cobrança. Você acha que tenho obrigação de dar qualquer satisfação para você a respeito do que publico nesta casa editorial fundada por mim há dez anos?

A Quintella Editorial tem como política dar retorno apenas aos autores que tiverem seus originais aprovados.

Li o seu livro *Rebello Resiste*, e direi o que penso: Enredo fraco, personagens pouco carismáticos, narrativa maçante, e diálogos forçados.

Este texto precisa ser lapidado. Creio que você não leva jeito para a literatura. Aconselho que você desista da arte de escrever.

A Editora Bentinho criticou o viés da obra do moço:

Laerte,

As pessoas querem ler livros para relaxar e se divertir. Num livro, as pessoas buscam a fuga

MAXWELL DOS SANTOS

da realidade. Não querem saber de questões sociais, nem de debates polêmicos.

Rebello Resiste, não obstante o bom enredo, peca pelo perfil altamente maniqueísta das personagens, bem como o excesso de militância e ativismo, fazendo que esta obra não se encaixe no perfil da Editora Bentinho, que publica literatura de entretenimento.

Portanto, sua obra não tem viabilidade comercial. Em outras palavras, críticas sociais e ativismo não dão camisa a ninguém. Veja o exemplo de Lima Barreto, que escrevia livros com críticas sociais, mas terminou seus dias na mais absoluta miséria.

Respeitosamente,

Helga Fialho
Coordenadora Editorial dos selos Bentinho
Júnior e Bentinho YA

Quando Laerte estava determinado a jogar tudo para o alto, ele recebeu o telefonema de Sebastião Alvarenga, proprietário e editor da Edições Talismã, editora independente de Belo Horizonte:

— Pronto.

— Boa tarde, Laerte. Quem fala é Sebastião Alvarenga, da

Edições Talismã. Há alguns meses, você nos enviou o original *Rebello Resiste*, em que você aborda a luta dos estudantes contra o fechamento da escola, por uma dívida contraída pelo pai da dona da escola com o Banco Montenegro, que leiloou o terreno dado em garantia, arrematado por uma grande construtora, motivada a construir um prédio de luxo, com 2 apartamentos por andar, a 2 milhões de reais cada. Fiquei muito empolgado com a história, e tenho interesse em publicar sua obra.

— Sim, quanto custará a publicação?

— Nada, meu amigo. E você ainda receberá 5% de direitos autorais. Há a possibilidade da obra participar de compras governamentais, onde você poderá receber a parte que lhe cabe como autor.

— Que maravilha!

— Vi que você tem 17 anos. Pra assinar o contrato de edição, você tem que tá acompanhado de seus pais ou responsáveis, certo?

— Sim, Sebastião. Vou falar com a mamãe.

— OK, Laerte. Solicitarei que o jurídico prepare o contrato, pra que você e sua mãe assinem. Seria ótimo, se vocês pudessem vir a BH pra gente conversar. Não sendo possível, mando o contrato via Sedex, você e sua mãe assinam o contrato, reconhecem firma, e mandam de volta.

— Maravilha! Muito obrigado por acreditar em mim. Em tempos que as editoras só dão espaço a autores bestsellers estrangeiros, sua casa editorial ainda acredita nos autores nacionais.

— Laerte, sou um grande entusiasta da literatura brasileira e do autor brasileiro. A Edições Talismã existe pra romper esse complexo de vira-latas e essa mentalidade colonizada de que

autor brasileiro não escreve livro bom. Obrigado pela atenção. Até mais.

— Tchau, Sebastião.

Laerte contou para Larissa, sua mãe, a novidade:

— Mamãe, você não vai acreditar. Depois de tantos meses tomando não das editoras, recebi o telefonema de Sebastião Alvarenga, dono da Edições Talismã, comunicando a aprovação do meu original, *Rebello Resiste*.

— Parabéns, meu filho! Que maravilha! Deus te abençoe, viu? Você é um menino determinado. Tenho muito orgulho de você. Apesar das suas limitações, você corre atrás do que quer.

— Sebastião disse que vai preparar o contrato. Ele gostaria muito que a gente fosse pra Belo Horizonte conversar com ele, e assinar o contrato pra viabilizar a publicação do meu livro.

— A gente vai a Minas, se Deus permitir. Laerte, você não tem noção como eu tô feliz por você. É um verdadeiro tapa na cara naqueles que disseram que você não seria nada, que seria um peso na minha vida. Vou esfregar isso na cara do cachorro do seu pai, em vez de te pagar a pensão, gasta a grana em pinga, piranha e pedra.

— Onde é que ele anda, mamãe?

— O estrupício tá perambulando pelas ruas de Vitória. A sua avó não passa pano nas cachorradas dele. Ela e seu tio Márcio têm tentado interná-lo, mas ele se nega a se ajudar. Paciência. Seu pai tem o livre arbítrio, mas tem que arcar com as consequências.

DOIS

*contando a
novidade*

NO CORREDOR DA ESCOLA, Laerte, todo contente, relatou à Andréa, professora de Língua Portuguesa e Literatura, sobre seu êxito:

— Andréa, lembra daquele livro, *Rebello Resiste*, que mandei pra um monte de editoras, só tendo respostas negativas? Pois é, a Edições Talismã aceitou publicar meu livro. Daqui a alguns dias, eu e mamãe vamos a Belo Horizonte pra assinar o contrato de edição.

— Parabéns, querido! Você merece tudo de bom. Há alguns dias, você tava cogitando em desistir de publicar a obra. De repente, surge a Edições Talismã, que te abre as portas pra viabilizar seu sonho — disse a professora, dando um caloroso abraço e um beijo no rosto.

Na sala dos professores, Andréa conversou com Priscila, a pedagoga:

— O Laerte vai publicar seu primeiro livro pela Edições Talismã.

— E eu com isso?

— Nossa, Priscila. Que mau humor!

— Não é mau humor. Não vejo nada de excepcional um aluno de Ensino Médio e portador de paralisia cerebral publicar um livro. É a coisa mais banal do mundo. Não sei o porquê de tanto auê.

— Como você é fria e indiferente! Seu capacitismo é nojento e repulsivo!

— Não é capacitismo, Andréa. Eu tô sendo realista. Se você não gosta das minhas concepções, acha que sou amarga demais, só lamento.

— Priscila, corre à boca pequena que você tentou publicar um livro de poemas, mas foi recusada pelas editoras, tentou o edital da Secult, mas ficou na suplência, tentou a lei Rubem Braga, mas teve seu projeto recusado. Além disso, tentou entrar na Academia de Letras de Vitória, mas foi recusada. Tá explicado o seu ranço pela literatura.

— Queridinha, me reservo ao direito de não comentar fofquinhas da rádio peão. São comentários de uma gentalha que não tem uma trouxa de roupa pra lavar, ou um quintal pra carpir. Ah, dá licença!

— No fundo, você sente inveja do Laerte por ele vai publicar seu livro, e você, não.

— Vá encher o saco de outro, Andréa! — gritou Priscila, saindo da sala de professores, levantando o dedo do meio.

— Meu bem, isso pra mim é um dedo. Pra você, um desejo secreto — ironizou Andréa.

* * *

Larissa, acompanhada de Laerte, com a carteirinha de passe livre nacional, emitiu as passagens para si e para o filho no guichê da

Viação Castilho, na Rodoviária de Vitória. Sentados na poltrona da sala vip da empresa de ônibus, eles conversaram:

— Mamãe, tô tão ansioso com o encontro que teremos com Sebastião Alvarenga.

— Eu também, Laerte. Você alcançou o privilégio de publicar um livro. Muitos ficaram pelo caminho, infelizmente.

— Verdade, mamãe.

— Laerte, sempre gostei de ler. Era uma rata de biblioteca.

— O que você lia?

— Meus autores prediletos eram Monteiro Lobato, Machado de Assis, José de Alencar e Jorge Amado.

— O que você já leu de Jorge Amado?

— O livro que eu mais curti foi *Tieta do Agreste*, que já virou até novela.

— Eu li *Tocaia Grande*, que virou novela na extinta Rede Manchete. Consegui assistir alguns capítulos no MyVOD¹.

— Tive uma colega de classe no Ensino Fundamental, a Gardênia. Muito romântica e sensível, gostava de romances de banca de revista.

— Aqueles livros com nome de Júlia, Bianca e Sabrina. Já vi um desses na mão da Lara, a servente da escola.

— Gosto mais de literatura nacional, porque fala das coisas e das pessoas do Brasil. Nada contra os romances gringos, mas eles passam em terras distantes, falam de coisas tão distantes da nossa realidade.

— Mas tem gente que torce o nariz pra literatura brasileira. Batem no peito e dizem: “Não gosto de autor nacional”.

— Essas pessoas são umas idiotas. Não sabem o que tão perdendo. Laerte, tem gente que pensa que eu preciso me sujeitar a tudo, como se pensasse assim: “melhor pingar do que faltar”.

— Do que você tá falando, mamãe?

— De uma dondoca que me pediu pra fazer a formatação de um artigo científico nas normas da ABNT, mas achou caro ter pedido R\$ 7,00 a lauda. Disse que uma estudante de Biblioteconomia da UFES fazia por R\$ 3,50.

— Que absurdo! Ainda quis colocar preço em seu trabalho.

— Sim, Laerte. Mandeí que ela fizesse com a estudante de Biblioteconomia, que tava mais em conta. Se ficasse bom, a sorte seria dela, mas se ficasse ruim, que me procurasse. Ela ficou furiosa, mandou me ferrar, e falou que se eu continuasse nesse tom, teria muitas portas de freelancer fechadas. Mandeí ela pro inferno.

— É muita cara de pau, mamãe.

— Cara, dá vontade de queimar meu diploma de bibliotecária de tanta raiva. Na real, não tô disposta a me sujeitar a qualquer coisa, mesmo que eu passe necessidades, porque sei a profissional que sou e o duro que dei pra ter um diploma de bacharel em Biblioteconomia pela UFES.

— É verdade, mamãe.

— O que me deixa mais fula da vida são esses anúncios de empregos, principalmente pra minha área, que não têm o salário e os benefícios. Se não querem tratar no anúncio, que digam na primeira ligação ou e-mail ao candidato. Se aproveitando da crise que o país tá enfrentando, as escolas e faculdades tão fazendo muitas exigências pra pagar uma mixaria, às vezes, só com vale-transporte.

— Aí, é sacanagem.

— Participei do processo seletivo do Grupo Gabaritando. Tive que ir várias vezes à escola, pra fazer dinâmica de grupo, entrevista com o RH, e entrevista com Denise Falavinha, gestora das bibliotecas. Recebi a proposta final, cujo valor foi bem abaixo

do que pedi, e até abaixo do piso salarial para bibliotecários. Agradei a proposta, mas disse que não tinha interesse. Ainda perguntei o porquê do grupo não ter colocado a remuneração.

— O que ela respondeu, mamãe?

— Denise respondeu que não mostrar o salário nos anúncios seria uma estratégia pra captarem profissionais, independente de quanto eles valem. Ela ainda disse que salários são confidenciais, pediu que imaginasse a faixa salarial exposta em anúncios no mercado, como se fossem produtos na prateleira, e que a exposição dos salários culminaria ao fracasso da estratégia de remuneração do Grupo Gabaritando.

— O que você respondeu?

— Respondi que o processo de recrutamento e seleção do Grupo Gabaritando tava defasado, enquanto candidata, tinha o direito de saber a remuneração, pra saber se teria interesse de me aplicar à vaga ou não. Perguntei se isso era um leilão invertido, onde leva quem tá mais desesperado. Denise ficou furiosa, e gritou: “ponha-se pra fora daqui!”, “quem você pensa que é?”, “tomara que continue desempregada, sua insolente!”. Chamaram os seguranças pra me levar à porta.

— Nossa! Que mulherzinha estressada!

— Muito me admira uma pessoa, responsável pelo sistema de bibliotecas das escolas Gabaritando e do UniGAB, mostrar destempero diante de perguntas desconcertantes. Denise demonstrou não ter inteligência emocional, não tá acostumada a ouvir verdades, não gosta ter suas ideias colocadas em crise, porque ela tem a síndrome do pequeno poder. Depois, uns e outros me chamam de impulsiva, geniosa e barraqueira. Vai vendo.

TRÊS

*assinando o
contrato*

ÀS SETE DA MANHÃ, Laerte e sua mãe chegaram à Rodoviária de Belo Horizonte, onde foram recepcionados pelo próprio Sebastião.

— Bom dia, Laerte. Seja bem-vindo a Belo Horizonte. Como foi a viagem?

— A viagem transcorreu bem, Sebastião.

— Essa moça bonita é a sua mãe, Laerte?

— Sim, meu nome é Larissa, a mãe do Laerte.

— Você tem um filho prodígio nas letras.

— Desde pequeno, Laerte gosta de ler. Apesar da limitação motora causada pela paralisia cerebral, ele nunca esmoreceu, sempre se mostrando muito determinado. Dei à luz ao Laerte, aos 14 anos., ainda adolescente. Morei com o pai dele até 2012. Devido às galhas que o traste me pôs com prostitutas, além do vício em crack, acabei me separando dele.

— Antes de se enveredar nessa desgraça da droga, com o perdão da palavra, o que ele faz ou fazia da vida?

— Jean, pai do Laerte, e meu ex-esposo, era um cara traba-

lhador e esforçado. Trabalhava como instrutor na Dáctilus, uma escola de informática, onde o conheci, em 1999. Fizemos o curso de informática juntos. Aprendemos Introdução à Informática, MS-DOS, Windows 98, Word 97, Excel 97, PowerPoint 97, Internet, Corel Draw 7.0 e PageMaker 6.5. Foi minha madrinha quem me pagou o curso, porque meus pais não tinham condições financeiras. O cara tá se afundando na pedra, a cada vez que o vejo, tá cada vez mais magro. Tudo culpa dos falsos amigos.

— Que tragédia, meu Deus! Esse crack é uma porcaria, um atraso de vida!

— Dona Evânia, minha ex-sogra, tá profundamente desgostosa com essa situação. Ela e Márcio, tio de Laerte, tão tentando internar o Jean compulsoriamente numa clínica pra viciados em drogas, mas ele não se ajuda, nem se reconhece como viciado.

— O primeiro passo é justamente reconhecer que precisa de ajuda.

— O cara é cheio de si, é orgulhoso, e não dá o braço a torcer.

— É complicado, minha filha. Se o cara não quer se ajudar, quem vai ajudá-lo?

— É verdade, Sebastião.

— Mudando de assunto, Larissa, eu li o manuscrito do Laerte. É uma obra impactante, mas sensível, que trata da luta dos estudantes para evitar o fechamento de uma escola particular, ainda mais que acolhe crianças e adolescentes com necessidades especiais. Fiquei chocado, ao ver em que ponto chega a ganância do ser humano, personificada na pessoa da presidenta do Banco Montenegro, e no dono da Cariello Engenharia, com vistas a construir um prédio de bacana no terreno da escola.

— Pelo dinheiro, as pessoas são capazes de matar e morrer, Sebastião.

— O mundo que vivemos é movido pelo capitalismo selvagem, Larissa.

Já na editora, Laerte e sua mãe assinaram o contrato de edição de *Rebello Resiste*. Sebastião, com sua câmera Canon T2i acoplada num tripé, gravou um vídeo para as redes sociais:

— Olá, pessoal. Hoje ocorreu mais uma assinatura de contrato de obra na Edições Talismã. Trata-se do jovem Laerte Medeiros Maia, que publicará seu primeiro livro por esta editora, *Rebello Resiste*, trazendo o debate sobre inclusão e especulação imobiliária. Laerte, dê uma palavrinha pros nossos seguidores.

— Oi, gente. Meu nome é Laerte Medeiros Maia, tenho 17 anos, e moro em Vitória. *Rebello Resiste* é meu primeiro livro. Tô muito feliz em poder publicar meu livro pela Edições Talismã. Meu livro fala da estória de jovens que lutam pra evitar o fechamento do Colégio Rebello, em virtude de uma dívida contraída com o Banco Montenegro, que leiloa o terreno à Cariello Engenharia, com planos de construir um prédio de luxo. Não vejo a hora de poder autografar minha obra. Até mais.

À tarde, Laerte, Sebastião e Larissa foram almoçar no Mercado Municipal. O editor e a mãe da jovem promessa da literatura infantojuvenil brasileira conversaram, enquanto o rapaz ficou em silêncio, saboreando seu prato.

— Sebastião, me conte sobre sua vida.

— Larissa, eu nasci em Teófilo Otoni, a cidade das pedras preciosas, localizada no Vale do Mucuri, em 1960. Sou o mais velho de 12 filhos. Era um rato de biblioteca, amava, e ainda amo os clássicos da literatura brasileira e universal. Me formei em Letras-Português na UFMG, em 1982. Em 1983, trabalhei como revisor na *Gazeta dos Inconfidentes*. Em 1984, fui para Editora Manuelzão, onde trabalhei como assistente editorial, editor e gerente editorial. Saí de lá em 1998, para comandar o núcleo

editorial de Minas Gerais da Editora Constantino, e lá fiquei até 2008, quando fundei, com Cláudia Alvarenga, minha esposa, a Edições Talismã.

— Deus te abençoe rica e abundantemente por abrir as portas pra publicação do livro do meu filho, porque o vi chorando diante das respostas agressivas dadas por algumas editoras, deixando-o pra baixo. Uma editora disse que ele não levava jeito pra literatura, aconselhando que ele desistisse. Uma outra casa editorial disse que críticas sociais e ativismo não dão camisa a ninguém. Chegou a citar Lima Barreto, dizendo que ele escrevia livros com críticas à sociedade, terminando seus dias na miséria.

— Esse pessoal não sabe o que tá falando. Como dizem aqui em Minas, eles só sabem balangar beijo. Vão se arrepender amargamente, tão logo *Rebello Resiste* chegue à praça. A obra vai arrebentar a boca do balão, se Deus quiser.

— Sim, Sebastião. O Laerte vai calar a boca de muita gente, principalmente daquela pedagoga insuportável do Marien Calixte, a Priscila. Que vontade de dar um soco nas fuças daquela vadia.

— Por que tanta violência, minha filha?

— Ela é uma escritora frustrada, que acaba com a autoestima do Laerte, destilando frases capacitistas. Essa mulher é tão ressentida, que nunca obteve uma menção honrosa do concurso literário da Academia de Letras de Piraporinha do Bom Jesus.

— Que mulher tóxica!

— Tóxica é elogio. Ela é a mulher mais odiada do Marien Calixte. Não há um pai ou mãe de aluno que não tenha sentido vontade de dar uns tabefes nela, porque ela é antissocial, abusada e escrota. Os professores fazem seu planejamento com a Natália, a outra pedagoga, uma gracinha de pessoa. Por muito

pouco, o Helder, professor de Educação Física não sentou um cachação naquela serve do cramunhão.

— Por qual razão?

— Ele queria ministrar aulas de taekwondo, arte marcial que ele é faixa preta e campeão sul-americano, mas a bonita vetou, alegando que os alunos poderiam ficar violentos. Helder refutou, dizendo que a prática desportiva corrobora com a disciplina, por tornar alunos mais participativos nas aulas. Priscila não quis conversa, mandou que Helder se limitasse a ministrar as aulas conforme o currículo da SEDU, e parasse de inventar moda. Ele se levantou da cadeira e daria um tapa na cara da praga, mas veio Natália pra apaziguar os ânimos.

— De fato, de pedagoga, essa Priscila só tem o diploma.

— É o que dá estudar em qualquer portinha que chamem de faculdade.

— Verdade.

— Sebastião, por que pra um autor iniciante é tão difícil publicar seu primeiro livro?

— Larissa, em mais de 30 anos de mercado editorial, já vi de tudo que você possa imaginar. Hoje em dia, você só consegue publicar se tiver quem indique, o famoso QI, seja por conhecer um autor famoso ou um agente literário, que faz a análise do original, no objetivo de mensurar sua viabilidade comercial e editorial.

— É mesmo? Não sabia.

— Algumas grandes editoras só recebem originais por meio dos agentes literários, que cobram caro dos autores por seus serviços.

— Que pena!

— Infelizmente, são muitos autores querendo publicar seu primeiro livro, mas poucas editoras para absorver a demanda.

Então, surgem gráficas disfarçadas de editoras, que fazem a publicação da obra, deixando o autor à própria sorte, no tocante à distribuição e à divulgação. No fim das contas, o autor fica com uma pilha de livros debaixo da cama. Há muito preconceito com o chamado livro de autor, porque basta ter dinheiro pra ser publicado, não é igual à uma editora tradicional, que recebe o original, o avalia, e se for interessante, o publica.

— É muita picaretagem, né?

— As obras publicadas pelas Edições Talismã são muito benquistas, tanto pela imprensa Brasil afora, como pelo público e pelos formadores de opinião. Alguns livros publicados por esta casa editorial já foram indicados ou ganharam prêmios literários, como o Jabuti, o Oceanos, o São Paulo de Literatura, e o FNLIJ. Certamente, terei o prazer de inscrever a obra do Laerte em tais certames, quando aplicável. Ao contrário do que dizem uns e outros, prêmio literário não é pra satisfazer vaidade de autor, mas reconhecer o mérito profissional de todos os profissionais envolvidos na indústria do livro, como o editor, o preparador de originais, o tradutor, o capista, o diagramador etc.

— Por conta dessa paixão pelos livros, fiz Técnico em Biblioteconomia na Escola Fernando Duarte Rabelo, e Biblioteconomia pela UFES.

— Que interessante!

— Entre 2012 e 2016, fui bibliotecária numa faculdade particular de Vitória, que faliu, sem pagar meus direitos trabalhistas. A desculpa era que a instituição teve uma queda brutal nos lucros, em virtude da diminuição dos financiamentos do FIES.

— É muita sacanagem!

— Desde então, embora não seja uma obrigação dela, dona Evânia, avó do Laerte, tem nos ajudado com dinheiro e alimen-

tos. Eu faço fichas catalográficas e formatação de trabalhos acadêmicos nas normas da ABNT pra complementar a renda.

— Não tá fácil pra ninguém.

— Sebastião, eu tô é triste e desiludida com a profissão de bibliotecária, porque as escolas e faculdades fazem muitas exigências, e pagam uma mixaria. Algumas não colocam remuneração, só dizendo a mesma nas etapas finais do processo seletivo. Outras chegam a pedir pretensão salarial, transformando a seleção de pessoas no leilão invertido, onde vence quem pedir menos. Tenho feito entrevista, mas não passo nenhuma. Minha última aplicação foi pra vaga de bibliotecária na Escola Ariel, no Ibes, bairro de Vila Velha, cidade próxima a Vitória. Fui entrevistada pela própria dona. Ela me eliminou do processo, alegando buscar uma bibliotecária mais novinha, recém-formada, para pagar menos. Para dona Ariel, eu com 31 anos, caminhando pros 32, já passei do prazo de validade.

— Meu Deus! Onde é que vamos parar?

— A mentalidade de certos empregadores é que a pessoa mais velha já se mostra mais rebelde a aceitar certas coisas, já não tolera certos abusos. Isso se chama etarismo. Vou começar a estudar pra concurso.

— É uma boa ideia, Larissa.

— Vi o anúncio do grupo de bibliotecários no Pigeon, aplicativo de mensagens, que a escola Arnold procurava uma bibliotecária que falasse inglês fluente. Perguntei: A escola é bilíngue, ou tem projeto de se tornar uma? A analista de RH me chamou no privado, confessando que era um mecanismo para qualificar os candidatos, face ao grande número de candidatos para a vaga.

— Desse jeito, a vaga continua em aberto.

— Pior mesmo foi a vaga na Faculdade Barreto, exigindo cinco anos de experiência comprovada. Argumentei que a CLT

proíbe exigência superior a 6 meses da mesma função. A mulher responsável pela faculdade disse que a empresa é livre para estabelecer regras de contratação, que a legislação trabalhista é ultrapassada, criando entraves ao empreendedor, que a mesma é bonita no papel, mas não pega, me sugeriu parar de bancar a jurista, pois como advogada trabalhista, era uma ótima bibliotecária.

— Nossa, a mulher tava com a ferradura afiada!

— A real é que eles não gostam de pessoas que pensam, com opinião própria. Gostam de pessoas alienadas, despolitizadas e submissas. Fui expulsa do grupo. Não perdi nada.

Após um silêncio, Laerte perguntou:

— Sebastião, quando é que *Rebello Resiste* vai entrar no prelo?

— Laerte, há mais quinze obras na sua frente, que serão publicadas entre o segundo semestre de 2017 e o primeiro semestre de 2018.

— Obrigado pela informação. Ouvi você e mamãe conversando sobre o mercado editorial, e queria te fazer uma pergunta: O que você acha dos myvodders¹ escritores?

— Alguns myvodders, Laerte, não conseguem escrever uma receita de pão de queijo, que dirá um livro. Até mesmo minha mãe, dona Leocádia, de saudosa memória, só com a quarta série do antigo primário, conseguia passar a limpo essa receita desse pão com cheiro e gosto singular, transmitindo tal saber às suas filhas, netas e bisnetas. A bem da verdade, meu filho, é que esses livros de influenciadores são escritos por profissionais chamados ghostwriters, contratados pelas editoras pra escrever o conteúdo, mas os créditos ficam com os myvodders.

— Interessante. Dá uma dor no peito ver esses influenciadores fazerem mais sucesso do que escritores profissionais. Certa feita, fui à livraria, e vi, na seção de livros infantojuvenis, vários

livros de myvoddors e artistas teens. Os livros de ficção juvenil eram quase todos da gringa.

— As editoras, sobretudo as grandes, só investem naquilo que dá retorno imediato, mesmo que o conteúdo seja discutível. Por conseguinte, elas preferem comprar os direitos de livros já consagrados no exterior e traduzi-los, em vez de investir no autor nacional. Em relação a esses famosinhos, não ligue pra eles, Laerte. Eles sumirão na velocidade da luz.

No fim da tarde, Laerte passou na Igrejinha da Pampulha, onde agradeceu a Jesus Cristo pela grande conquista. Às vinte e duas horas, Laerte e Larissa foram para a Rodoviária de Belo Horizonte, e embarcaram de volta para Vitória.

* * *

Durante o primeiro semestre de 2018, *Rebello Resiste* entrou no prelo, com muitas trocas de e-mails entre a equipe editorial do selo mineiro e Laerte. O rapaz precisou fazer ajustes no texto sugeridos por Sebastião. Após os ajustes textuais, o texto começou a ser diagramado. A capa e as ilustrações foram feitas por Dizinha Júnior, artista plástico formado pela Escola Guignard da UEMG.

A boneca do livro chegou pelo correio para Laerte, que sugeriu algumas mudanças. Após estes ajustes, Sebastião ordenou que o livro fosse impresso. Os detalhes do evento estavam sendo fechados pelo departamento de comunicação da Edições Talismã.

QUATRO

a luta pela visibilidade

DIAS ANTES DO LANÇAMENTO, *Rebello Resiste* foi enviado por Wendy Rezende, assessora de imprensa da Edições Talismã, para as redações dos principais jornais do Estado: *O Vitoriense*, *O Moxuara*, *O Mestre Álvaro* e *Vitorinha News*. A jornalista conversou com Renata Braga, repórter responsável pela resenha dos livros n’*O Moxuara*:

— Boa tarde, Renata, por gentileza.

— Quem é?

— Quem fala é o Wendy Resende, assessora de imprensa da Edições Talismã. Mandeí via correio pra você um exemplar do livro *Rebello Resiste*, do autor capixaba Laerte Medeiros Maia, além de um release que foi pro seu e-mail. A obra será lançada no dia 11 de agosto, na Biblioteca Pública do Espírito Santo. Gostaria de saber se é possível fazer a resenha da obra?

— Olha, Wendy, eu só faço resenha de livros que são best-sellers.

— Como o livro vai ser bestseller, se o autor nacional não tem espaço?

— O autor nacional reclama que não tem oportunidades. Ninguém dá oportunidades. O autor que as cria. Este é um jornal comercial, que visa o lucro. Logo, só faço resenha de autores consagrados, principalmente os autores anglófonos.

— Como que ele criará as oportunidades?

— Investindo na sua divulgação nas redes sociais, no marketing pessoal.

— Poxa vida, esperava mais acolhimento deste jornal, ainda mais pelo fato do autor ser capixaba, publicando o primeiro livro.

— Não se pode esperar nada dos outros. Ninguém ajuda ninguém, se não tiver o que oferecer.

— Desse jeito, como a literatura nacional pode ter espaço?

— Wendy, desculpa a franqueza, mas você tem complexo de Poliana. Tem uma visão muito romantizada do mercado literário e do jornalismo cultural, onde todo mundo é amigo de todo mundo, mas não é bem assim. É cada um por si e Deus por todos. É assim que funciona.

— Não deveria ser assim. Graças ao complexo de vira-lata e ao egoísmo, a literatura estrangeira tá nadando de braçada. Quantos livros nacionais você leu este ano?

— Isso não vem ao caso.

— Você tá saindo pela tangente, Renata.

— Não te devo satisfação das minhas leituras.

— Nossa, tá com a ferradura afiada!

— Não gosto de abordagens invasivas como a sua. O autor só tem espaço na imprensa, se ele for relevante. O Laerte é um autor iniciante, tem um caminho pela frente. É cruel, injusto, mas é assim que funciona. Me dá licença, porque preciso terminar uma resenha. Boa tarde.

Wendy ligou para Sebastião, relatando a conversa com a repórter d'*O Moxuara*:

— Olá, Sebastião. É a Wendy falando.

— Oi, Wendy, boa tarde. Cê tá boa, filha?

— Tudo ótimo, Sebastião. Liguei agora há pouco pro jornal *O Moxuara*. Acredita que a jornalista responsável pela resenha dos livros disse que só dá espaço pra livro de autor bestseller?

— Nada de novo debaixo do sol. Há jornalistas com complexo de vira-latas, colonizados, com desprezo a tudo que seja do Brasil. Parece que têm vergonha do Brasil e da cultura brasileira. Me mantenha informado, caso haja algum registro de *Rebello Resiste*.

— Tá certo, Sebastião. Um abraço.

— Outro, Wendy.

Wendy ligou para Raíssa, produtora do programa *Capixabinha Cult*, da TV Moxuara:

— Boa tarde, Raissa, por gentileza.

— Sou eu.

— Quem fala é o Wendy Resende, assessora de imprensa da Edições Talismã. Mandeí via correio pra você um exemplar do livro *Rebello Resiste*, do autor capixaba Laerte Medeiros Maia, além de um release pro seu e-mail. A obra será lançada no dia 11 de agosto, na Biblioteca Pública do Espírito Santo. Você recebeu o release? Gostaria de saber se a pauta rende pro programa?

— Vamos avaliar. Havendo interesse, entraremos em contato.

— Esse “vamos avaliar” é uma forma educada de dizer não. Com todo o respeito, você tá sendo evasiva.

— Queridinha, quem você pensa que é pra falar comigo nesse tom? Você tá ficando impertinente.

— Você que tá se vitimizando à toa. Apenas falei a verdade, acerca da sua tergiversação em relação ao aceite da sugestão de pauta. Não gosto de mentira.

— Wendy, baixa sua bola, pro seu próprio bem. Imagina se eu tivesse que explicar todas as recusas de sugestões de pauta? Recebemos 600 e-mails por dia com sugestões de pauta. Nem todo lançamento de livro é notícia. Pra que uma sugestão de pauta vire reportagem, ela precisa seguir alguns critérios: O primeiro é a relevância, ou seja, a obra tem impacto na vida das pessoas. Não é o caso do livro do Laerte. O segundo é a novidade, se o autor publica seu primeiro ou último livro. O terceiro, é a proximidade, seja ela geográfica ou cultural, nesse caso, o livro do Laerte passa nesse quesito. O quarto é a notoriedade, se o autor é famoso ou uma autoridade na área. Laerte é um mero estudante de Ensino Médio da Rede Estadual, lançando seu primeiro livro, com viés panfletário. Se fosse um doutor em Geografia Urbana, lançando sua tese sobre especulação imobiliária, seriam outros quinhentos.

— Se fosse um lançamento da Carina Rissi em Vitória, certamente seria notícia, né?

— Carina Rissi é uma escritora consagrada no gênero chick lit. O Laerte está lançando o primeiro livro dele. A temática do livro é problemática demais pra ser veiculada no horário do *Capixabinha Cult*, porque fala contra bancos e construtoras, nossos anunciantes na TV. A pauta sugerida não rende uma reportagem, porque não dá íbope, não atrai a atenção do público.

— Eu só peço uma oportunidade para que o Laerte mostre sua obra no programa.

— Wendy, não tem espaço pro livro do Laerte neste programa. Fim de papo. Tá fora de questão. Tchau pra você.

— Você é uma produtora rude e mal-educada. Você vai se arrepender amargamente de não ter dado espaço ao Laerte.

— Vai encher o saco de outro, mulher! Passar bem.

A assessora de imprensa da editora mineira ligou para

Dayane Sarraceno, apresentadora e diretora do programa *Movimentando*, da TV Vitoriense:

— Boa tarde, Dayane, por gentileza.

— Sou eu.

— Quem fala é o Wendy Resende, assessora de imprensa da Edições Talismã. Mandeí via correio pra você um exemplar do livro *Rebello Resiste*, do autor capixaba Laerte Medeiros Maia. Mandeí também pro seu e-mail o release da obra. A obra será lançada no dia 11 de agosto, na Biblioteca Pública do Espírito Santo. Gostaria de saber se a pauta rende pro programa?

— Vou mandar logo a real pra você, Wendy. *Rebello Resiste* é um livro muito bem escrito, mas mexe com interesse de muita gente poderosa, como bancos e construtoras, que são nossos anunciantes. A última coisa que um anunciante deseja são notícias desabonadoras a seu respeito, expostas diretamente, por meio dos nossos telejornais, ou indiretamente, através de um livro com críticas sociais. Laerte, enquanto pessoa com deficiência, tem uma história de vida muito bonita, marcada pela superação, algo formidável e maravilhoso. Se dependesse de mim, faria uma matéria sobre a vida do Laerte e de seu livro. Se essa matéria fosse ao ar, no dia seguinte, os departamentos de marketing dos bancos e das construtoras pediriam a cabeça de toda a equipe do *Movimentando*, culminando no fim do programa. É triste, mas real.

— Que pena!

— Também acho. Desejo boa sorte ao Laerte. Um beijo.

— Outro, meu bem.

CINCO

uma porta aberta

— ALÔ, eu falo com Laerte Maia?

— Sim, sou eu.

— Meu nome é Jéssica Prandini, repórter do *Milênio Hodierno*. Gostaria de fazer uma entrevista com você, a respeito do seu livro *Rebello Resiste*.

— Fique à vontade, Jéssica.

— Tá certo, Laerte. Vou te fazer algumas perguntas.

— Pode fazer.

— Como surgiu a inspiração para escrever a obra?

— Acompanhei todo o movimento de ocupação das escolas em 2015, em São Paulo, e em 2016, contra a reforma do Ensino Médio, da qual participei ativamente. Soube que uma escola particular de Vitória seria fechada por uma dívida com banco. Era uma instituição que tinha um projeto muito bonito de inclusão de crianças e adolescentes com necessidades especiais, além de conceder bolsas integrais a alunos carentes.

— A especulação imobiliária destrói os espaços.

— É verdade, Jéssica. Nos bairros nobres, as construtoras compram as casas pra construir prédios.

— Fale sobre o processo criativo de *Rebello Resiste*.

— Sou aluno da Escola Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Jornalista Marien Calixte. À tarde, tive aulas de escrita criativa com a professora Andréa, onde aprendi diversos gêneros literários em prosa, como conto, crônica, ensaio, novela e romance, sendo que os dois últimos foram o que mais me empolgaram.

— Foi aí que a ideia do seu livro deslanchou?

— Sim. Foram as aulas de Andréa, que me deram régua e compasso pra que eu pudesse escrever *Rebello Resiste*. Sou eternamente grato a ela, a quem tenho em grande estima, não só por ser uma professora competente e com uma boa didática, mas pela pessoa doce e carinhosa que ela é. A professora fez a leitura crítica do original, dando sugestões acerca do enredo e do desenvolvimento das personagens.

— Quais os desafios que você encontrou até obter uma editora para sua obra?

— As editoras, principalmente as grandes, só publicam obras de autores estrangeiros, principalmente os de língua inglesa. Autores nacionais só conseguem publicar livros se forem famosos, tipo os influenciadores digitais, ou tenham um agente literário que os apresentem às editoras. Mandeí meu original a diversas editoras, só obtendo respostas-padrão, por vezes, com respostas indelicadas e agressivas. Após tantas portas na cara, consegui um contrato com a Edições Talismã, que editou o livro, e o lançamento será no dia 11 de agosto, no Dia do Estudante, a partir das 19 horas, na Biblioteca Pública do Espírito Santo.

— Quais são os autores que te inspiram?

— Enumerar os autores seria injusto. Particularmente, o autor que mais gosto é Jorge Amado. Ele, como poucos, soube colocar o dedo na chaga das questões sociais. Pra uns e outros, é preciso manter o status quo. Esse conformismo foi manifestado por uma profissional do livro, que me recuso a citar o nome, por motivos éticos, ousou dizer que críticas sociais não vendem livros, citando o exemplo do escritor Lima Barreto, dizendo que ele terminou seus dias na miséria.

— Laerte, as editoras gostam da chamada literatura de entretenimento. Essa literatura engajada, com críticas sociais, desagrada as mesmas, por colocar o dedo na ferida das contradições da burguesia e do status quo vigente. Lima Barreto, por meio de *Clara dos Anjos*, denunciava a discriminação social. Aluísio Azevedo, em *O Mulato*, apontava a hipocrisia do clero e da burguesia. Isso perdura até hoje. Muito obrigada pela entrevista. Ela entra no ar no início da noite. Um abraço.

— Outro, Jéssica.

Os editores dos cadernos culturais d'*O Mestre Álvaro* e do *Vitorinha News* se limitaram a dar uma notinha na seção de lançamentos.

Rebecca Resieri, colunista social d'*O Mestre Álvaro*, deu registro do lançamento:

Aluno literato

Laerte Medeiros Maia, aluno da Rede Estadual, lançará seu primeiro livro *Rebello Resiste* no Dia do Estudante, às 19 horas, na Biblioteca Pública do Espírito Santo.

Priscila, ao ver o registro na coluna da Rebecca, não deixou de destilar o seu veneno:

— Em priscas eras, as colunas sociais eram frequentadas por pessoas da alta sociedade capixaba. Agora um aleijadinho tem acesso à coluna, só porque vai publicar um livro. É o fim da picada.

À noite, Andréa ligou para Laerte:

— Oi, Laerte. Sou eu, a Andréa.

— Oi, Andréa. Boa noite.

— Saiu uma notinha, na coluna da Rebecca Resieri, falando do lançamento do seu livro. Tá famoso, hein?

— Eu não vi a coluna, Andréa.

— Laerte, eu tô ansiosa pelo lançamento do seu livro. Li a entrevista que você deu ao *Milênio Hodierno*, na qual você falou tão bem de mim. Muito obrigada pelo carinho.

— Não precisa agradecer, Andréa. Você é uma pessoa que me cativa tanto, não só a mim, mas também meus colegas do Marien Calixte. Desde o primeiro momento, você cativou a gente com seu sorriso fácil e olhar meigo. Sempre tem uma palavra de conforto, nos momentos que a gente tá pra baixo.

— Não fala assim, meu bem, que fico vermelha de vergonha.

— Andréa, você acha que os fins justificam os meios?

— Laerte, depende muito das circunstâncias. Por que você está me perguntando isso?

— Hoje, um escritor chamado Alan Severiano dos Passos Filho, armado com uma pistola ponto 40, invadiu os estúdios da TV Mestre Álvaro, fazendo a apresentadora Thayná Juvêncio e a equipe de produção do programa dela como reféns.

— Meu Deus!

— Ele reclamava que não conseguia oportunidade para divulgar seu romance, feito com o apoio do Funcultura, da Secult, que havia contactado várias vezes a produção do programa, só obtendo respostas evasivas. Dizia que a emissora

estava agindo com o racismo com ele, por ser preto e morador de Terra Vermelha, que se ele fosse branco e morador da Praia da Costa, as portas se abririam.

— É uma medida extrema.

— Eu também acho, Andréa. Algumas pessoas vão dizer que isso não passa de vitimismo, e mimimi, que racismo não existe, mas a imprensa é racista. Já reparou no perfil dos escritores que conseguem espaço na imprensa?

— Sim, geralmente são brancos, e do eixo Rio-São Paulo.

— Qual é o título, e do que se trata o livro do Alan?

— *Influencer nem é gente*. O romance revela os bastidores das influenciadoras digitais e suas práticas espúrias. Tudo começa quando Lizandra Boechat, com mais de 250.000 seguidores, propõe uma parceria de divulgação pra um restaurante japonês, em troca de comida. No entanto, o dono demonstra desinteresse na parceria. Então, Lizandra faz posts difamando o estabelecimento, causando danos irreversíveis à imagem do mesmo.

— É um livro forte. Vai de encontro com muitos interesses.

— Foi por isso que ele não conseguiu espaço no *Programa Thayná Juvêncio*. Vai que ela é amiga de alguma influencer, que poderia vestir a carapuça?

— Verdade, Laerte. A mídia é um grande jogo de interesses.

— Sim, Andréa. Já passou da hora de haver regulamentação dos meios de comunicação, que tão concentrados na mão de poucas famílias. Se houvesse uma lei de meios, como a implantada na Argentina, Alan não precisaria ter usado a força bruta para conseguir seu espaço. O escritor conseguiu transmitir o seu recado. Ele se rendeu após a chegada da CIMEsp. Foi levado pro DPJ de Vitória, sendo autuado por porte ilegal de arma, cárcere privado, roubo com emprego de arma de fogo, em virtude de ter

usurpado o espaço televisivo e constrangimento ilegal, sendo encaminhado pro Centro de Detenção Provisória de Viana.

— Laerte, foi bom falar com você, mas minha bebezinha tá chorando, querendo o tetê dela. Um beijo, querido.

— Outro, Andréa.

Laerte estava ansioso pelo lançamento.

SEIS

noite de autógrafos

LAERTE NÃO FOI À ESCOLA. Saiu com a mãe para o Centro de Vitória, e foi para Atacadão da Moda, na Avenida Jerônimo Monteiro, comprar a roupa que ele usaria no lançamento.

— Laerte, o que você acha dessa calça jeans preta e dessa camisa polo? – perguntou Larissa.

— Vou provar pra ver se fica bom, mamãe – respondeu Laerte.

— Vai lá. Eu te acompanho.

Laerte foi ao provador. Com o auxílio da mãe, provou a roupa.

— O que achou da roupa?

— Achei massa.

Larissa conversou com Dênis, o vendedor:

— O Laerte já escolheu a roupa.

— Vamos pro caixa fechar a compra.

Após pagar pela roupa, Laerte e Larissa saíram da loja.

Rebello Resiste foi lançado na Biblioteca Pública do Espírito

Santo, onde compareceram seus parentes, amigos, colegas do terceiro ano do Ensino Médio, Sâmela, sua professora de AEE, e Andréa.

Laerte fez seu discurso:

Boa noite a todos e todas,

*Quero primeiramente agradecer a Deus, por ter me dado a bênção de poder trazer a público o livro *Rebello Resiste*, que está sendo lançado esta noite, aqui na Biblioteca Pública do Espírito Santo.*

Quero também aos parentes, colegas do Marien Calixte, e amigos que vieram prestigiar este lançamento. Especialmente, agradeço à minha professora Andréa, que foi minha leitora crítica, minha leitora beta, contribuindo para o processo criativo do livro, que hoje está sendo posto à praça.

Rebello Resiste surgiu nos calores da luta estudantil. Acompanhei todo o movimento dos estudantes de São Paulo que lutaram contra a reorganização das escolas. Ano retrasado, participei da ocupação das escolas contra a reforma do Ensino Médio.

*Como sempre digo, foram as aulas de escrita criativa da professora Andréa que me deram régua e compasso para que eu conseguisse escrever *Rebello Resiste*.*

*Peço licença para citar os versos da canção *A estrada, do Cidade Negra*: Você não sabe o quanto eu caminhei/Pra chegar até aqui/Percorri milhas e milhas antes de dormir/Eu nem cochi-*

MAXWELL DOS SANTOS

lei/Os mais belos montes escalei/Nas noites escuras de frio chorei.

Até obter o sim da Edições Talismã, tomei muitos nãos de editoras. Chegou uma hora que eu queria desistir. Sou muito grato ao Sebastião Alvarenga, dono da Edições Talismã, por ter acreditado neste projeto.

É muito triste ver o desprezo das editoras pelos autores nacionais. Elas preferem publicar livros de autores estrangeiros já consagrados a investir nos valores da nossa terra, pelo fato destes já serem consagrados, mas que falam de coisas distantes da nossa realidade.

Como se não bastasse, tem gente que torce o nariz até para os autores do Espírito Santo. Graças a Deus, a qualidade técnica dos livros publicados aqui melhorou consideravelmente, com projetos gráficos que não deixam nada a dever a editoras do eixo Rio-São Paulo.

Um apelo que faço: leiam autores nacionais, comprem livros de autores brasileiros, principalmente daqueles que produzem literatura no Espírito Santo.

Muito obrigado!

Andréa também fez o uso da palavra:

Boa noite, pessoal,

Quero dar os parabéns ao meu aluno Laerte, após tanta luta, conseguiu viabilizar seu primeiro livro, Rebello Resiste, após um período

de muita luta, conseguiu publicar seu livro. Laerte é um jovem decidido.

Apesar da paralisia cerebral, que traz limitações motoras e na fala, é um aluno esforçado, e que participa das minhas aulas.

Vi a alegria e o entusiasmo dele, quando disse que ofertaria a oficina de escrita criativa no contraturno. Na mesma, abordei diversos gêneros textuais em prosa, como conto, crônica, ensaio, novela e romance. A semente de Rebello Resiste foi germinada lá.

Acompanhei o processo criativo do livro do Laerte, auxiliando-o com leitura beta e leitura crítica da obra, fazendo sugestões quanto aos rumos do enredo das personagens. É uma obra que incomoda, porque toca o dedo na ferida da especulação imobiliária, fala da destruição dos espaços, a verticalização das cidades. O mais doído é que se trata de uma escola particular, mas com uma perspectiva inclusiva.

Sobre a questão, Laerte tem lugar de fala, porque participou da ocupação das escolas contra a reforma do Ensino Médio. E a história fala da mobilização dos estudantes para impedir o fechamento e a demolição da escola, para que essa vire um prédio de bacanas ou de especuladores.

É um livro que vale a pena ler, porque fala de amizade, cooperação, da necessidade de se lutar pelos ideais, além de debater inclusão dos alunos na rede particular, visto que muitos estabelecimentos se recusam a matricular alunos com necessidades especiais, ou que cobram mensalidades diferenciadas, o que é ilegal, conforme a lei.

É preciso valorizar a literatura produzida no Brasil, sobretudo a lite-

ratura escrita no Espírito Santo. É triste ver esse ranço, essa aversão contra a literatura brasileira. Ano passado, fui ao stand da Editora Constantino, na Bienal do Livro do Rio, no Riocentro, para comprar as obras completas de Machado de Assis, vi uma menina torcendo o nariz para o livro de Janna Figueira, autora estreante, adquirido por sua mãe na feira. Ela queria um livro de Albertine Trudeau, autora canadense de chick-lit. É de sangrar o coração ver adolescentes desprezando nossa literatura.

Peço encarecidamente, não só como professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, que valorizem os autores nacionais, principalmente os autores da terra. Façam uma força pra comprar o livro deste jovem talento literário, do qual me orgulho de ser sua professora.

Laerte, meu bem, do fundo do meu coração, te desejo sorte na sua caminhada na literatura. Você tem um futuro promissor.

Beijo no coração de todos.

Após as explanações, Laerte autografou a obra aos presentes. Andressa, vendedora da Livraria Fato, distribuidora da Edições Talismã no Espírito Santo, recebia os valores em dinheiro e cartão de crédito. Um delicioso coquetel foi servido aos convidados.

Laerte estava autografando o livro para Nicolas, que perguntou:

— Tenho percebido que você tá indo mais arrumadinho para escola.

— A gente precisa tá mais apresentável. Sou um escritor, uma pessoa pública.

— É a Carol que tá te deixando assim. Para de presepada, guerreiro. Você tá apaixonado por ela. É o amor...

— Apaixonado? Somos apenas bons amigos.

— É assim que começa.

— A real é que é difícil resistir aos encantos daquela bonequinha de 1,51 cm, de sorriso fácil, olhos castanhos, cabelos castanhos com franja, bochechas coradas, olhar meigo, com seu toque suave das suas mãos em mim, e uma educação sem par.

— Ah, moleque! Tá apaixonado!

— Viaja não, Nicolas. Ela só é minha amiga.

— Parceiro, amigo de mulher é cabeleireiro.

— Tá me tirando, viado?

— É você que tá de doce pra assumir que gosta da Carol. Ela tá solteira na pista. Terminou com Douglas.

— Por quê?

— Flagrou ele aos beijos com a Camila, no churrasco de aniversário da Bárbara, a prima dela.

— O Douglas não vale o que o gato enterra. A Camila, por sua vez, não é flor que se cheire. Ela tava caçando brecha pra dar o bote certo. Eu não suporto a Diandra, a irmã dela.

— Posso saber o porquê?

— Essa mulher tem o nariz empinado, metida a patricinha, tem mania de grandeza. Não dá bom dia ao pessoal na rua. Quando dá bom dia, dá com o sorriso forçado. Ela não conversa com as vizinhas na rua, que já pegaram ranço dela. Também não dá confiança para os rapazes de Atlântica Ville, onde ela mora. Ela só gosta de cara rico. Soube de fontes seguras. A Diandra é uma pobretona, mora de favor num apartamento com a mãe, a

Camila e o avô acamado por um AVC, quer dar uma de importante por aí. Pra cima de mim, não!

— Deus me defenda de namorar uma mulher que só pensa em dinheiro.

— Corre à boca miúda que Diandra tá tendo um caso com cantor sertanejo Gabriel Boecker. Ela é sugar baby. Ele dá roupas caras, joias, e até pagou cirurgias para aumento das mamas. Ficou muito bonito, diga-se de passagem. Só pego Diandra em outra vida, caso haja.

— Só desse jeito.

— Falando de coisa boa, olha só quem tá chegando.

Carol se aproximou de Laerte, abraçou-lhe e disse:

— Parabéns, meu bem! Enfim, você tá realizando seu sonho.

— Obrigado, Carol, pelo carinho.

— Laerte, sei que aqui não é o lugar nem o momento, mas preciso te falar uma coisa.

— Que coisa?

— As alunas do Marien Calixte já tão por aqui com as atitudes do professor Sandro, de inglês.

— Quais atitudes, Carol?

— Ele mostra fotos de mulheres vestidas com roupas íntimas, olha as pernas das meninas, quando elas vão ao banheiro, o professor pergunta se elas tão menstruadas, se elas vão trocar o absorvente?

— Rapaz! Isso é coisa que se pergunta?

— O Sandro olha com malícia pro corpo das meninas.

— O quê?

— Tem mais.

— Mais?

— Fala da sala que atrizes querem transar com ele, fala de beijo na boca.

— Mas que cara tarado! Cara, não! É um velhote de sessenta e cinco anos, de barba e cabelo grisalhos. Esse porco é casado, com quatro filhos, avô de três netos.

— O Sandro já é aposentado pela Prefeitura de Vitória, mas tem contrato na SEDU.

— Esse velho devia tá curtindo a vida, mas sempre quer mamar mais um pouco. Impressionante. Um tarado que devia tomar um pau, isso sim.

— Não precisa ser tão violento, Laerte. Só queremos que ele pare com essas atitudes.

— Carol, você é inocente demais. Ele nunca vai parar com isso. Vocês já buscaram providências contra esse safado?

— Eu e as meninas já procuramos a Priscila para fazer queixar do Sandro, mas a pedagoga disse que a gente provoca o professor, chamando-nos de safadinhas, que nos insinuamos pra ele.

— Essa Priscila vive passando o pano para safadezas do Sandro.

— Meu pai já veio na escola pra pegar ele de porrada.

— Pudera.

— O professor me chamou de ninfeta delícia, que tenho uma boca macia pra mamar ele, imaginava acariciar meus seios rosados e empinados.

— Porco! Canalha! Ele falou isso na sala de aula?

— Não. Foi no corredor, durante o intervalo.

— Imundo! Desgraçado! Se eu fosse seu pai, arrebentaria ele até ficar em coma, nem que eu pegasse muitos anos de cadeia. Onde já se viu tomar liberdade com a filha dos outros, cara? Quem lhe deu essas confianças? E a diretora, não faz nada, né?

— A Dora fica mais na rua do que na escola.

— A meu ver, você e as outras meninas, acompanhadas dos

responsáveis, deveriam procurar a ouvidoria da SEDU, pra denunciar os assédios do Sandro.

— Algumas têm vergonha, e até medo de sofrer retaliações do professor, como reprovar no conselho de classe. Além das reclamações de assédio, Sandro deixa a desejar na forma de ensinar: Ele passa o gabarito da prova das meninas que são do seu agrado, não passa exercícios de fixação, e conversa sobre assuntos que não dizem respeito à disciplina, não tem domínio de sala, grita muito, causando tumulto em sala de aula.

— O Sandro é um escroto, fala palavras de baixo calão, ofende e humilha os alunos, além de usar palavras de cunho sexual.

— Certa feita, ele jogou seu material no chão, ao chegar à sala de aula, fez uma brincadeira de máximo mau gosto, se agachando pra mostrar que tava de calcinha.

— Calcinha? Essa é boa! — disse Laerte, num ataque de riso.

— Sim, Laerte. Dava pra ver que ele tava de calcinha. Os alunos riram. Ele deu seu chique, mandando os alunos calarem a boca, ameaçando-os colocar pra fora de sala.

— Pra uma pessoa desatenta, Sandro parece ser perturbado das ideias, mas é um sem-vergonha, que precisa ser detido, antes que seja tarde demais.

— Sandro mostra fotos eróticas para as meninas. Em sua pasta de trabalho, há dezenas de preservativos. Diz que não vai acontecer nada com ele, se der é pouca coisa, e vai para uma cela especial, por ser portador de diploma superior. Lembra daquela vez que ele mandou as meninas dançarem, enquanto observava? Notei que professor tava excitado.

— Que horror! Outro cara que precisa levar uma boa ripada nas costas é o vigilante Helder. Ele fica chamando as meninas de

gatinha e princesa, e muitas se sentem constrangidas com esse assédio.

— A Dora já conversou com o Helder por diversas vezes, mas ele não mudou de atitude. Até ameaçou processá-la por danos morais.

— É sempre assim. Quando confrontado, se faz de vítima. Ele já tá com duas advertências. E se tomar terceira, ganha justa causa. Vou achar é bom.

— Furtaram dois notebooks da sala das pedagogas no plantão dele. O Helder tava cochilando na sala dos professores, quando o furto ocorreu. A empresa teve que restituir o valor dos notebooks, e depois descontou do salário dele.

— Eu acho é pouco. No último domingo, foram furtados 20 kg de charque e 18 kg de acém do freezer da cozinha. O vigilante do plantão não era o Helder, mas o José.

— Ele tem cara de poucos amigos.

— O José trata a Dora com palavras de baixo calão, só lhe dirige a palavra pra tratar do que julga ser necessário. Já ameaçou o vigilante Tobias de morte, pelo fato de flagrar o mesmo mantendo relações sexuais com uma mulher em situação de rua dentro da escola.

— Nossa! Ele sapecou a noia dentro da escola. Esse é safadinho!

— A diretora já requereu à SEDU a troca desse vigilante, mas não teve resposta. Ainda falando em furtos, semana passada, o tempo fechou. A Priscila convocou toda equipe de limpeza, questionando, em tom acusatório, a respeito do desaparecimento do seu moletom. Ela foi enfática, responsabilizando as tias da limpeza, chamando-as de ladras. Elas tentaram se defender, mas foi inútil. A pedagoga exigiu que elas assinassem um termo de responsabilidade, que se sumisse qualquer coisa na escola, as

ASGs seriam as responsáveis, e pagariam os prejuízos. Ela chamou as profissionais da limpeza de relaxadas, que faria uma queixa à encarregada da empresa terceirizada.

— Ela não tem o direito de fazer isso.

— Mas a Priscila pensa que é a diretora. O moletom foi localizado, mas a bonita não se desculpou. Aquela mulher é carne de pescoço. Na visão dela, ela tá certa, independente das circunstâncias.

* * *

O desafio era chegar aos leitores, mas para isso, era preciso conquistar os influenciadores literários.

SETE

*quanto vale ou é
por like?*

BÁRBARA FONSECA, analista de marketing das Edições Talismã, enviou a obra para as influenciadoras literárias. Algumas parcerias foram estabelecidas, tanto pelo envio do exemplar de *Rebello Resiste*, como por publicidades com valores compatíveis com o orçamento daquela casa editorial. Todavia, Dionne Salazar, influenciadora literária, destilou seu preconceito contra autores nacionais:

Bárbara,

Não leio livro de autor nacional. Com todo respeito aos autores brasileiros, a literatura nacional tem deixado a desejar. É raro encontrar escritores que tem se destacado nos últimos 50 anos.

A literatura estrangeira é cheia de bons escri-

MAXWELL DOS SANTOS

tores com qualidade melhor do que os autores nacionais. Logo, os produtores de conteúdo literário cobram para resenhar autores nacionais iniciantes, por conta da baixa qualidade dos livros enviados aos mesmos.

Um abraço,

Dionne

* * *

Bárbara contactou a influenciadora paulista Viviane Botacin por e-mail, que mandou sua proposta comercial:

Olá, Bárbara, tudo bom?

Encaminho o orçamento para análise.

Números de seguidores:

- *MyVOD: 501.700*
- *Whisper: 350.133*
- *Like-a-Pic: 300.105*

Estes são meus pacotes:

- *Leitura, com minha opinião, em vídeo exclusivo de 5 a 10 minutos de duração: R\$ 4500,00.*

- *Leitura, com minha opinião, em vídeo exclusivo de 5 a 10 minutos de duração + divulgação da capa nas redes sociais: R\$ 5000,00.*
- *Só divulgação de capa e sinopse em vídeo coletivo: R\$ 2.000,00.*

Observações:

- *Só haverá a divulgação após o orçamento aprovado.*
- *O pagamento deve ser feito integralmente, via depósito bancário.*
- *Caso precise, emito nota fiscal.*

Atenciosamente,

Viviane Botacin

Bookvodder | Influenciadora Literária

Bárbara mostrou o e-mail para Sebastião Alvarenga, que respondeu:

— Não querendo desmerecer o trabalho da Viviane, mas é muita raça de dinheiro, sô! Para nós, que somos uma editora independente, é uma pequena fortuna. É o que gastamos em marketing digital pra divulgar os livros desta casa editorial. Vejo

ser mais vantajoso gastar esse dinheiro com dez influenciadoras, obtendo impressões distintas, do que gastar cinco mil reais com uma influenciadora como Viviane Botacin, com risco dela detonar a obra do Laerte, impactando negativamente nas vendas, visto que ela tem mais de quinhentos mil seguidores. Teríamos queimado nosso cartucho. Será que ela pode dar um desconto pra gente?

— Ela não citou descontos.

— Será que ela parcela?

— Ela não parcela, Sebastião. O valor tem que ser depositado integralmente na conta.

— Obrigado pelo esforço, Bárbara. Vou ligar pra Viviane, pra ver se ela facilita.

— Boa sorte, Sebastião.

Sebastião contactou Viviane por telefone:

— Alô, eu falo com Viviane Botacin?

— Sim, sou eu.

— Viviane, aqui quem fala é Sebastião Alvarenga, editor e proprietário da Edições Talismã. O motivo da minha ligação é a respeito do orçamento encaminhado pra minha analista de marketing, a Bárbara, pra divulgação do livro *Rebello Resiste*, do jovem Laerte Maia. Tenho interesse em fechar com você, mas o valor tá acima da capacidade da editora. Tem como dar algum desconto, ou parcelar o valor?

— Sebastião, o valor do publieditorial é o mesmo, seja autor estreante ou consagrado, seja uma editora independente como a sua, ou o Grupo Editorial Constantino. Meu valor não é negociável, nem parcelável.

— Viviane, Rui Barbosa, fundador da Academia Brasileira de Letras, no discurso proferido na Faculdade do Largo de São Francisco, chamado *Oração aos Moços*, disse a seguinte frase: “A regra

da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais, na medida em que se desigualam. Nesta desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade... Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante, e não igualdade real". Enquanto editora optante do Simples Nacional, com enquadramento como empresa de pequeno porte, para nós é inviável o pagamento à vista do serviço de divulgação literária. Não dispomos do poder econômico do Grupo Editorial Constantino, do qual já fui editor. É uma guerra desigual, com disparidade de armas.

— E daí? No mercado editorial, impera a lei da selva, onde os mais fortes predam os mais fracos. Quem pode mais, chora menos. É o capitalismo, querido. Sempre foi assim. Você apelou à desonestidade intelectual, ao usar a frase do jurista baiano, fora do contexto original, tentando pechinchar meu trabalho. Enquanto produtora de conteúdo literário, exijo respeito ao meu trabalho. Acho que você viu que tenho mais de quinhentos mil seguidores, ficou com o olho grande, e pensou: “acho que vou procurar essa influenciadora pra dar uma chorada no preço do publieditorial”.

— Não é minha intenção desmerecer seu trabalho.

— Mas essa é a minha impressão.

— Sinceramente, Viviane, lamento sua conduta em colocar o dinheiro acima da arte literária, o lucro acima do gosto pela leitura.

— Acorda, Sebastião! Amor pela arte não paga meus boletos. Conheço um escritor que vivia por amor à arte, e acabou na mais absoluta miséria: Lima Barreto. O mundo é capitalista, mas parece que você tem um pensamento socialista. Entenda: não dou descontos, não trabalho com parcelamentos, só começo a

gravar o vídeo com a resenha mediante cem por cento do valor na conta bancária. Se acha que meu trabalho é caro, procure outro influenciador ou influenciadora com valor que caiba em seu orçamento. Dei duro pra alcançar meus quinhentos mil seguidores no MyVOD. Logo, posso cobrar o que eu julgar necessário.

— Vislumbro um acintoso abuso de poder econômico, em que só as grandes editoras ou escritores com grande poder aquisitivo conseguem emplacar divulgação em seu canal, silenciando autores e editoras independentes. Sugiro alguma ação afirmativa, como valores diferenciados para os tais.

— Sou contrária a qualquer ação afirmativa, o que deve vigorar é o mérito artístico e qualidade literária. Nunca tive facilidades na vida. Trabalhava como operadora de telemarketing pra pagar meu cursinho. Não passei na USP, e tive que cursar Letras Português/Inglês na Universidade Borba Gato. Fazia bicos de intérprete e tradutora pra pagar o curso. Quando tudo era mato, montei meu canal, gravava os vídeos das resenhas com uma tosca câmera, e o canal foi crescendo, estabelecendo minhas primeiras parcerias com outros editores. Nunca rese-nhei livro de graça para ninguém, porque meu tempo custa dinheiro. Quando você dispuser do valor requerido, voltamos a conversar.

— O valor que você me pede é o que disponho pra marketing digital.

— Cada um com seus problemas. Meu valor é este, não tem desconto. Passar bem.

Sebastião ligou para Laerte, relatando o fato:

— Oi, Laerte, tudo bom, meu filho?

— Boa noite, Sebastião. Tudo ótimo.

— Laerte, hoje a Bárbara, analista de marketing aqui da

editora, entrou em contato com Viviane Botacin, influenciadora literária, pra tratar da divulgação do seu livro no canal dela.

— Sigo o canal dela no MyVOD. Gosto da forma que ela apresenta as obras, dando sua opinião acerca destas.

— Pois é, Laerte. Sua bookvodder predileta nos mandou a tabela de valores, com um valor fora da realidade desta editora independente. Pra resenhar um livro em vídeo, com divulgação nas redes sociais, ela tá pedindo cinco paus. É o valor que a gente gasta por mês em marketing digital.

— E aí?

— Ato contínuo, liguei pra Viviane, expliquei a situação da editora, e pedi um desconto ou um parcelamento, mas ela foi inflexível, além de muito grosseira. Afirmou terminantemente que não trabalhava com descontos, nem parcelava.

— Meu Deus! E ela que aparece tão fofa e simpática no vídeo.

— É só uma personagem, uma persona que ela construiu pra aparecer na internet, Laerte. Hoje, a máscara de boa moça dela caiu.

— Que pena!

— A Viviane Botacin tá forçando a barra com o valor que tá pedindo pra fazer suas avaliações, desconsiderando a atual conjuntura do mercado editorial brasileiro. Ela tá viajando legal na maionese, tá no *Fantástico Mundo de Bobby*, e demonstrou não ter empatia para com os autores e editoras independentes. Tá decidido: a Edições Talismã fará parceria apenas com influenciadores literários que valorizem a literatura nacional, cujo valor do publieditorial caiba no orçamento desta casa editorial. No que depender de mim, ela não receberá um vintém desta editora. Que morra à míngua! Eu, hein?

— Viviane pode cobrar o quiser. Agora, ela achar um autor ou editora que pague esse valor exorbitante, é outro departamento.

Minha revolta é com o valor surreal pro mercado editorial brasileiro que ela cobra por uma videoresenha. Quem achar que compensa, que pague. Sai pra lá!

— O problema é que essa tal Viviane cobra um absurdo de caro pra dar sua opinião de um livro. Quem garante a sinceridade de sua opinião? Como posso ter certeza de que o livro desta editora terá impressões positivas, após o depósito dos cinco mil barões na conta dela? Dá a entender que quem pagar mais, ela rasga mais seda da obra. É certo que nem relógio trabalha de graça, mas ela bem que poderia dar um desconto.

— Sebastião, é lícito um escritor ou editora pagar pra ter uma crítica positiva?

— É óbvio que não, Laerte. O que se espera, no mínimo, é que a produtora ou produtor de conteúdo literário aponte os prós e contras do livro. É diferente do crítico literário, que é pago pelo veículo ao qual trabalha, por meio das assinaturas e da publicidade, pra avaliar obras. A meu ver, não é ético se colocar como divulgador da literatura, tendo como filtro o poder econômico da editora ou autor, não a qualidade de sua obra. Já disse isso à Viviane e repito: é um claro abuso de poder econômico.

— Embora não seja ilegal, não é ético que a pessoa produtora de conteúdo literário cobre por uma resenha, uma vez que recebe remuneração da plataforma MyVOD. Seria como um jornalista que trabalha em jornal cobrar por fora pra fazer uma matéria elogiosa. Se quem produz conteúdo troca sua credibilidade pra fazer resenhas elogiosas de obras de gosto discutível, a credibilidade, seu maior patrimônio, vai pra casa do chapéu. Como eu, seguidor, vou confiar na dica de quem cobra pela resenha?

— Eu também não confiaria na resenha de uma bookvodder como Viviane. Foi bom falar com você, mas preciso retomar a aprovação da boneca de um livro de arte. Um abraço.

— Outro, Sebastião.

Em seu blog, Laerte criticou Viviane Botacin:

Quando você é fã de uma celebridade da internet, tende a colocá-la no pedestal, como ela fosse a pessoa mais legal do mundo, porque ela se apresenta como uma pessoa bacana, mas descobre seu lado obscuro, quando as câmeras são desligadas.

Foi o que ocorreu hoje, quando a analista de marketing da Edições Talismã recebeu a proposta de publieditorial da influenciadora literária Viviane Botacin, que pediu cinco mil mangos, um valor altíssimo, fora da realidade de uma editora independente, para fazer uma resenha em vídeo de Rebello Resiste, e divulgar a obra nas redes sociais.

Ato contínuo, Sebastião Alvarenga ligou para Viviane, buscando um desconto ou parcelamento no serviço de divulgação literária, todavia, ela se mostrou irredutível, dizendo não trabalhar com descontos, tampouco parcelamentos.

Eu era fã dela, seguia o seu canal. Ela parecia ser uma boa pessoa no vídeo, mas descobri que não passa de uma mera personagem. Estou profundamente decepcionado com Viviane Botacin, por sua mesquizez em não negociar um publieditorial com uma editora de Minas Gerais.

Entendo que ela batalhou muito para chegar aos 500 mil seguidores, mas esperava dela um olhar mais sensível para com os autores e editores independentes, com dificuldades para divulgar as obras na mídia corporativa. A impressão que dá é que Viviane só resenha livros

de grandes editoras e autores ricos, silenciando os autores independentes, e matando a diversidade de nossa literatura.

Quem garante que a Edições Talismã, pagando cinco mil pratas, Rebello Resiste terá uma crítica positiva? E se a crítica for negativa? Quando o influenciador literário faz parceria com um autor ou editora, fica constrangido em emitir uma crítica negativa. Pode perder o contrato, caso não recomende a leitura de uma obra.

Visando garantir isenção na resenha das obras, sugiro que o influenciador literário abra uma conta numa plataforma de financiamento coletivo, onde os seguidores mandem valores, e este dê recompensas, como livros, lembrancinhas etc.

Não vejo nenhum problema do influenciador literário cobrar publiciditorial de autores e editoras. O cerne da questão está no valor exorbitante, praticamente a verba de marketing digital da Edições Talismã. De coração, espero que Viviane repense suas atitudes.

* * *

Como o texto de Laerte será repercutido pela sociedade? E por Viviane?

OITO

ego ferido

O POST DE LAERTE TEVE DIVERSOS COMENTÁRIOS:

Li o seu texto, Laerte. Puro mimimi de fã com ranço de sua influenciadora digital. Ela tá no direito dela de cobrar o quanto quiser. Você esquece que livro é produto. Viviane colocou o preço dela, e ela não é obrigada a negociar seu preço. Se seu editor não tem grana pra pagar o que ela pede, que ele aprocure outra influenciadora literária que caiba no orçamento.

Esse discurso de que “só resenha livros de grandes editoras e autores ricos, silenciando os autores independentes, e matando a diversidade de nossa literatura” é puro vitimismo da sua parte. No mundo literário, impera a lei das

selvas. Quem pode mais, chora menos. Viviane não é obrigada a fazer assistencialismo. O preço é aquele, e fim de papo. A mina deu o duro danado pra conquistar seu público. Por conseguinte, ela pode cobrar o quanto quiser. Não tem essa de “um olhar mais sensível para com os autores e editores independentes, com dificuldades para divulgar as obras na mídia corporativa”. No mercado literário, não há espaço pra todos. Com as plataformas de autopublicação, banalizou-se a publicação de livros. Se não consegue espaço na tal mídia corporativa, é porque o livro não tem potencial de ser bestseller.

Laerte Medeiros Maia é um autor estreante numa editora independente, não dispõe da mesma estrutura de autores como André Vianco, Raphael Montes, Thalita Rebouças, Babi Dewet, Pam Gonçalves, Paula Pimenta e Ray Tavares. Entendo que ela deu duro para chegar aonde chegou, mas a mão dela cairia, se fizesse um preço subsidiado pra divulgar o livro do menino?

Desse jeito, a literatura nacional nunca terá vez. Viviane Botacin é uma influenciadora literária que já peguei ranço, pela sua pagação de pau pros autores da gringa. Dá pra perceber um certo nojinho dela, ao resenhar em vídeo os autores nacionais. Laerte, você não tá perdendo nada em não ter seu livro divulgado no canal

dela. Deixe essa ruiva sardenta pra lá, e busque influenciadores literários comprometidos com o autor e a literatura brasileira, que resenhem gratuitamente, ou por um preço que caiba no orçamento da sua editora.

O livro é tão sofrível, que Viviane Botacin colocou esse preço alto, como uma maneira de pular fora, sem ser rude. Seu livro não passa de um manual de terrorismo e agitação social. Ensina como invadir propriedades particulares, com o objetivo de impedir demolição de uma escola, cujos proprietários relapsos não honraram o empréstimo contraído com o banco. Jamais lerei seu livro.

Laerte, como você é ingênuo, amigo! Essa mulher não é o que parece ser no vídeo. Fora dele, é um poço de soberba e arrogância. Vive dando chiliques, com seus gritos agudos e estridentes, além de constantes ataques de estrelismo. Na Bienal do Livro do Rio, onde foi uma das palestrantes, por causa de uma pergunta feita por uma espectadora, ela abandonou a palestra. Deu o maior BO. Na Bienal do Livro de São Paulo, ela tava cercada de seguranças, como se fosse uma escritora internacional.

Viviane tomou conhecimento do post de Laerte e gritou:

— Quem esse moleque aleijado, com a boca torta, pensa que é? Eu achava que índio não escrevia livro, morava em sua aldeia, caçando e pescando com seu arco e flecha. Não sabe de porcaria nenhuma de marketing literário, e quer me dar conselhos de como capitalizo? É o fim da picada, meu! Vou colocar esse aleijado lazarento no seu devido lugar.

A influencer acabara de perder a noção de ridículo. ao atacar o jovem escritor, por conta de sua deficiência física, o que era capacitismo, ou seja, discriminação contra pessoas com deficiência, e por seus traços indígenas, o que era racismo.

Às 11 da noite, Viviane ligou para Laerte:

— Alô, é o Laerte?

— Sim, sou eu. Boa noite.

— Boa noite, só se for para você, seu paspalhão! Quem você pensa que é pra falar groselhas sobre mim no seu blog?

— Vem cá, como você tem a cara de pau de me ligar, às 11 horas da noite, pra me ofender?

— Quem é você, na fila do sopão do padre Júlio Lancellotti, pra me ensinar boas maneiras?

— Você me ligou, mas ainda não se identificou.

— Prazer, sou Viviane Botacin, influenciadora literária que você diz fã. Pra ser sincera, um fã como você, quero é distância. Falou um monte de groselha sobre o meu trabalho. Na real, não tenho a menor paciência de resenhar livro de autor nacional. Salvo raras exceções, os livros que me chegam são de baixíssima qualidade. Hoje em dia, qualquer um pode publicar em editoras picaretas de fundo de quintal, na verdade, gráficas, que só editoram e imprimem a obra, sem o cuidado da preparação do original. Por isso, cobro o que cobro, como mecanismo de qualificação, um filtro, sabe?

— A Edições Talismã não é nenhuma editora picareta de

fundo de quintal. Ela é gerida por Sebastião Alvarenga, profissional com larga experiência no mercado editorial, com passagem na Editora Constantino.

— Sua editora é um caso à parte. Seu editor não passa de um chorão e muquirana, que não tá a fim de vestir em você. Se ele tivesse interessado, pagaria que peço pra divulgar o seu livro, fazendo você ficar famoso, bobo.

— Alto lá, Viviane. Não venha querer me jogar contra meu editor. Sai pra lá com suas intrigas.

— Os autores são muito ansiosos. Querem publicar os livros de qualquer maneira, às vezes, movidos pela vaidade. Não têm cuidado com o enredo, com a estrutura das obras, cheias de erros de português, não passaram pela copidescagem e leitura crítica.

— Não é o caso do meu livro. Durante o processo de criação, *Rebello Resiste* passou por leitura beta, leitura crítica, foi copidescado pela equipe da editora, e fiz os ajustes que o editor requereu.

— No seu caso, não se aplica, mas a maioria dos livros da autores nacionais que recebo são um verdadeiro horror. Por isso, cobro caro pra selecionar os melhores livros que serão resenhados no meu canal. Muitos escritores querem um lugar ao sol, mas o sol não é para todos.

— O valor que você pede pra Edições Talismã é surreal.

— O mercado editorial é regido pelo capitalismo. É cada um por si. Quem pode mais, chora menos. Não espere nada do seu editor. Se você não correr atrás, vai ficar com a carreira estagnada, e seus livros vão ficar encalhados nas livrarias.

— Viviane, pelo amor de Deus, de onde vou tirar esses cinco mil reais pra pagar o seu publi? Só se eu fizer um pacto com o demônio.

— Isso não é problema meu. Se vira, tio! Faz rifa, bazar, vende salgado na rua. Dá teus pulos, meu!

— Se você der um desconto, a gente pode até conversar.

— Não trabalho com descontos. Preciso fazer alguns esclarecimentos: Primeiro, minha renda é auferida por publieditoriais, palestras em eventos, e eventualmente, a monetização no MyVOD, que paga uma mixaria, por isso, cobro pra fazer resenha. Eu não sou mendiga pra viver de doações de plataformas de vaquinha. Mano, você tem cada ideia. Pelo amor de Deus, não fala daquilo que você não tem lugar de fala. Para de cagar pela boca, Laerte! Procura se informar, antes de falar qualquer coisa, pra você não passar vergonha.

— Mas você não informa nos vídeos que é um publieditorial.

— Olha, Laerte, não tenho a obrigação de informar que é um publieditorial, tá legal?

— E se a crítica for negativa, como fica?

— O autor ou editora paga o publieditorial, leio a obra, faço o roteiro, mando pra aprovação. Se aprovado, faço o vídeo. Caso o livro for muito ruim, e emitir uma crítica negativa, devolvo o dinheiro. Simples assim. Não admito que você coloque em questão minha credibilidade como influenciadora literária. Você não passa de um fedelho cheirando a leite, não sabe de nada, mas se julga o suprassumo do marketing literário. Pro seu próprio bem, peço que retire o post que me critica. Você tá me expondo, e isso não é legal.

– Não tô te expondo, mas fazendo uma crítica construtiva.

– Dispensio suas críticas. Sei o que tô fazendo. Esta é a minha política comercial. Ponto final.

— Você caiu no meu conceito.

— Tô cagando e andando para o seu conceito, seu aleijado de merda! Boca torta! Além de portador de paralisia cerebral, você é

retardado mental em grau severo. Sua mãe não pode deixar você solto. Ela tem que te interditar judicialmente.

– Isso é capacitismo, sabia? Preconceito contra deficientes é crime, tá legal?

— Discriminação é o meu ovo, seu moleque insolente! Eu exijo que remova o artigo, ou vou tomar minhas providências.

– Quais?

– No momento certo, você saberá, seu boca torta!

– Como é que é?

– Boca torta, aleijadinho, retardado mental!

– Chega, Viviane! Vai caçar o que fazer! Me deixa em paz!

– Se você não tirar o post, sua vida vai virar um inferno!

– Vai caçar o que fazer, sua vadia! Ligar para as pessoas depois das 11 horas da noite, a não ser que seja uma emergência, é invasão de privacidade.

— Vadio é você, aborto malfeito! Você não deveria ter nascido. Acho bom você tirar o post do seu blog.

— Nem ferrando, ruivinha das bochechas rosadas e olhos azuis. A máscara de boa moça caiu. Meu Deus, como me iludi com você.

– Sou produtora de conteúdo literário, não filantropa.

– Disso, já sei. Esperava que tivesse sensibilidade comigo e com meu editor, fazendo um preço diferenciado.

– De jeito nenhum, seu moleque! Meu preço é igual para todo mundo. Não faço assistencialismo. Acho que por você ser deficiente, e ter sido mimado por seus pais que te fazem parecer especial, logo acha que os outros têm obrigação de te tratar diferente, ser o centro das atenções, como se dissesse nas entrelinhas: olhem pra mim, tenham pena de mim.

— Viviane, nunca usei minha condição de deficiente físico pra conseguir qualquer vantagem. O que tá em questão é o meu

desejo de divulgar o meu livro no seu canal, mas você se mostrou intransigente e mesquinha, se negando a negociar o valor do publiceditorial, cujo valor tá distante da realidade da editora que publicou *Rebello Resiste*.

– Nossa, não sabia que índio escrevia livro. Tô impressionada! Achava que índio vivia na aldeia, vivendo da caça e da pesca. Você não passa de um bugrinho aleijado e cheio de vontades. Você se vitimiza pra conseguir o que quer.

— Já chega, Viviane! Me deixa em paz! Vai caçar o que fazer, sua mulherzinha à toa! Tô cansado dos seus gritos agudos e estridentes. Sua voz chega a sangrar meus ouvidos. Tem trinta anos, mas age como adolescente birrenta e voluntariosa.

– Você não perde por esperar, seu pernetá da boca torta! Meus advogados vão entrar em contato. Adeus.

A ligação foi gravada por um aplicativo que Laerte tinha em seu celular. Ele mostrou o áudio do pesado diálogo à sua mãe, que disse:

— Miserável! Como ela usa falar essas coisas de você? Essa mulher, além de mesquinha, é elitista, preconceituosa e capacitista. Meu Deus, essa dita influenciadora digital devia tá com diarreia mental. Ela tem o aparelho digestório invertido. Por isso, ela defeca pela boca. Eu vou tomar as devidas providências.

– O que pretende fazer, mamãe?

— A Karen Sobral, produtora da Rádio Colibri FM, é minha amiga desde os tempos da UFES. Vou procurá-la pra denunciar essa vadia da Viviane. O que ela fez é crime, ela precisa ser exposta, pra que nunca mais discrimine uma pessoa com deficiência. Seus seguidores precisam saber quem é a musa deles fora do vídeo. Fico triste por você, que tinha essa bandida em alta estima, e ela te maltratou e humilhou, só porque reclamou do

preço abusivo que ela cobra, provocando silenciamentos dos autores de editoras independentes. É uma luta desigual.

— Foi bom ter falado algumas verdades para ela. Fiquei totalmente decepcionado com a postura mesquinha e avarenta. Nos meus 17 anos de vida, nunca vi um ser tão egoísta e que vê dinheiro em tudo.

— Viviane gosta de coisas, e usa as pessoas. O deus dela é o dinheiro. Sua vida é consagrada ao vil metal. Laerte, manda pra mim o áudio via bluetooth o áudio dessa conversa. Essa piranha mexeu com a pessoa errada. Ela vai ver o que é bom pra tosse.

NOVE

*no ar, na rádio
colibri fm*

NA ESCOLA, Laerte mostrou o áudio para Andréa, que disse:

— Filha da puta! Me perdoe a expressão, Laerte, mas não suporto nenhuma forma de discriminação. Isso é gravíssimo! Além do capacitismo, ela tentou te desmerecer por suas raízes indígenas. Você mostrou o áudio para sua mãe?

— Sim, Andréa. Ela disse que vai lá na Rádio Colibri FM denunciar a tal influencer literária.

— Sua mãe tá corretíssima. Só fico preocupada dela ir lá na rádio fazer a denúncia, e a digníssima influenciadora querer processar você e sua mãe, por possíveis perdas e danos decorrentes dessa divulgação. Ela pode perder seguidores e parcerias com editoras.

— Andréa, do fundo do meu coração, desejo que ela se lasque, pra largar mão de ser avarenta e preconceituosa. Essa mulher precisa ser desmascarada. Tá mais do que provado que ela coloca os cifrões acima do prazer da leitura.

— A partir de hoje, vou deixar de seguir a Viviane.

— É o mínimo, Andréa.

Larissa foi à Rádio Colibri FM, e conversou com Karen Sobral, produtora do *Jornal Colibri Primeira Edição*, jornalístico transmitido a partir do meio-dia.

— Oi, Larissa. Tudo bom?

— Não como gostaria, amiga. Preciso de sua ajuda pra fazer uma denúncia contra uma produtora de conteúdo literário.

— Qual produtora? Que denúncia?

— A produtora é Viviane Botacin, de São Paulo. Vim denunciar seu capacitismo contra o meu filho Laerte, 17 anos, que tem paralisia cerebral. Essa bandida teve a pachorra de ligar pra ele, às 11 horas da noite. Vê se é horário pra ligar pra alguém?

— E aí?

— Ela o ofendeu com termos muito grosseiros.

— Que termos ela usou, Larissa?

— Chamou-o de aleijado e retardado mental em grau severo, que eu não devia deixá-lo solto, e interditá-lo.

— Que mulher preconceituosa! É caso de polícia!

— Claro que é, Karen. Laerte lançou seu primeiro livro, *Rebello Resiste*, pela Edições Talismã, uma editora independente de Belo Horizonte. O marketing da editora procurou algumas produtoras de conteúdo, dentre as quais, a cachorra da Viviane Botacin, que cobrou a fortuna de cinco mil reais da editora, valor bem acima das capacidades da casa editorial.

— Cinco mil reais? É um dinheiro e tanto, não?

— E como é. Sebastião Alvarenga, editor e dono da editora, ligou para a digníssima, visando pedir desconto, mas a influenciadora se manteve irredutível. Ele ligou para Laerte sobre o fato, deixando-o decepcionado com Viviane. O menino escreveu um artigo em seu blog, expondo sua decepção com aquela ordinária, pelo preço exorbitante que ela cobra. Só editoras do porte da Constantino podem pagar os cinco paus que ela quer. O cerne da

questão não é o fato da produtora de conteúdo literário cobrar pelos serviços, mas o quanto cobra. Não teve sensibilidade de negociar um valor mais em conta pra divulgar o livro do meu bichinho.

— É o cúmulo da maldade e do egoísmo. Tudo gira em torno do maldito vil metal. Tudo bem que ela, como produtora de conteúdo, tenha seus custos pra produzir os vídeos que publica no MyVOD, mas ela poderia ter mais sensibilidade.

— A sensibilidade dela é zero. Ela gosta de dinheiro, nada mais.

— Você tem o áudio dessa conversa?

— Sim.

— Esse assunto rende pro *Jornal Colibri Primeira Edição*, radiojornal da Rádio Colibri FM, do qual faço a produção. Dá pra você participar do programa agora?

— Sim.

— Vou te levar para uma sala da rádio. Quando for sua vez, eu te chamo.

— Beleza.

Às 13:30, Larissa estava concedendo entrevista para Jorge Mesquita, apresentador daquele radiojornal:

— O *Jornal Colibri Primeira Edição* está de volta. Trago para vocês uma história muito triste de preconceito. Imagine um adolescente, dezessete anos, vivendo com paralisia cerebral, mas com muita determinação, consegue realizar o sonho de publicar seu primeiro livro por uma editora independente de Minas Gerais, após tomar muitos não de editoras de renome. O departamento de marketing desta editora sonda várias produtoras de conteúdo literário, visando parceria para divulgação da obra. Uma dessas influenciadoras cobrou cinco mil reais pra fazer um vídeo divulgando a obra que o jovem deficiente lançara. É o valor

que vai muito além das possibilidades financeiras da casa editorial que viabilizou o livro. O dono da editora tenta negociar com a influenciadora, que se mantém irredutível em relação ao valor. O mesmo comunica ao novel escritor sobre esta conversa, deixando-o indignado, uma vez que tinha a influenciadora em questão na mais alta estima. Eis que o rapaz faz um post, criticando as atitudes dessa influenciadora em seu blog. Irresignada, a myvodder, nas altas horas da noite, liga para o moço, desferindo toda sorte de declarações capacitistas, por sua deficiência, e racistas, por sua origem indígena. Sua mãe está aqui conosco pra contar essa história. Boa tarde, Larissa, seja bem-vinda ao nosso programa.

— Obrigada pelo espaço, Jorge.

— Nós que agradecemos sua presença, Larissa. Pode nos contar a história do Laerte?

— Em mil novecentos e noventa e nove, era eu era um adolescente de treze anos. Comecei a fazer o curso de informática na Escola Dáctilus. Foi minha madrinha quem pagou pra mim, porque meus pais não tinham condições pra pagar. Naquela época, se dizia que pra arrumar um emprego, era preciso ter curso de informática. Foi nessa escola que conheci o Jean. Foi paixão à primeira vista. Me encantei por sua educação e doçura. Antes, a gente era só colega de curso, ficamos amigos, a amizade virou namoro, e aos catorze, estava grávida do Laerte.

— Laerte foi fruto desse amor.

— Sim, Jorge. Laerte nasceu no dia 27 de outubro de 2000. Foi um parto difícil, que me deixou muitas marcas, mas quem ficou mais marcado foi meu amado filho. Eu, uma menina de catorze anos, um metro e cinquenta e seis centímetros, cinquenta quilos, fui vítima de violência obstétrica. A última ultrassonografia que fiz indicava que Laerte não tava encaixado,

e tinha que fazer uma cesária. No dia do parto, o doutor Lorenzo Gottardi Dalla Bernardina, dono da Maternidade Dalla Bernardina, à época, conveniada com o SUS, me tratou com extrema grosseria. O obstetra não quis me fazer a cesária. Me meteu ocitocina, praticou a manobra de Kristeller.

— O doutor Lorenzo tem um histórico de acusações de violência obstétrica.

— Laerte teve falta de oxigenação no cérebro, culminando na paralisia cerebral, deixando sequelas no movimento dos membros inferiores e dificuldades na fala, fazendo que ele andasse de cadeira de rodas por um longo período. Após sessões de fisioterapia na CREFES, ele já consegue andar de muletas. Quanto à fala, por muitos anos, ele fez sessões com a fonoaudióloga no Hospital das Clínicas. A paralisia cerebral não afetou seu intelecto, graças a Deus.

— Você processou o médico?

— Sim, mas a ação tá parada há anos na Vara Cível de Vitória. O doutor e sua maternidade usam e abusam dos recursos. Se fosse uma mulher rica, isso não aconteceria, mas como sou pobre e indígena, pensa que pode me tratar de qualquer maneira.

— Percebo que você defende Laerte com unhas e dentes.

— Ao longo da vida, Laerte foi vítima de capacitismo. Eu nunca deixei barato. Numa conversa que tive com uma amiga, a Gardênia, lembrei as humilhações que uma professora praticava contra ele na Escola Alexandre Martins de Castro Filho. A pedagoga e a diretora passavam pano nas atrocidades da professora regente. Fui à TV Mestre Álvaro, procurei o apresentador do *Sacode Legal*, Santana Júnior, hoje deputado estadual, e lhe contei a história. Moral da história: a professora, contratada em designação temporária, foi demitida. Foi instaurado processo administrativo disciplinar contra a diretora e a pedagoga, que

receberam uma advertência, anotada na ficha funcional delas. Ansiava uma punição mais severa, mas pra mim, ficou de bom tamanho.

— Conta pra gente como Laerte escreveu *Rebello Resiste*.

— Laerte participou ativamente da ocupação das escolas contra a reforma do Ensino Médio, proposta por esse presidente golpista e ilegítimo que tá no Palácio do Planalto. Ele também acompanhou os movimentos de ocupação das escolas em São Paulo contra a reorganização das escolas, em 2015. Laerte cursa o terceiro ano no Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Jornalista Marien Calixte. Em 2017, Andréa, professora de Língua Portuguesa e Literatura, ministrou uma oficina de escrita criativa, deixando meu menino muito empolgado. Foi aí que surgiu *Rebello Resiste*. A professora o ajudou bastante no processo criativo.

— O que *Rebello Resiste* aborda?

— O livro do Laerte trata da resistência de estudantes contra o fechamento do Colégio Rebello, em virtude da venda do terreno por parte do Banco Montenegro, com o qual o pai da dona da escola tem uma dívida milionária, pra uma construtora, com planos de construir um prédio de luxo. Apesar de ser uma escola particular, tem uma perspectiva inclusiva, com alunos com variadas necessidades especiais, além da concessão de bolsas de estudos para alunos carentes e talentosos. Debate a ganância dos bancos e a especulação imobiliária.

— Quais percalços Laerte enfrentou?

— Laerte enviou o original de *Rebello Resiste* a várias editoras, algumas dando respostas grosseiras, detonando o conteúdo do livro, dizendo que críticas sociais não dão camisa a ninguém, apontaram o excesso de ativismo da obra, se recusam a comentar as razões da não aprovação do original. Após tantas recusas,

Rebello Resiste foi publicado pela Edições Talismã, de Sebastião Alvarenga. Fui a Belo Horizonte com Laerte pra assinar o contrato de edição.

— Após a publicação, Bárbara Fonseca, analista de marketing da Edições Talismã entrou em contato com a influenciadora literária Viviane Botacin, no objeto de divulgar a obra no canal desta, porém o valor pedido pela produtora de conteúdo literário tava acima das capacidades da editora...

— A ruivinha das bochechas rosadas e sardentas pediu cinco paus pra editora do Sebastião, pra fazer um vídeo com a resenha de *Rebello Resiste* e a publicação nas redes sociais. Sebastião pediu pra negociar o valor, mas Viviane foi intransigente e recalci-trante, disse que o valor era inegociável. Ele ligou para Laerte, comunicando o fato. O menino ficou decepcionado, porque era fã dessa influenciadora, e ela se mostrou egoísta e elitista, não considerando que a Edições Talismã é uma editora independente. Essa conduta provoca o silenciamento e marginalização da literatura não produzida pelos grandes grupos editoriais. Esses cinco mil reais, a Editora Constantino tem a rodo pra divulgar os bestsellers da gringa. Veja bem, sou técnica em biblioteca pela Escola Estadual de Ensino Médio Fernando Duarte Rabelo e bibliotecária graduada pela UFES, buscando recolocação profissional, mas se eu fosse a analista de mídias sociais de uma editora, investiria esses cinco mil reais em dez nano e microprodutoras de conteúdo literário, com bom engajamento, a investir tal valor na Viviane, com quinhentos mil seguidores, com engajamento duvidoso, sem certeza de resenha positiva, que culmine no aumento das vendas da obra *Rebello Resiste*.

— Muitas marcas já tiveram problemas com influenciadores digitais. O que pensa a respeito?

— Há muitos influenciadores digitais que compram likes e

seguidores, tudo pra poder encher os olhos de prováveis anunci-antes. Eles podem ter seguidores, mas tem baixíssimo engajamento.

— Como foi a abordagem de Viviane com o Laerte.

— Laerte se preparava pra dormir, quando aquela ordinária da Viviane ligou pra ele. Já eram mais de 11 horas da noite. Ela ficou nervosinha pelo fato do Laerte ter feito um post no blog dele, criticando o preço absurdo que ela cobrou para divulgar o livro dele no canal dela. A dita influenciadora podia ter feito a coisa certa, ter pedido desculpas pela atitude, e se colocado à disposição pra negociar um valor que coubesse no orçamento da Edições Talismã, mas ela se manteve intransigente. Não só reafirmou sua postura em cobrar o valor exorbitante, como tentou jogar meu garoto contra o dono da editora, além de o ofendido com vários impropérios...

Larissa começou a chorar. Ela não conseguiu segurar a emoção.

— Décio, o áudio tá no ponto? Se tiver, pode rodar.

O áudio da ligação telefônica foi ao ar. Jorge deu sua opinião:

— Viviane deveria ter muito cuidado com as palavras, uma vez que se trata de uma pessoa pública. As sagradas escrituras dizem que a boca fala o que tá cheio o coração. Percebe-se que é uma pessoa preconceituosa, e emite juízos de valor de uma pessoa que nem conhece. Ela profere discursos de ódio, tão-somente pelo fato de ter sido criticada por um seguidor, que ansiava ter seu livro divulgado no canal dela, em virtude do preço absurdo do publieditorial. Ela não teve um pingão de empatia. Deixou a mesquinhez e o egoísmo falarem mais alto. A produção entrou em contato com a Viviane, mas o telefone dela só caixa postal. O espaço tá aberto, caso ela queira apresentar o

outro lado. Larissa, onde os ouvintes podem adquirir *Rebello Resiste*?

— Os ouvintes podem comprar *Rebello Resiste* nas Livrarias Fato da Grande Vitória, além do site da Edições Talismã, em <www.edicoestalisma.com.br>.

— Larissa, muito obrigado por ter compartilhado a história deste menino determinado como o Laerte.

— Eu que agradeço a oportunidade. Boa tarde.

Carol entrou no refeitório, se aproximou de Laerte, deu-lhe um beijo no rosto, abraçou calorosamente, e disse:

— Boa tarde, querido.

— Boa tarde, Carol.

— Li *Rebello Resiste*. Achei a obra bastante envolvente.

— Obrigado, Carol.

— Aquele Zeca Barreto é uma vergonha aos jornalistas. Ele plantou na imprensa um monte de mentiras contra os estudantes do Colégio Rebello.

— De jornalista, Zeca só tem o diploma. Ele é a escória da profissão. É uma pena de aluguel, ou seja, um cara pago pra escrever o que os outros lhe pedem, em troca de dinheiro, seja pra puxar o saco de alguém, seja para assassinar reputações. No caso, o Zeca era pago pra veicular fake news contra os estudantes, visando jogar a opinião pública contra eles.

— Entendo. O casal Amandha e Pedro é o mais fofo que conheci, ao longo da minha vida como leitora de livros. Ela, asperger, e ele, com baixa visão. São eles que lideram os estudantes pra impedir o fechamento da escola. Mudando de assunto, Laerte, Andréa me disse que você foi vítima de capacitismo.

— Sim, Carol. Viviane Botacin, influenciadora literária que tinha em alta conta, me ligou tarde da noite, exigindo que eu

tirasse o post, do qual reclamava do alto preço que ela cobra pra fazer uma resenha, algo em torno de cinco mil reais.

— Meu Deus! É muito dinheiro!

— Sim, uma grana que meu editor não possui. Esse é o valor que ele investe em marketing digital.

— Poxa, eu gostava dos vídeos dela, mas não conhecia essa faceta dela.

— Tá conhecendo agora. Se fosse você, deixava de segui-la.

— Vou dar à Viviane o benefício da dúvida.

— Você que sabe, Carol.

DEZ

os desdobramentos da entrevista

A ENTREVISTA VIRALIZOU NAS REDES SOCIAIS. A influenciadora foi duramente criticada no post da entrevista publicada nas redes sociais da Rádio Colibri FM, embora houvesse alguns posts que defendiam Viviane, criticando o âncora e a mãe do jovem escritor:

Decepção total com a Viviane Botacin. Meu Deus, como ela pode ser tão preconceituosa e racista com o Laerte? Deixando de segui-la em 3,2,1...

A mãe do Laerte só quer biscoito pro filho querido. Foi mau caratismo ter exposto a influenciadora, que só é uma prestadora de serviços. Se não tem como pagar, passa reto, mas não precisa esgrachar a menina.

Gente, lembra! A mãe desse fedelho quer fazer

barraco, usando a reputação da Viviane pra promover o livro dele. Vai ter trouxa que vai cair na esparrela e vai comprar Rebello Resiste.

Quando o(a) influenciador(a) literário(a) recebe grana pra fazer uma resenha, e faz disso seu ganha-pão, a credibilidade cai, porque ele não poderá mais fazer críticas negativas de livros ruins. Se o fizer, as editoras encerram a parceria, colocando a resenha sob suspeita. O elogio à obra seria sincero, ou uma forma de prospectar clientes futuros?

Enfim, a máscara de Viviane Botacin caiu. Essa ruiva nunca me enganou. Sempre me pareceu muito soberba e cheia de si.

Larissa, o que você ganha expondo a Viviane, hein? Você pode ter problemas na Justiça, ao divulgar o áudio de uma conversa privada sem autorização. Em tempo: não sou seguidor da influenciadora em questão.

Se o Laerte fosse um autor gringo, que lançasse seu livro no Brasil, Viviane faria até de graça a resenha no canal dela. Ela é paga pau de autores da gringa, tem nojinho de autores brasileiros.

Já sabia que Viviane é um poço de arrogância e soberba, mas dessa vez, ela pegou pesado com o menino. Que papelão!

À noite, Viviane, após tomar conhecimento da divulgação do áudio na Rádio Colibri FM, publicou um vídeo no MyVOD, se vitimizando, tentando defender o indefensável:

Em respeito aos mais de quinhentos mil seguidores no MyVOD, que são o meu maior patrimônio, venho a público informar que fui vítima de linchamento moral por parte da genitora do escritor Laerte Medeiros Maia, a senhora Larissa, numa entrevista concedida à Rádio Colibri FM, na qual me acusa de ser preconceituosa e capacitista.

Gostaria de informar que não reconheço a autenticidade do suposto áudio da conversa telefônica, onde supostamente proferi palavras torpes contra o escritor, certamente foi uma montagem com trechos fora de contexto, no afã de denegrir minha imagem, uma vez que me neguei a negociar o valor do publieditorial para divulgação do livro do Laerte, Rebello Resiste, publicado pela Edições Talismã.

A narrativa construída pela estação de rádio de Vitória, por meio da contação da “história sofrida” do escritor, somada à divulgação do áudio da conversa telefônica descontextualizada induzem o ouvinte a ficar do lado do Laerte. A produção do radiojornal deveria verificar a autenticidade do áudio, antes de veiculá-lo.

Mas, movidos pela audiência a todo o custo, apelam ao sensacionalismo. Por essas e outras, é urgente debater a volta da obrigatoriedade

do diploma de jornalismo para o exercício da profissão, derrubada numa intempestiva e equivocada decisão do Supremo Tribunal Federal, porque hoje em dia, qualquer zé mané pode abrir um site, um jornal, apresentar um programa de rádio e televisão, e se intitular jornalista.

Não autorizo a veiculação do meu nome ao áudio em questão, porque não há como provar sua autenticidade, e sua origem é espúria. Tomarei as medidas de natureza legal contra Laerte, a senhora Larissa, contra a Rádio Colibri, e Jorge Mesquita. Era o que tinha a dizer no momento.

* * *

Viviane ligou para a Rádio Colibri, querendo falar com Jorge Mesquita.

— Alô, é da rádio Colibri FM?

— Sim.

— É Viviane Botacin quem tá falando. Gostaria de falar com o senhor Jorge Mesquita.

— Só um minuto.

Jorge pediu que transferissem a ligação para o estúdio de gravação, e pediu que o sonoplasta gravasse a ligação com a híbrida, ligada ao computador, sem que ela soubesse da gravação:

— Alô, bom dia.

— O que tem de bom, seu desgraçado?

— Mas o que é isso? Que palavreado é esse?

— É esse palavreado mesmo que uso com pessoas sem escrúpulos, como o senhor, que exploram a miséria alheia, em programas de rádio popularescos e sensacionalistas. Eu exijo que

retire a entrevista que a senhora Larissa concedeu a esta rádio de todas as redes sociais, senão vou acioná-lo judicialmente e esta rádio, além de influenciar meus seguidores pra que parem de consumir produtos e serviços anunciados nessa rádio. Quem lacra, não lucra, querido.

— Coitada! Fala como se fosse a Kéfera. Quem é você na fila da cesta da LBV?

— Viviane Botacin, influenciadora literária, que teve a reputação assassinada pelo escritor Laerte Medeiros Maia, por sua mãe, por esta rádio, e pelo senhor.

— Eu não te prejudiquei. Foi você quem se prejudicou, ao tratar o menino com expressões racistas e capacitistas. Viviane, A vida da gente é feita de escolhas, e você fez escolhas erradas. Não queira terceirizar suas responsabilidades. Nós ligamos para você, pra que desse sua versão, mas você não foi encontrada.

— É porque eu tava gravando vídeo, produzindo conteúdo, que não é barato. Logo, posso cobrar o que quero, mas o editor do Laerte é um chorão e muquirana.

— E você acha que a editora vai ter cinco mil reais para poder divulgar livro no seu canal? Sua mão cairia, se negociasse?

— Não negocio valores. Meu valor é este. Fim de papo. Fique ciente que se perder patrocínios e parcerias, acho bom a rádio preparar o bolso, porque essa lacração vai custar muito caro. O recado tá dado. Vou trabalhar, porque é dia de branco. Passar bem, senhor Jorge.

Várias editoras e escritores se manifestaram, repudiando a conduta de Viviane, e anunciando o encerramento da parceria com a produtora de conteúdo literário.

Não basta ser contra o capacitismo.

É preciso ser anticapacitista. Sendo assim, nós da editora Bentinho estamos encerrando a parceria com a influenciadora literária Viviane Botacin.

Repudiamos completamente toda a forma de preconceito.

Fica o nosso apoio ao escritor Laerte Medeiros Maia.



Após tomar conhecimento do ato de racismo estrutural e capacitismo cometido contra o escritor Laerte Medeiros Maia, o Grupo Editorial Constantino vem a público informar que não manterá o contrato de parceria com a produtora de conteúdo literário Viviane Botacin.

A direção do Grupo Editorial Constantino considera as condutas da influenciadora incompatíveis com os princípios e valores desta casa editorial.



A Quintella Editorial repudia fortemente as falas da influenciadora literária Viviane Botacin contra o escritor Laerte Maia. Devido

ao episódio, comunica o cancelamento do contrato de parceria com esta última.



As declarações de Viviane Botacin contra uma pessoa com deficiência e descendente de povos originários são inadmissíveis.

Eu, Beth Paranha, enquanto escritora independente e mãe de um adolescente com autismo severo, comunico o cancelamento da parceria com a influenciadora Viviane Botacin.



Em respeito às pessoas com deficiência e às pessoas indígenas, nós da Bazinga Store, estamos suspendendo a parceria com a influenciadora Viviane Botacin. Deixamos claro que não endossamos suas declarações capacitistas e racistas.



A Secco Editora leva as acusações de racismo e capacitismo muito a sério, não tolerando esse tipo de comportamento de seus parceiros. Portanto, decidimos terminar o contrato de parceria com a influenciadora Viviane Botacin.



A Editora Fiorella repudia as declarações da produtora de conteúdo literário Viviane Botacin, indo ao encontro aos valores defendidos por esta casa editorial. Em razão disso, decidimos romper o contrato de parceria com ela.

ONZE

a feijoada rende

NO DIA SEGUINTE, o áudio da conversa entre Viviane e Jorge Mesquita foi divulgado. O âncora repercutiu no *Jornal Colibri - Edição do Almoço*, num duro editorial:

Definitivamente, Viviane Botacin, você perdeu uma oportunidade de reverter a situação que você mesma criou. De forma autoritária, exigiu a remoção da entrevista concedida pela Larissa, mãe do Laerte das redes sociais da Rádio Colibri FM. Ainda teve a pachorra de dizer que insuflaria seus seguidores para boicotar os anunciantes desta rádio.

De uma pessoa que se apresenta como produtora de conteúdo literário, em virtude de suas leituras, espera-se uma cabeça mais aberta à diversidade, mas o que percebi foi uma mulher extremamente preconceituosa, reacionária e capacitista, que demonstra não ter o menor escrúpulo, tão-somente movida pelo dinheiro.

Viviane, eu maratonei os vídeos do seu canal no MyVOD, e as resenhas são majoritariamente de autores estrangeiros. Será que os autores brasileiros são tão ruins assim? Vejo que você é colonizada, que só dá espaço à literatura estrangeira, desprezando a literatura brasileira.

Sei que para montar seus vídeos, há todo um custo. Pelo amor de Deus, bastava dar um desconto para Edições Talismã, editora independente de Belo Horizonte, que se encontra em disparidade de armas com os grandes grupos editoriais por um espaço no mercado? A sua mão cairia por causa disso?

Acionar esse comunicador e a emissora que o emprega é um direito que lhe assiste. Uma coisa entrar com a ação, outra, é o juiz conhecer da mesma, e dar provimento.

Tomara Deus que este intento não prospere.

Algumas influenciadoras literárias, amigas ou admiradoras de Viviane, fizeram uma nota coletiva de apoio à bookvodder:

Nós, produtoras de conteúdo literário abaixo-assinadas, vimos a público repudiar o assassinato de reputação sofrido pela companheira Viviane Botacin, praticado pelo escritor Laerte Medeiros Maia, por sua mãe, Larissa de Sá Medeiros Maia, e endossado pela Rádio Colibri FM.

Ela está sofrendo com transtornos mentais, vivendo à base de remédios controlados. Quando ligou para o escritor, estava fora de si.

Alguns pontos precisam ser destacados:

- 1) Laerte é um machista que só cresce para cima de mulher.*
- 2) Ele é um menino mimado, cheio de vontades, que utiliza o viti-mismo para conseguir o que quer.*
- 3) Além de mau-caráter, é manipulador e calculista.*
- 4) Nenhuma influenciadora literária é obrigada a negociar seus valores. Se o fizer, será por pura liberalidade. A Carta Magna diz que ninguém é obrigado a fazer ou deixar de fazer qualquer coisa, senão em virtude da lei.*
- 5) Se sua editora não pode pagar um publiteditorial, que o faça por meios próprios. Pare de choramingar, arregace as mangas, e faça acontecer.*
- 6) Influenciadora literária não é hobby, é profissão e meio de vida. O tempo de uma produtora de conteúdo literário é dinheiro.*
- 7) O autor Laerte precisa entender que livro é produto.*
- 8) Laerte é o tipo do menino mimado que não sabe lidar com o não, e vai para internet lavar roupa suja.*
- 9) Se a editora não tem dinheiro para pagar o que Viviane pede,*

deveria ter procurado outra influenciadora que coubesse no orçamento, não achincalhasse a moça no blog.

10) Essa atitude de Laerte faz que ele queime seu filme com todos os atores da cadeia de produção, distribuição e divulgação literária, tendo muitas portas fechadas.

11) Da forma que Laerte tem conduzido a sua carreira, virará um escritor de um livro só, um one-hit wonder literário.

12) Até que aprenda a tratar uma influenciadora literária com o devido respeito, nenhuma de nós vai resenhar Rebello Resiste ou qualquer livro que Laerte venha a lançar, mesmo com remuneração do publieditorial.

#somostodasvivianebotacin

São Paulo, 08 de setembro de 2018

Assinam esta nota:

Danielle Fumio Takeda/Estante da Dani (São Paulo-SP)

Berenice do Carmo Gonçalves/Blog da Berê (Bauru-SP)

Dafne Hoffmann/Rotina Literária (Taquara-RS)

Maria Cristina dos Reis Monteiro/Fala Tina (Olinda-PE)

Cristiana Vicente Euclides/Cantinho da Cris (Boituva-SP)

Renata Mendes Herbst - As leituras da Renatinha (Joinville - SC)

Tabatha Leandro Passos Zambon/Anelos Literários (Caxias do Sul - RS)

Marcella Muniz Leal/Blog da Marcellinha (Vitória-ES)

Flávia Louise Peiter von Krüger/Leituras da Flavinha (Blumenau-SC)

Anna Virgínia Cavalcante de Moraes/Blog da Anninha (Recife-PE)

Outras influenciadoras, a seu turno, repudiaram veementemente a conduta de Viviane, com uma nota coletiva, apoiando Laerte:

Nós, produtoras de conteúdo literário abaixo-assinadas, manifestamos nossa solidariedade ao escritor Laerte Medeiros Maia, e repudiamos as falas preconceituosas e capacitistas de Viviane Botacin, na nossa opinião, são moralmente censuráveis.

Frise-se que muitas de nós tínhamos a referida influenciadora como referência. No início, éramos apenas seguidoras e fãs, hoje somos influenciadoras literárias. Ela nos despertou a paixão pela leitura. Hoje, dizemos que sentimos vergonha de tê-la como referência, e que ela não nos representa.

Lamentavelmente, Viviane deixou o sucesso e o dinheiro lhe subirem à cabeça. Perdeu o foco na difusão literária, sendo uma mera bajuladora de autores anglófonos, ou quando autores nacionais, só dos ditos best-sellers.

À Viviane, faltou-lhe inteligência emocional para lidar com uma situação adversa, a saber, o legítimo questionamento de Laerte do valor surreal que ela cobra de autores e editoras para divulgação de obras literárias. Ele, vivendo com paralisia cerebral, autor de primeiro livro, publicado numa editora independente de Belo Horizonte, tem o direito legítimo de buscar seu espaço no mercado.

Como profissionais engajadas na difusão da leitura, somos a favor da diversidade, e repudiamos veementemente todo e qualquer tipo de preconceito. De uma profissional que lida com as letras, a última coisa que se espera são discursos de ódio contra um jovem descendente de povos originários e com deficiência física.

A decisão das editoras em encerrar a parceria com a referida influenciadora foi acertada, pois não havia cabimento das casas editoriais associarem sua marca a uma pessoa preconceituosa e capacitista.

Juntas, temos um milhão de seguidores, o dobro dos alegados mais de quinhentos mil seguidores de Viviane Botacin. Somos influenciadoras com engajamento, cujas opiniões provocam repercussões dentro do meio literário.

*Visando difundir a literatura independente nacional, e dar voz aos autores silenciados pela falta do poder econômico, firmamos o compromisso de adquirir o livro *Rebello Resiste*, faremos leitura coletiva, e publicaremos a resenha em nossas redes sociais, sem ônus para o autor e para a editora.*

Blumenau, 08 de setembro de 2018

Assinam esta nota:

Andrea Maitê Wolff von Baumgarten/Andrea e Seus Livros (Blumenau-SC)

Analú Márcia Fernandes Moreira/Leituras da Analú (Cacoal-RO)

Rayssa Fernanda Juvêncio da Luz/Leia, Rayssa (Santana-AP)

Melissa Rita de Assis Sousa/Delírios Literários da Mel (Salvador-BA)

Tereza Pietra Dias/Biblioteca da Tereza (Florianópolis-SC)

MAXWELL DOS SANTOS

Mariana Nicole Santana Lima/O Mundo Literário da Mari (Brasília-DF)

Juliana Sophia da Rocha/As Quimeras Literárias da Juju (Rio Branco-AC)

Luciana Simone Sad Cavalcanti/Blog da Lu Cavalcanti (Boa Vista-RR)

Maya Nina Novaes/Blog da Maya (Macapá-AP)

Rosângela Mattos da Conceição – Espaço Literário da Rô (Teresina—PI)

Mas Viviane não pararia por aí.

DOZE

vou botar no pau

NO ESCRITÓRIO DE SUA ADVOGADA, doutora Flávia Takeda, na Avenida Paulista, Viviane tratava das providências judiciais que tomaria contra Laerte, Larissa, Jorge Mesquita e a Rádio Colibri FM:

— Flávia, o remédio pra lacrosite é Processonol. É um remédio amargo, que expurga o desejo de lacrar e se vitimizar.

— Sim, Viviane. O assédio jurídico é uma medida eficaz contra pessoas lacradoras e vitimistas, como Laerte e sua mãe.

— Já perdi R\$ 300.000 em parcerias com autores e editoras, perdi 200.000 seguidores no MyVOD, e fui desconvidada de vários eventos literários e de cultura pop que participaria até o fim do ano. Inferno!

— Veja bem, Viviane. Vou entrar com uma ação contra Laerte e sua mãe, requerendo danos morais e materiais, e uma outra ação contra a Rádio Colibri FM e contra o comunicador, solicitando, além dos danos morais e materiais, a remoção do áudio das redes sociais da referida citação.

— Esse aleijado lazarento tá se dando bem. A divulgação de

Rebello Resiste por aquelas blogueirinhas paspalhonas, que fizeram uma cartinha de repúdio, dando fé às mentiras daquele fedelho contra mim, tá dando certo. Em menos de uma semana, os exemplares do livro daquele canalha se esgotaram nas livrarias, e a Edições Talismã já providenciou uma nova tiragem de 3.000 exemplares.

— O Laerte tá se dando bem, enquanto você tá sendo cancelada na internet.

— A Secretaria de Estado de Educação do Espírito Santo adquiriu 600 exemplares de *Rebello Resiste* pras escolas públicas do Estado. Foi também aprovado no PNLD Literário 2018, do FNDE. Ou seja, suas ideias socialistas chegarão aos alunos de todo Brasil. Aborto malfeito! Aleijado maldito!

— Sorte a dele.

— Soube, de fonte segura, que *Rebello Resiste* foi recusado pela Secretaria de Educação de Governador Valadares. A parecerista denominou o livro daquele mentecapto de manual terrorista, um panfleto de agitação social, de criar um falso maniqueísmo, em que os donos da escola com uma perspectiva aparentemente inclusiva versus o banco incompassivo e cruel, e o empreiteiro sem escrúpulos. Apontou que o livro é tendencioso, induz o leitor a ficar do lado dos estudantes e dos donos da escola, colocando o banco e a construtora como vilões, não deixa as pessoas pensarem. Terminou o parecer, dizendo que o escrito daquele ordinário, tá contaminado por um discurso anticapitalista, com doutrinação socialista, satanizando bancos e construtoras.

— A parecerista valadareense tá mais do que certa. Em respeito aos pais, pagadores de impostos de Governador Valadares, salvo melhor juízo, não recomendaria a aquisição de *Rebello Resiste*. A literatura é subjetiva, porém, como recurso didático

utilizado em sala de aula, não pode emitir juízos de valor, induzir o aluno a uma conclusão, tampouco estabelecer uma verdade. Por essas e outras, sou a favor do Escola Sem Partido.

— O professor Geraldo de Macedo, em suas aulas, fala amiúde do marxismo cultural. A literatura é uma correia de transmissão da ideologia comunossocialista. *Rebello Resiste* é um panfleto. Ora, ao banco, assiste-lhe o direito de reaver os valores devidos pelo pai da dona do Colégio Rebello, que contraiu empréstimo, não honrando seu compromisso, e a instituição bancária não teve escolha, senão colocar o prédio do estabelecimento particular de ensino a leilão, para recuperar o crédito. A meu ver, os alunos acabam sendo idiotas úteis da família Rebello, por motivos escusos, deixam de cumprir as obrigações para com o banco.

— Eu também acho, Viviane.

— Tem mais, Flávia.

— Me conta.

— O chorão do velho Tião, ao saber por meio do representante comercial da Edições Talismã que a obra do novel escritor foi recusada em Valadares, acusou a parecerista de ter fumado maconha estragada, ou cheirado cocaína vencida.

— Que horror!

— A editora entrou com pedido de anulação da licitação, em virtude da parecerista ser esposa de Israel Nunes, um dos sócios da ICP Engenharia, a maior construtora do Leste Mineiro, com obras do Minha Casa, Minha Vida por toda a região, sob a alegação de suspeição e conflito de interesses.

— Coisa de quem não aceita perder. Puro mimimi.

— Em compensação, a obra daquele estrupício foi comprada pela prefeitura de Belo Horizonte, pra ser distribuída nas escolas públicas da capital mineira. Pobres alunos!

— Nem todo aluno gosta de ler.

— O livro desse coiso já tá na lista dos 20 mais vendidos da revista *Olhe*, no segmento de ficção infantojuvenil. O romance dele será lido no Clube do Livro da Tarsila Petraglia, atriz da Rede Esfera. Tudo isso aconteceu à custa da avacalhação da minha imagem, do assassinato da reputação, enquanto influenciadora literária.

— Que vitimismo lucrativo!

— Escreve que tô te dizendo, Flávia: não vai demorar muito que algum grande player de mídia compre os direitos de *Rebello Resiste* pra transformar em game, audiolivro, história em quadrinhos, longa live action, longa de animação, minissérie, que poderá vir a ser exibida na TV aberta, TV paga ou no streaming. A título de danos materiais, vou requerer a parte que cabe ao Laerte dos direitos autorais decorrentes das compras em livrarias e das compras governamentais, bem como valores recebidos da venda de direitos da obra para qualquer um desses players midiáticos. Todo o montante tem que ser depositado em juízo.

— Laerte precisa aprender que o mundo não gira em torno dele, que ele não falar o que lhe vem ao nariz. Quando não há freio na língua, o bolso paga o pecado.

— Esse miserável fez um texto ridículo, com um monte de gracinhas acerca do meu trabalho como produtora de conteúdo literário, quis botar preço no valor do meu publi. Ele não tinha nada que se meter na questão de negociações de marketing. É um assunto que cabe ao departamento de marketing da editora com os produtores de conteúdo literário. Flávia, mete bronca no processo. A vítima sou eu e a empresa que me representa. Peça assistência judiciária gratuita para ambas.

— É você quem manda, Viviane. Deixa comigo.

— Quanto à Rádio Colibri FM, peça na inicial, a título de

danos materiais, que os valores de verbas publicitárias destinadas ao programa jornalístico sejam depositados em juízo. Qual vai ser sua estratégia pra que a justiça me dê razão?

— Viviane, vou lançar mão da tese de que Laerte quis te constranger por meio da postagem do blog, tentando te obrigar a baixar o seu preço, que isso te causou abalo psíquico, fazendo você ligar pra ele pedir encarecidamente pra retirar o post do blog, mas como o escritor se manteve recalcitrante, você teve um descontrole emocional no decorrer da chamada. Ato contínuo, Laerte entregou a gravação à sua mãe, que procurou a Rádio Colibri FM, e divulgou o áudio numa entrevista. Sustentarei na peça que o áudio foi obtido por meio espúrio, com diálogos retirados de contexto, gerando um prejuízo material de 300 mil reais, cancelamento de convites pra participação de eventos literários e de cultura pop, bem como o unfollow de 200 mil seguidores no MyVOD. Há uma possibilidade de ganharmos a ação.

— Tomara, Flávia.

* * *

Viviane e sua empresa ingressaram com uma ação de obrigação de fazer combinada com indenizatória por danos morais e materiais em desfavor do Laerte e de sua mãe, na Vara Cível de Vitória. A influenciadora e a VB Marketing Literário Eireli—EPP queriam R\$ 300.000 de indenização, alegando que o áudio gravado por Laerte e divulgado por sua genitora não poderia ter sua autenticidade comprovada, que foi divulgado fora de contexto, provocando perda de seguidores e parcerias com editoras e autores. Ela buscava uma retratação pública da bibliotecária e do escritor. Após ouvir as partes, o juiz Leonardo da Motta Prandini deu sua sentença:

Vislumbro um claro assédio jurídico praticado pelas autoras em desfavor do menor L.M.M, e de sua genitora, Larissa de Sá Medeiros Maia, com vistas a intimidá-los e demovê-los de denunciar a conduta censurável da primeira autora, em proferir termos racistas e capacitivas, que foram divulgadas na Rádio Colibri FM.

As autoras, conscientemente e deliberadamente, alteraram a verdade dos fatos, tentando induzir este Juízo a erro, ao imputar ao menor a prática de constrangimento ilegal por meio do texto que este escreveu em seu blog, quando na verdade, só criticou a política comercial da primeira autora, sugerindo alternativas para monetização, visando manter a imparcialidade das resenhas publicadas no canal da influenciadora no MyVOD.

Na ausência de laudo assinado por um psiquiatra ou neurologista que ateste o abalo psíquico da senhora Viviane, a argumentação da primeira autora não merece prosperar.

Enquanto pessoa pública e influenciadora digital, é mister que a primeira autora se polície no tocante ao linguajar, para evitar desconfortos. Mas no áudio da conversa telefônica transcrito e arrolado aos autos, percebo que a senhora Viviane Botacin dá gritos histéricos, profere frases racistas, pela origem indígena do menor L.M.M, e capacitistas, passíveis de investigação criminal. A alegação que o áudio cedido pela genitora do menor, e divulgado pela Rádio Colibri FM, foi obtido por meio espúrio, com frases descontextualizada, data maxima venia, não merece guarida.

As perdas de parcerias com casas editoriais e escritores, bem como desconvites a eventos literários e de cultura pop decorrem de culpa exclusiva da senhora Viviane, diante da revelação dos insultos racistas e capacitistas contra o menor L.M.M.

É inconcebível que a senhora Viviane e sua empresa aufiram

indenização por pretensos danos morais e materiais por algo que foi culpa da primeira autora. Lamentavelmente, há uma verdadeira indústria da indenização, que abarrota os fóruns Brasil afora, em virtude de mero aborrecimento, com o desiderato de obter enriquecimento indevido.

Pelo exposto, julgo improcedente o pedido, condenando as autoras, por conseguinte, ao pagamento das custas processuais e honorários advocatícios, que fixo em 10% sobre o valor da causa.

Indefiro, outrossim, a gratuidade judiciária das autoras, por não vislumbrar a hipossuficiência financeira destas, após analisar as redes sociais da autora Viviane Botacin, onde resta provado que a influenciadora tem uma vida de luxo, comprando roupas de grife, frequentando restaurantes caros, viajando em voos de primeira classe, o que afasta sua miserabilidade. Ademais, em entrevista para um conhecido programa de televisão sobre empreendedorismo, a autora declarou que sua empresa tem um faturamento anual de 2,5 milhões de reais, o que afasta a impossibilidade de pagamento das custas e honorários advocatícios.

Certificado o trânsito em julgado, regularizadas as custas, archive-se com baixa.

Publique-se. Intimem-se.

Vitória, 05 de outubro de 2018

Leonardo da Motta Prandini

Juiz de Direito

A produtora de conteúdo repercutiu sua derrota com a advogada:

— Aleijado maldito! Aproveita-se da condição de portador de deficiência e ser de menor pra pintar e bordar. A mão desse pirralho tem mais poder do que um revólver calibre 38 na mão de um pivete chamado pelos ativistas dos direitos dos manos de vítima da sociedade e oprimido pelo sistema.

— A meu ver, Viviane, é preciso deixar o sentimentalismo de lado, e avançar no projeto da redução da maioria penal para todos os crimes, não só pra os chamados crimes graves. Em qualquer país sério, com política de tolerância zero, Laerte seria julgado como adulto. Recorrerei da sentença no Tribunal de Justiça.

— Aqui nessa republiqueta de meia tigela chamada Brasil, os menores infratores têm guarida no infame Estatuto da Criança e do Adolescente. Esse aleijado desgraçado destruiu minha reputação, me fez perder parcerias com autores e editoras e 40% dos meus seguidores do MyVOD. Graças a esse infeliz, fui cancelada na internet. O tribunal da internet é implacável, em que atua como juiz, promotor e executor da sentença. Juro por tudo que é mais sagrado nessa vida que Laerte Medeiros Maia vai se arrepender de ter nascido. Vou esmigalhar aquele filho de rapariga!

— Viviane, tivemos mais uma derrota.

— Outra?

— Sim. A juíza Brenda Krauss Bravin, da Terceira Vara Cível de Vitória, indeferiu seu pedido de ação de obrigação de fazer combinada com indenização e pedido de tutela antecipada contra a Rádio Colibri FM, solicitando a remoção da entrevista concedida pela mãe do menor Laerte àquela emissora, bem como se abstivesse de mencionar seu nome.

— Inferno!

— Na sentença, a magistrada pediu vênias pra você e sua empresa, mas não vislumbrava extrapolação do limite à liber-

dade de expressão, mencionando o artigo 220 da Constituição. Alegou que a emissora tentou te ouvir, mas não conseguiu te localizar.

— Que esperasse minha posição. Mas a rádio, movida por ibope, atirou primeiro e perguntou depois. Além da volta da obrigatoriedade do diploma pro exercício da profissão, tinha que ser criado um Conselho Federal de Jornalismo, pra fiscalizar a profissão de jornalista, e punir os profissionais que abusam do direito à liberdade de expressão.

— A juíza mandou que você tomasse cuidado com suas palavras. Reconheceu a colisão de direitos, mas na opinião da doutora Brenda, o direito à informação deve prevalecer, apontando que a remoção de áudio é uma censura.

— Falo o que quero, sem medo da patrulha do politicamente correto. Atura ou surta. Mas o que a mãe desse moleque comigo foi canalhice. Se houve esse racismo e capacitismo, por que não procurou a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, o Juizado da Infância e da Juventude, ou o Ministério Público? Foi lavar roupa suja na emissora de rádio que tá entre as cinco mais ouvidas em Vitória, e aproveitou o espaço pra fazer merchandising do livro dele. Ela é uma safada e oportunista. Piranha!

— Larissa não se importa com o filho, mas o que ele pode trazer de lucro.

— Também acho, Flávia.

— Falando em safada, quero propor um acordo extrajudicial pra encerrar a ação que a Kelly tá movendo contra a empresa. Vou pagar 50 mil reais. É pegar ou largar.

— Viviane, ela pode recusar a proposta.

— Se ela recusar a ação, azar o dela. Se ela perder a ação, terá que pagar as custas processuais e honorários de sucumbência.

— Se pagar os 100 paus, a ação acaba.

— 100 paus? Vai vendo. Quem tudo quer, tudo perde, Flávia. Kelly não tá em condições de escolher. Quero ver como ela vai provar a autenticidade das supostas conversas que teve comigo via Pigeon e dos e-mails printados. Há juízes que não aceitam os meros prints.

— Ela pode ir ao cartório lavrar uma ata notarial.

— Com que dinheiro, Flávia? Só se ela rodar bolsinha nas ruas de São Paulo. Kelly é uma pé-rapada. Ela vai passar uma vergonha daquelas na Justiça do Trabalho.

— Na audiência, tudo pode acontecer, Viviane.

* * *

Em virtude do inatingível valor cobrado por Viviane pelo publieditorial, seus colaboradores tinham boa remuneração e qualidade de vida?

TREZE

esfolando o couro

VIVIANE RALHAVA CONTRA OS AUTORES E EDITORES QUE ACHAVAM CARO A DIVULGAÇÃO DO LIVRO EM SEU CANAL, mas precarizava as relações de trabalho dos seus colaboradores da área criativa, como social media, designer gráfico, cinegrafista e editor de vídeo em sua empresa, a VB Marketing Literário Eireli-EPP, contratando-os como pessoa jurídica, exigindo presença no escritório em Santana, Zona Norte de São Paulo, com cláusula de exclusividade, não podendo prestar serviço para nenhum outro myvodder. Celetistas, só os empregados operacionais, como auxiliar de serviços gerais, motorista e auxiliar administrativo.

Os criativos trabalhavam além do horário, sem pagamento de horas extras ou banco de horas. Quem reclamava, Viviane acusava o colaborador de não vestir a camisa da empresa. Não tinham nenhum direito trabalhista, como férias, 13º salário, FGTS e auxílio-alimentação. Se ao menos, ela pagasse o dobro do regime celetista, seria vantajoso, mas ela remunerava abaixo do

piso salarial e da média nacional. Quem era demitido, não tinha direito a nada.

Odiava a CLT, para ela, uma lei ultrapassada e altamente paternalista, que protege o trabalhador com direitos demais, prejudicando os empregadores, gerando desemprego e informalidade. Durante o processo seletivo para a vaga de editor de vídeo, na etapa final, onde ela disse que o regime de contratação era como pessoa jurídica, com necessidade de abertura de MEI e conta jurídica para recebimento dos salários, Henrique perguntou:

— E as férias? E o décimo terceiro? E o FGTS?

Viviane respondeu:

— Quer décimo terceiro salário? Reserve 25% do salário, entre agosto e novembro. Quer férias? Reserve 25% do salário quatro meses antes. FGTS é um dinheiro que o Estado te rouba, bobo. Acho que você é o tipo do cara que não sabe gerir o próprio dinheiro, e delega ao Estado essa função. Desencana.

— Viviane, eu sei bem gerir minha grana.

— Não é o que parece. Contratar empregados criativos com carteira assinada é muito puxado pra mim, enquanto empresária, pelo absurdo de impostos.

— Sim, a carga tributária no Brasil é absurda, mas isso não justifica precarizar o trabalho dos criativos.

— A carga tributária no Brasil é absurda, em virtude de um estado muito inchado e burocrático. Já passou da hora de fazer, não só uma reforma tributária, mas uma reforma administrativa. Sou contra a CLT, por achar obsoleta. Sou liberal, mas o trabalhador brasileiro tá arraigado na cultura da carteira assinada, com todos os direitos.

— O que é o correto, não?

— O que você prefere: emprego ou dinheiro no bolso?

— Emprego e dinheiro no bolso, claro.

— Acho que você não entendeu minha pergunta.

— Entendi sim, Viviane. Busco um emprego que me pague bem.

— Henrique, você tá com 30 anos, é um homem feito, casado, dois filhos, tá numa idade que precisa e quer conquistar as coisas. Se você ganhar o que ganha por direitos trabalhistas, nunca vai sair do lugar.

— É preferível ganhar pouco, mas com direitos do que ganhar mais, e por qualquer motivo ser demitido, sem direito a nada.

— A meu ver, o melhor direito trabalhista é ter direito ao trabalho. Será que nos Estados Unidos tem décimo terceiro, férias, FGTS?

— Não tem.

— Cara, você é da turma celetista, com narrativa sindicalista, que só quer direitos, não deveres. Um conselho que dou: esqueça a CLT. Não seja escravo do sistema. Seja parceiro da empresa. Pense em trabalho, não em emprego. Pense em lucro, não em salário. Busque mais pra vida além de emprego. É preciso pensar fora da caixinha.

— Pra ser PJ, só se pusesse um dígito a mais do que me propõe, porque eu não sou obrigado a pagar para trabalhar.

— 15 paus? Tá de brincadeira! Mano, é melhor pingar do que secar.

— Tá secando, isso sim.

— Patrão não é pai. Ninguém abre empresa por caridade. Aceita as condições de trabalho da empresa quem quer.

— Não, senhora. Aceita quem tá no desespero, quem tem boletos pra pagar, passando fome. Tenho recebido ajuda de uma amiga, que me ajuda com uma quantia para fazer mercado, além

das cestas básicas que eu pego nas instituições religiosas, e os bicos que faço pro dono do apartamento onde moro, de filmar e fotografar os imóveis em troca do aluguel.

— Fica fácil escrachar trampos, quando tem pessoas te ajudando. E quando a fonte secar, como vai ser?

— Sim, Viviane. Não há fontes inesgotáveis de dinheiro, mas a solidariedade é infinita.

- Mano, tá comprovado que é você é um grandessíssimo parasita social, que se aproveita dos outros. Cê é *forgado*, hein mano! Não tem vergonha nessa cara?

— Vergonha deveria ter você, em pagar um salário vil. Salário de fome, um pau e quinhentos seco, sem benefício nenhum, com trabalho presencial de segunda a sexta, de 9 às 19 horas, com cláusula de exclusividade. Tiro mais que isso nos freelas. Tá doida?

— Legal, cara.

— Não achei meu diploma de bacharel de Rádio, TV e Internet da Universidade Borba Gato na caçamba de lixo.

— Eu não tô te coagindo pra trabalhar aqui. Aceita quem quer trabalhar.

— Viviane, apesar de ter bolsa integral concedida pelo professor Nelson Hirata, um dos donos da instituição, tinha despesas com transporte, alimentação, xerox, com as gravações externas dos trabalhos que fazia pros trabalhos, e com meu TCC.

— Fiz Letras Português/Inglês na Borba Gato, de 2010 a 2013. Mas paguei do meu bolso. Fazia bicos de tradução e de intérprete, além de vender meu vale-refeição pra inteirar o valor da mensalidade. Sorte sua, que teve essa boa vida de estudar à custa dos pagantes, fazendo ainda os donos da instituição abaterem horrores de impostos.

— O professor Hirata me deu a mão na hora que mais precisei.

— Em relação à remuneração, é a lei da oferta e da demanda. Os governos esquerdistas, por meio da expansão das universidades federais, pelas bolsas de estudos do ProUni, além dos financiamentos do FIES, banalizaram o ensino superior.

— Você é contra a democratização do ensino superior?

— O ensino superior não deveria ser para todos. Foi uma ilusão inculcada pelos esquerdistas. Por conta disso, há mão de obra disponível do que vagas de emprego, achatando os salários.

— Um pau e quinhentos é uma mixaria que não tapa o buraco do dente. Salário de fome do cacete.

— Não tá bom pra você, passa reto, meu! Não embaça, tio! Lá fora, tem dez milhões de desempregados querendo trabalhar, e você aí, cheio de si, tirando onda. Por mais top que seja seu portfólio, você não tá alinhado à cultura desta empresa, não deu match desta vez. A entrevista tá encerrada.

— Boa tarde, Viviane.

Ao sair do escritório da influenciadora, Henrique disse:

— Deus sabe de todas as coisas. Ele há de abrir uma porta de emprego pra mim.

CATORZE

o caso da kelly

KELLY DOMINGUES, ex-social média de Viviane Botacin, buscava na justiça o reconhecimento de vínculo empregatício, além do pagamento de verbas rescisórias. Ela trabalhou com Viviane de março de 2015 a maio de 2018, como pessoa jurídica, sem registro na carteira de trabalho, tendo que comparecer ao escritório, cumprir o expediente em horário comercial, ficar além do horário, sem direito a horas extras ou banco de horas, recebendo 1500 reais.

Após o desligamento, ela não teve direito ao FGTS, saldo de salário, 1/3 de férias, vale-transporte, horas extras e auxílio-alimentação. O crédito trabalhista chegava a 70 mil reais. Ela também reivindicava 30 mil reais por danos morais, por conta dos constantes assédios morais praticados por Viviane, que gritava com Kelly, expondo-a ao ridículo perante seus colegas de trabalho.

Viviane pediu segredo de justiça na reclamação trabalhista, mas seu pedido foi indeferido pela juíza do trabalho, Artemísia do Carmo Nogueira. A produtora de conteúdo literário, fez uma

nota cheia de vitimismo:

Eu, Viviane Carlini Botacin, venho a público para prestar os seguintes esclarecimentos:

1) A senhora Kelly Domingues Monteiro ingressou com reclamação trabalhista na Justiça do Trabalho, no desiderato de ver reconhecido o vínculo empregatício, além do pagamento de pretensas verbas trabalhistas e supostos danos morais. Esta mulher nunca foi colaboradora da VB Marketing Literário Eireli-EPP, empresa de minha propriedade, sendo apenas uma mera prestadora de serviços eventuais.

2) Por conta de condutas inadequadas por parte da senhora Kelly, o contrato de prestação de serviços foi encerrado.

3) As alegações de assédio moral não passam de calúnias da senhora Kelly, visando denegrir minha imagem, uma vez que perdeu o contrato de prestação de serviços para gerenciamento das minhas redes sociais. Tomarei as devidas providências para que a senhora Kelly seja punida na máxima extensão da lei, nas esferas cível e criminal.

4) Não obstante a reforma trabalhista, dando um paradeiro na indústria da causa trabalhista,

onde um empregado que perder a ação tem que pagar as custas processuais e honorários advocatícios, a senhora Kelly vai entrar nessa aventura, "para ver se cola", lançando mão da assistência judiciária gratuita, à custa dos pagadores de impostos.

5) Ainda que a senhora Kelly vença a pretensa causa trabalhista, ela vai sair perdendo. Assiste ao empregador o direito de não contratar o candidato que tenha passado pela Justiça do Trabalho. Quem vai lá, é bem-sucedido, e fica mal-acostumado. Já dizia a canção do saudoso Wando: "Quem será a próxima vítima agora? /O que fez comigo um dia vai fazer de novo/ Sei que não demora". A social media vai ter muitas portas de emprego fechadas. Em um cenário de desemprego, ela deveria repensar sua atitude de processar-me.

6) A Justiça do Trabalho é alinhada com os padrões do Estado paternalista, onde o empregado sempre é o oprimido e coitadinho, e o patrão é opressor e malvado. Às vezes, sinto nojo em ser empreendedora no Brasil, em virtude dos encargos tributários e trabalhistas elevadíssimos. A reforma trabalhista foi tímida. Deveria ter avançado mais.

7) Kelly é a nordestina, retirante, oriunda do paupérrimo Extremo Sul baiano, mais precisa-

mente, da cidade de Mucuri, que veio tentar a sorte em São Paulo, com a mão na frente e outra atrás. Era maltrapilha, pé-rapada, sem eira, nem beira. Morava num cortiço com os pais e o irmão com deficiência mental, em situação deplorável, no Centro de São Paulo. Ela mal tinha o que comer, nem roupas para vestir.

8) Paguei a faculdade de Marketing para ela, pós-graduação em Marketing Digital, além de diversos cursos livres na área de marketing de conteúdo. O que ganhei? Um processo trabalhista. Eis a recompensa de ser uma boa patroa.

9) Tenho que jogar essas coisas na cara dela, para ela tomar vergonha na cara, e tenha um pingo de gratidão e reconhecimento. Essa canalha busca guarida na Justiça Trabalhista, querendo enriquecer indevidamente às minhas custas.

10) O que é dela está muito bem guardado. Ela não perde por esperar, e pagará caríssima por sua ingratidão e deslealdade.

São Paulo, 17 de junho de 2018

Viviane Carlini Botacin

Kelly respondeu à nota de Viviane:

Movida pelo desespero, Viviane Botacin apela às mentiras, à desinformação e à desonestidade intelectual. Ela afirma que eu era uma mera prestadora de serviços.

No entanto, esta argumentação não merece prosperar, haja vista que tenho e-mails e prints do aplicativo de mensagens Pigeon, nos quais a influenciadora de conteúdo literário informava de horários que eu precisava cumprir no escritório.

Por ter aberto reclamação trabalhista na Justiça do Trabalho, para receber o que é meu por direito, Viviane insinua que tive condutas inadequadas. Que condutas foram estas? Tem como prová-las? Eu não brinco com o Judiciário, mas busco os direitos que me foram negados.

Viviane é a típica patroa que nutre um figadal ódio à Justiça do Trabalho e à CLT. Não fosse por estas últimas, os trabalhadores estariam em estado análogo à escravidão. Ela tem uma mentalidade escravocrata, onde os empregados são explorados até a última gota de sangue. Quando não há mais nada para sugar, são descartados.

Tenho fé em Deus que conseguirei vencer essa

ação trabalhista contra Viviane Botacin. A ameaça de que não conseguirei mais trabalho por acionar a Justiça do Trabalho é uma chantagem para que eu não reivindique meus direitos. É Deus quem abre ou fecha a portas.

Viviane julgava que fazia um favor para mim, ao me empregar, mas, na realidade, vendi a minha força de trabalho, em troca de salário. É muito baixo da parte dela me expor e jogar na minha cara toda ajuda que me proporcionou, por meio do pagamento da graduação em Marketing, da pós em Marketing Digital, e dos cursos livres na área de marketing de conteúdo, da qual sou grata, mas não muda o fato da precarização da relação de trabalho, sem registro em carteira de trabalho, sendo obrigada a manter um MEI, e emitir nota fiscal para receber meu salário numa conta jurídica.

Já não suportava os gritos, chilikues e humilhações dessa influenciadora. Ela queria que eu ficasse até mais tarde, sem pagar as horas extras, folgas, além de não me pagar as férias vencidas, décimo terceiro, enfim, todos os direitos devidos ao trabalhador. Quando reclamava, ela respondia com grosseria: "Cê tá pegando o boi que tem um trabalho, há mais de 10 milhões de desempregados. Graças a mim, você leva o pão à mesa para si e para os seus".

Viviane, não temo suas ameaças veladas. O homem ou a mulher da capa preta me dará ganho de causa. Se insistir em suas calúnias, serei obrigada a acioná-la judicialmente. Espero ter sido clara.

* * *

Enquanto nas redes sociais, Viviane colecionava reverses, na Justiça do Trabalho, a influenciadora digital teve uma vitória. A juíza não reconheceu o vínculo trabalhista, não obstante as provas apresentadas, considerando as mesmas inválidas, porque foram obtidas em meio ilegal. Flávia Takeda, na defesa da empresa de Viviane, lançou mão da doutrina da árvore dos frutos envenenados, em que se as provas são obtidas em meio espúrio, todo o processo é nulo. Ademais, a causídica alegou que tais provas poderiam ter sido manipuladas.

A social media foi condenada ao pagamento das custas processuais e honorários advocatícios. Viviane e Flávia comemoraram:

— Flávia, tô bastante feliz com a decisão da Justiça do Trabalho, em não reconhecer o vínculo trabalhista proposto por aquela mal-agradecida da Kelly, que prestou serviços como social media, e a condenou ao pagamento dos honorários e custas processuais.

— A juíza foi corretíssima.

— Seus argumentos são os melhores.

— Eu sabia que você daria bem, e ela quebraria a cara. Da próxima vez, ao botar um patrão na justiça, que essa moça seja um pouquinho mais inteligente, indo ao cartório registrando os prints, áudios e vídeos em ata notarial.

— Ela é uma pé-rapada e oportunista. Flávia, a gente tem que fazer um aditivo contratual de confidencialidade nos contratos dos criativos, proibindo a gravação de áudios, vídeos e de prints em computadores e smartphones. É pra evitar gerar provas contra mim. Esta cláusula tem que constar nos contratos dos criativos que vierem a trabalhar comigo.

— OK, Viviane.

Diante do cenário de desemprego, em que a influenciadora era difamada por Viviane nas empresas de marketing digital, Kelly, com seu Peugeot 206, entrou no estacionamento de um hipermercado, pegou a mangueira que estava ligada no escapamento, introduziu-a em sua boca, ligou o carro, e dormiu eternamente.

* * *

Dona Elaine e seu Magno ficaram desolados, ao saber da morte da filha:

— Meu Pai eterno, minha Nossa Senhora Aparecida, por que, meu Deus, levaste minha filha, tão cheia de vida, com um futuro pela frente, por quê, Senhor, por quê?

— Elaine, ela não aguentou essa onda de desemprego, só tendo portas fechadas, e viu na morte um alívio, por causa das humilhações que ela tava passando, com as “amigas” perguntando: “E aí, você não vai arrumar um emprego?”.

— Miguel, eu me lembro que ela mandou uma mensagem pra Rayane no Pigeon, pedindo dinheiro pra imprimir currículo. Foi bloqueada. Amiga como ela, não precisa ter inimiga. A mão de Deus vai pesar sobre todos aqueles que fecharam as portas pra ela. O sangue da minha filha clama a Deus por justiça.

— Deus nunca falha. A justiça do Todo-Poderoso será impla-

cável com aqueles que viraram as costas pra nossa amada filha, pra aqueles que a bloquearam nas redes sociais e fecharam a porta na cara dela. As pessoas têm que entender que a semeadura é opcional, mas a colheita é obrigatória. Aqui se faz, aqui se paga.

— Essa ordinária da Viviane vai sentir o peso da mão do Eterno. Tomara Deus que tudo na vida dela dê errado.

— Essa mulher tem que perder tudo, até ela virar mendiga, que bata às portas, implorando um pão, e que lhe seja negado na cara, pra aprender a ser gente.

— Todo castigo para essa víbora é pouco. Ela tem que pagar por tudo que fez nessa vida e no porvir.

— Vou acabar com a raça dessa piranha da Viviane. Vou tirar sangue daquela ordinária.

— Não fala besteira, homem, pelo amor de Deus! Vai estragar sua vida por causa daquela vadia?

— Honra se lava com sangue. Se eu for preso, vou alegar legítima defesa da honra.

— Para com isso, Magno. Deixa isso com Deus!

O velório e o sepultamento de Kelly foram em Mucuri, na Bahia. Seus pais e seu irmão com necessidades especiais voltaram a morar naquela cidade.

O que estava ruim para Viviane, tendia a piorar.

QUINZE

castelo de mentiras

VIVIANE DIZIA EM ALTO E BOM SOM QUE SEUS SEGUIDORES ERAM SEU MAIOR PATRIMÔNIO. Em virtude do escândalo, no qual ofendeu Laerte com insultos racistas e capacitistas, ela perdeu 200 mil seguidores no MyVOD, 175 mil seguidores no Whisper e 140 mil seguidores no Like-A-Pic.

Um dossiê anônimo, entregue há alguns dias na sede do Grupo Editorial Constantino, na Barra Funda, em São Paulo, revelou uma série de irregularidades nas redes sociais da produtora de conteúdo literário. Ei-las:

AS FRAUDES DE VIVIANE NAS REDES SOCIAIS

1) Os seguidores de Viviane Botacin não eram autênticos

Viviane não tinha alcance orgânico de suas redes. Ela comprava seguidores para o Like-A-Pic, para o Whisper e para o MyVOD, com nickname estilizado, sem fotos, ou com fotos tiradas de

bancos de imagens, enganando autores independentes e editoras, para que estes fechassem publieditoriais. No MyVOD, os perfis eram sem foto e sem seguidores. Após a perda de seguidores, ela teve que comprar mais seguidores para encher os olhos dos ingênuos.

2) O engajamento era falso

Tanto no Like-A-Pic, como no MyVOD, Viviane lançava mão de robôs para simular engajamento. A audiência dos vídeos com as resenhas era falsa. Os comentários eram de países do Oriente Médio, em árabe e hebraico, bem como do Sudeste Asiático, em tailandês, vietnamita, bahasa e tagalog. Tais seguidores não eram leitores, consequentemente, não seriam potenciais compradores dos livros que Viviane divulgava em seu canal, dos quais cobrava cinco mil reais.

3) Plágio de conteúdo

A produtora de conteúdo literário plagiava videorresenhas de livros bestsellers internacionais de canais literários de Danielle Cassinda, angolana radicada em Portugal, que estudou Letras-Português na UNILAB, e da canadense Amber Todd. Tanto os contratantes, quanto os seguidores eram enganados, por acreditar que o conteúdo de Viviane era original.

* * *

Paulo Constantino Neto, diretor de marketing do Grupo Editorial Constantino, fez um pronunciamento no MyVOD, a respeito da descoberta das fraudes de Viviane:

Suponhamos que você seja o proprietário de uma pizzaria de bairro, mas está com um movimento fraquíssimo. Aí, você faz uma parceria com uma influência digital para ela divulgar seu estabelecimento no Like-A-Pic, com posts dela comendo a pizza de graça. A digníssima alega ter 500 mil seguidores.

Tempo depois, você descobre que a influenciadora é uma fraude, o número de seguidores está inflado, porque ela compra seguidores que nem brasileiros são. Na verdade, são seguidores do Oriente Médio e do Sudeste Asiático, com nicknames estilizados e fotos sem perfil. Ademais, ela usa robôs para simular engajamento. O retorno sobre o investimento foi zero, deixando a pizzaria no prejuízo, e a influenciadora com a pança cheia.

Foi o que aconteceu com o Grupo Editorial Constantino, ao fechar parceria com a influenciadora literária Viviane Botacin, para a divulgação dos livros publicados pelos selos desta casa editorial. Todavia, o retorno foi zero.

Digo, sem medo de errar, que Viviane praticou estelionato, porque ela prometeu uma coisa, não entregando os resultados esperados. Ela causou um prejuízo de 250.000 reais à editora. É certo que outras editoras e autores foram enganados

por ela, acreditando ter retorno nas vendas de seus livros. Fico deveras preocupado com os autores independentes, que investiram o que não tinham, buscando visibilidade para suas obras.

O departamento jurídico do Grupo Editorial Constantino fará uma queixa-crime contra Viviane Botacin por estelionato, além de acioná-la na esfera cível, com uma ação indenizatória por danos morais materiais e lucros cessantes.

Por tempo indeterminado, novas parcerias com produtores de conteúdo literário ficarão suspensas. Os influenciadores com contratos de parceria vigente terão suas redes sociais auditadas, para avaliar se as mesmas têm engajamento real, convertido em vendas. Infelizmente, os justos pagam pelos pecadores.

Viviane, a seu turno, subiu um vídeo no MyVOD, se defendendo das acusações:

Olá, queridos. Minha reputação, mais uma vez, está sendo denegrida pelo senhor Paulo Constantino Neto, que me chama de estelionatária, sob a alegação de que minhas redes sociais têm seguidores comprados, com uso de robôs para

simular engajamento. Não vou tolerar esse linchamento virtual, porque sou uma cidadã de bem.

O erro foi desta editora, que só fecha parcerias com produtores de conteúdo literário com mais de 200 mil seguidores, sem analisar o engajamento. A Editora Constantino nunca se preocupou com engajamento.

Sim, precisei comprar seguidores para repor os perdidos, após toda aquela lacração feita por aquele moleque chamado Laerte Medeiros Maia e pela senhora sua mãe. Não observei se esses seguidores pudessem ser compradores potenciais, na verdade, precisava apresentar números para encher os olhos dos autores e editores.

Produtores de conteúdo de outros segmentos também compram seguidores, principalmente da área de moda, beleza e estilo de vida.

Sobre o uso de robôs, a alegação não procede. Se houve engajamento de seguidores do Oriente Médio e do Sudeste Asiático, é sinal de que meus vídeos têm sido prestigiados nesses países. Há mulheres brasileiras que são casadas com israelenses, libaneses, catarianos, singapurianos, malaaios, sauditas e filipinos.

Eu não sou estelionatária. Isso é uma calúnia,

e por isso, vai responder civil e criminalmente. Suas colocações colocam em suspeição a mim e todas as minhas colegas produtoras de conteúdo literário. Eu exijo um pedido de desculpas público.

Ele fala contra mim, mas não olha o próprio rabo. Corre à boca pequena que o herdeiro de Paulo Constantino Filho seduziu uma influenciadora literária de Natal, no Rio Grande do Norte, com 16 anos, filha de um divulgador escolar da centenária casa editorial, manteve relações sexuais com ela, culminando numa gravidez. O distinto diretor de marketing da maior editora do Brasil não quis assumir a criança, pagando uma pensão por fora para essa moça, em troca do silêncio, além de pagar uma importância considerável para o melhor amigo dela, homossexual assumido e afeminado, registrar a criança em nome dele. Eis o enredo para um romance chick-lit bestseller.

Paulo Constantino Neto é misógino, trata as mulheres como coisas. Portanto, ele não tem envergadura moral para emitir juízos de valor ao meu respeito. Não tenho medo dele, tampouco do poder econômico, político e midiático.

Vamos ver quem pode mais.

Ela enviou uma notificação extrajudicial para a editora e seu executivo:

NOTIFICAÇÃO EXTRAJUDICIAL

NOTIFICANTE: VIVIANE CARLINI BOTACIN

NOTIFICADOS: Paulo Constantino Neto e Editora Constantino S.A

VIVIANE CARLINI BOTACIN, pelas razões a seguir expostas, apresenta a presente notificação extrajudicial, com o fito de prevenir responsabilidades, resguardar direitos e de manifestar intenções de modo formal, pelos fatos e fundamentos jurídicos a seguir expostos:

A notificante tomou conhecimento de que a ela foi imputada a acusação de estelionato, por meio de um vídeo gravado pelo primeiro notificado no canal da segunda notificada, na qualidade de diretor de marketing desta última, em que acusa a notificante de valer-se de meios espúrios para fechar contratos de publicitários com autores e editoras, através do uso de robôs para simular engajamento e compra de seguidores falsos.

Frise-se que as acusações são improcedentes, forjadas tão somente para denegrir a imagem da notificante, produtora de conteúdo literário.

Esta atitude dá ensejo à reparação por danos morais, perdas e

outros danos, caracteriza, outrossim, o ilícito penal de calúnia (artigo 138 do Código Penal).

Art. 138 - Caluniar alguém, imputando-lhe falsamente fato definido como crime:

Pena - detenção, de seis meses a dois anos, e multa.

§ 1º - Na mesma pena incorre quem, sabendo falsa a imputação, a propala ou divulga.

Logo, a liberdade de expressão não é absoluta, principalmente quando seu exercício afronta o direito à honra, à imagem, à dignidade e à vida privada. A Lei nº 5.250/67 assim assevera:

É livre a manifestação do pensamento e a procura, o recebimento e a difusão de informações ou ideias, por qualquer meio, e sem dependência de censura, respondendo cada um, nos termos da lei, pelos abusos que cometer.

Por conseguinte, ficam os senhores notificados do quanto segue:

1) Para se absterem de emitir manifestações contra a notificante, sob pena de responsabilização civil e criminal pelos danos causados a esta;

2) Fiquem cientes e obrigados por qualquer responsabilidade provocada pela caluniosa informação;

3) Fiquem ainda, cientes e obrigados por toda e qualquer responsabilidade por prejuízos que a indevida informação

possa causar à notificante, a título de danos materiais, morais, perdas, danos e lucros cessantes;

4) Informar imediatamente acerca das medidas tomadas para corrigir a irregularidade, não sendo caracterizada a liberação das obrigações e responsabilidades que possam vir a ser exigidas.

Os notificados deverão fazer contato diretamente com a equipe jurídica da notificante, no tocante ao atendimento desta notificação pelo e-mail, flavia@flaviatakeda.adv.br no prazo de até 05 (cinco) dias úteis, reservando-se a NOTIFICANTE o direito de considerá-la satisfatória, para os devidos fins de Direito.

São Paulo, 05 de outubro de 2018

*Flávia Fumio Takeda
OAB-SP 222.455*

*Viviane Carlini Botacin
RG 18.766.667-2 SSP/SP*

Paulo Constantino Neto e o Grupo Editorial Constantino preferiram não se manifestar.

– Em algumas circunstâncias, o silêncio já é uma resposta. Enviar uma contranotificação à Viviane é dar visibilidade a uma pessoa que não merece. Essa mocinha já provou não ter nenhum escrúpulo pra ganhar dinheiro e alcançar a fama. O que ela quer

é movimentar as redes sociais e a imprensa, se vitimizando. De mais a mais, ela não tem o direito de expor minha intimidade. Ela mexeu com a pessoa errada. Tenho minhas razões para não tornar isso público. Sim, Viviane, a gente vai se ver nos tribunais – falou.

Sebastião ligou para Laerte:

— Oi, Laerte. Você tá bom, meu filho?

— Tudo ótimo, Sebastião.

— O mercado editorial brasileiro tá em polvorosa.

— Por quê?

— Paulo Constantino Neto, diretor de marketing da Constantino, revelou que Viviane Botacin usa práticas espúrias em suas redes sociais, num vídeo publicado no canal da editora no MyVOD.

— Quais?

— Ela tava passando a perna em autores e editores, por meio de suas redes sociais, com o número de seguidores inflado, uso de robôs pra simular engajamento, com comentários de perfis sem fotos, ou com fotos tiradas de bancos de imagens, em línguas estrangeiras. Ou seja, são seguidores que não comprarão os livros desta conceituada casa de livros fundada no século retrasado. Foram 250 mil reais que a Constantino jogou no ralo em publieditoriais.

— Uma grana é tanto, não?

— Sim, Laerte. A editora já entrou com uma queixa-crime contra Viviane por estelionato, e na esfera cível, vai pedir reparação por danos morais, materiais e lucros cessantes.

— Mau caráter!

— No fim das contas, você não perdeu nada em não ter seu livro resenhado por ela.

— Também acho, Sebastião. Deus sabe de todas as coisas.

— Fiz uma puxada de capivara dos parentes da tal Viviane.

— Pra quê, Sebastião?

— Se ela é mau caráter, seus ascendentes não ficam atrás. Seu bisavô, Luigi Botacin, era integralista, contemporâneo de Plínio Salgado. O integralismo era um movimento nacionalista de extrema-direita, anticomunista e antissemita. Após o Estado Novo, em 1937, o movimento foi colocado na ilegalidade.

— Interessante.

— Ele era obcecado por Sarah Wolff, uma jovem judia e comunista que emigrara da Alemanha, fugindo da perseguição do regime nazista. Luigi a assediava frequentemente, mas a moça não cedia às suas investidas. O biso da Viviane tomou liberdade, apalpando-lhe os seios num bonde lotado. Sarah deu-lhe um chute nos paíes baixos. Dias depois, Sarah foi encontrada morta em sua casa, com várias perfurações de faca em seu corpo. Luigi confessou o crime, alegando legítima defesa da honra. Foi absolvido pelos sete jurados, todos homens.

— Miserável!

— O avô, Giuseppe Botacin, era um informante do SNI. Por causa dele, a mãe de um amigo meu foi presa, torturada e morta nos porões do DOI-CODI, em São Paulo. Ela era professora, e acusaram-na de ter um relacionamento com um rapaz que participou da Guerrilha do Araguaia.

— Biltre!

— O pai de Viviane, Lorenzo, é um skinhead, fundador da organização de extrema-direita Carecas da Zona Norte, nos idos de 1987, que prega o extermínio de gays, judeus, negros, nortestinos e imigrantes em geral.

— Todos os imigrantes?

— Sua xenofobia é seletiva. Para Lorenzo, os bolivianos,

chineses, sírios, venezuelanos e haitianos são a escória do mundo.

— Meu Deus! Toda a família dela é reaçã!

— A vida de estelionato de Viviane vem de longas datas. Ela era a tesoureira da comissão de formatura no curso de Letras, embolsou a grana, e comprou um iPhone último tipo. Pra não ser presa, teve que dar o aparelho, que foi vendido. Envergonhada, não quis participar da formatura, colando grau em gabinete.

— Ô mulherzinha boa de dar tombo nos outros, hein? É uma vagabundinha e rata de esgoto da pior espécie. Sebastião, vou à pracinha de Itararé com mamãe pra comer cachorro-quente. Outro dia, a gente conversa mais. Um abraço.

— Até breve, Laerte.

Viviane ficaria mais encalacrada do que já estava.

DEZESSEIS

*chupinhando
ideias*

NUM VÍDEO, Danielle Cassinda desabafou:

Não é do meu feitio tratar sociais acerca dos problemas de relacionamento com produtores de conteúdo, todavia, as circunstâncias obrigam-me a fazê-lo.

Chegou ao meu conhecimento que uma bookvlogger do Brasil, Viviane Botacin, está a plagiar os conteúdos deste canal, como as thumbnails e guiões das videorresenhas.

À referida criadora de conteúdo, solicitei amigavelmente que removesse os vídeos, mas esta permaneceu em silêncio, não atendendo os meus rogos. Diante da recalcitrância de Viviane,

entrei com pedido de reivindicação de direitos autorais junto ao MyVOD.

É deveras doloroso para mim, como produtora de conteúdo, que lê as obras, produz os guiões, grava, e faz o upload dos vídeos na plataforma, no desiderato de proporcionar conteúdo original aos meus seguidores, ser plagiada.

Viviane, é custoso para ti pedires autorização para usares conteúdo alheio? Plagiaste o meu conteúdo, e isto demonstra o teu mau-caratismo. Como produtora de conteúdo, tens a obrigação de respeitar a propriedade intelectual.

Não é correcto te apropriares de conteúdos que não te pertencem. Ainda estás em tempo de retirar os conteúdos que plagiaste. Peço, não só em respeito a mim, mas pelos teus seguidores, que merecem conteúdo original.

Viviane usou o Whisper para rebater as acusações da influenciadora:

*1. Uma influenciadora angolana radicada em Portugal, denominada **@dannycasinda**, tá levantando falso contra mim, dizendo que eu tô plagiando seus conteúdos.*

2. *Dá licença, minha filha. Eu não preciso disso. Você tá me denegrindo, e o jurídico vai tomar as devidas providências.*

3. *Pra largar mão de ser mentirosa, vou dar strike no seu vídeo. Ademais, vou mandar meus seguidores darem dislike em todos os seus vídeos.*

4. *Com todo o respeito, você, com esse cabelo pixaim, tá horrorosa. Precisa fazer uma chapinha. Fica mais apresentável como influenciadora. A primeira impressão é a que fica. Não é racismo, é estética.*

5. *Vê se faz um regime, porque você tá muito gorda, parecendo a Dona Redonda, a ponto de explodir. Não é gordofobia, mas questão de saúde. Se não se cuidar, vai ter um infarte ou um derrame em poucos anos.*

6. *Acho que essa sua acusação de plágio não passa de uma estratégia pra aumentar seu engajamento, e se fazer de coitadinha pros seus seguidores.*

7. *O que você chama de plágio, pra mim é mera coincidência, quando muito, uma referência.*

8. *Cuidado, muito cuidado com suas palavras,*

MAXWELL DOS SANTOS

porque você tá difamando uma produtora de conteúdo literário.

9. O recado tá dado. Espero ter sido clara.

Danielle fez a tréplica no Whisper:

1. Eu tenho pena de ti. Não sabes o que dizes.

2. Sou eu quem tomarei as providências legais contra ti.

3. Não estou a me vitimizar. O que digo é a mais pura verdade.

4. Estou muito satisfeita com meu corpo. Dispensó seus conselhos racistas e gordofóbicos.

5. És uma ladra de conteúdos, mas não o admities.

6. Não é referência, é plágio.

7. Não estou a criar polémica para obter inscritos. Recebi a denúncia de um deles.

8. Suas ameaças não me atemorizam, Viviane.

* * *

Na sala dos professores, Laerte repercutiu com Andréa a treta das influencers:

— Andréa, tá rolando o maior barraco no Whisper entre a jararaca da Viviane Botacin e a Danielle Cassinda, que lhe acusou de plagiar roteiros e thumbnails. Aquela ruiva sem escrúpulos proferiu ataques racistas e gordofóbicos.

— Viviane caiu no meu conceito. Ela se mostrou um fascista.

— Sebastião me disse que o biso dela era integralista, contemporâneo de Plínio Salgado, tendo matado uma judia comunista, por ela ter resistido ao seu assédio. O avô dela era dedo-duro durante o regime militar. O pai é membro de uma organização de carecas de extrema-direita.

— Skinheads, Laerte. O fruto não cai muito longe do pé. Poxa, a Viviane não aprendeu nada com o cancelamento, né?

— Viviane é uma pessoa incapaz de manifestar qualquer remorso, ter qualquer sentimento. Ela é psicopata.

— Também acho, querido.

* * *

Amber Todd e Danielle Cassinda entraram com diversos pedidos de reivindicação de direitos autorais dos vídeos. De acordo com as normas da plataforma MyVOD, se o criador de conteúdo tivesse mais de 3 strikes, poderia ser banido da plataforma, com o apagamento de todos os seus vídeos. Foi o que aconteceu com o canal de Viviane.

Seus inscritos, ao acessarem o canal da ruiva, visualizavam este aviso:

VivianeBotacin teve sua conta banida, em virtude de diversas reivindicações de direitos autorais de terceiros em relação ao material postado pela usuária.

Viviane recebeu um e-mail da plataforma:

Nosso time esteve revisando seu conteúdo e encontramos violações graves das nossas Diretrizes da Comunidade, e lamentamos informar que sua conta foi removida permanentemente.

Era a pior coisa que poderia acontecer com a influencer literária. Como desgraça pouca é bobagem, o Whisper banuiu a sardenta de sua plataforma:

Olá,

Sua conta foi suspensa permanentemente, por conta da violação dos Termos de Serviço do Whisper (<https://whisper.com/tos>), especificamente as Regras (<https://whisper.com/rules>) em relação ao uso de conteúdo sensível ou discurso de ódio em seu perfil.

Visando garantir a segurança das pessoas nesta plataforma, é terminantemente proibido o uso de conteúdo sensível ou discurso de ódio em seu perfil.

Respeitosamente,

Whisper

* * *

Em uma live no Like-a-Pic, Viviane falou barbaridades:

O MyVOD, de forma truculenta é autoritária, tirou meu canal do ar, com a supostas acusações de violação de direitos autorais feitas pelas bookvodders Danielle Cassinda e Amber Todd.

Com a devida vênia, as acusações destas últimas são totalmente improcedentes. Qualquer semelhança dos meus conteúdos com os delas não terá sido mera coincidência.

O Whisper encerrou minha conta, sob alegação de discurso de ódio, por ter aconselhado Danielle a fazer um regime e dar um trato em seu cabelo. O mundo está chato. Agora tudo é racismo, gordofobia e discurso de ódio? Onde é que nós vamos parar?

As plataformas estão se rendendo à ditadura do politicamente correto, à agenda globalista do multiculturalismo. As minorias estão empurrando sua pauta. Esse vitimismo já cansou.

Primeiro, foi o escritor Laerte e a sua mamãezinha querida, com aquele áudio que aquela ordinária divulgou na Rádio Colibri FM, fazendo minha reputação como influenciadora literária ser destruída.

Perdi muitas parcerias, fui cancelada na internet. Atualmente, sou persona non grata no meio literário.

Depois, foi aquele desgraçado do Paulo Constantino Neto, me acusando de fraude em minhas redes sociais, de utilizar perfis comprados, e usar robôs pra simular engajamento.

Agora, vem essas duas bookvoddors me acusando de plágio. Isso é calúnia, afirmo e reafirmo!

Ou vocês apresentam as provas do plágio, ou vão ter que fazer um desmentido. Se vocês estiverem faltando com a verdade, serão punidas na máxima extensão da lei.

Até quando vão continuar me denegrindo? Eu já me cansei de ser cancelada na Internet. Isso

tem que acabar! Chega desse tribunal da internet, que acusa, julga, condena e executa.

O acerto de contas com cada um de vocês está chegando. Juro, do fundo do meu coração, que chorarão lágrimas de sangue, que saberão quem é Viviane Carlini Botacin.

Quem viver, verá!

* * *

Laerte e Larissa repercutiram o escândalo da influenciadora:

— Grande dia! Viviane Botacin foi banida do MyVOD.

— Por quê.

— Ela plagiou conteúdo de uma bookvodder angolana, Danielle Cassinda, e de uma bookvodder canadense, Amber Todd. Tomou 3 strikes, e foi banida da plataforma.

— Bem-feito pra ela. ela tem que quebrar mesmo a cara. Todo sofrimento e castigo para aquela cachorra é pouco.

— Também acho, mamãe. Mudando de assunto, tenho algo pra te dizer.

— Fala, meu filho.

— Você sabe que eu sou muito apaixonado pela Carol, mas tava com vergonha de me confessar. Hoje, consegui mandar a real para ela, dizendo tudo que sinto. Naturalmente, a princesa, que já tem o rosto corado, ficou mais vermelho ainda. Peguei suas mãos, e a gente se beijou.

— Ai, meu Deus! O meu menino tá namorando! Espero, Laerte, que você seja muito feliz com ela, que é uma gracinha,

muito amável e educada. Não há quem não se encante com sua doçura e bondade.

— Quase a víbora da Priscila flagra a gente namorando.

— Ora, o que há de errado se amar? Pelo regimento da escola, é proibido namorar, mas acho que quem redigiu essas regras nunca soube o que é amar alguém.

— Priscila nunca deu certo com ninguém. A pedagoga tem um dedo podre pra homem, mas quem atura uma mulher tão amargurada, impertinente, e com gênio ruim? Corre à boca pequena que ela foi membro da Comunidade Apostólica Cartadista, onde era tecladista, e o esposo, pastor em Tabuazeiro. O digníssimo foi flagrado pela pedagoga em adultério, com duas garotas de programa. É o típico cristão, patriota, pagador de impostos, conservador, defensor da família tradicional e cidadão de bem com uma vida dupla.

— Eita! Esses religiosos nunca decepcionam. Agem como se fossem porteiros do céu, arrotam santidade, mas têm uma vida distante daquilo que Jesus ensinou. É triste, mas real. Essa mulher precisa procurar um psicólogo para superar esse complexo, pelo amor de Deus! Chega de usar as pessoas como saco de pancadas. Já tá ficando cansativo!

* * *

Daqui a alguns dias, nosso herói chegaria à maioridade.

DEZESSETE

Laerte faz 18

PARA COMPLETAR OS 18 ANOS DE LAERTE, Larissa organizou um churrasco na laje. O aniversariante ficou muito aborrecido, porque não teria bebida alcoólica, principalmente pau na coxa, batida feita com vinho e leite condensado, uma vez que boa parte dos seus colegas de sua turma ainda era menor.

Dona Evânia estava conversando com Larissa:

— Graças a Deus, o Jean foi internado numa clínica.

— Onde que ele tá internado?

— Na Bom Pastor, em Barra de São Francisco.

— Tava passando da hora. Ele tava praticando pequenos furtos no Território do Bem, e os meninos do movimento do Bairro da Penha já queriam dar umas pauladas nele. Tive que ir à boca implorar pro patrão não fazer nada com o Jean.

— Tomara Deus que ele saia dessa. Já não aguentava mais ele furtando as coisas lá de casa pra sustentar o maldito vício. A situação chegou ao limite, a ponto de colocar grades na janela e na

porta do quarto dele, e ter que acorrentá-lo, pra que ele não usasse crack. Por indicação de uma amiga, contactei a clínica.

— Como ele foi internado, já que ele não queria?

— Numa tarde, fiz um bolo de chocolate e suco de caju. Chamei Jean pra lanchar. Detalhe: o suco tinha um tranquilizante. Ele dormiu no sofá. Liguei pra clínica, e eles fizeram a remoção dele.

— Maravilha. Ele precisa querer largar essa merda do crack. Se isso fosse bom, não teria esse nome.

— Verdade, Larissa.

— Laerte desejava a presença do pai nessa festa.

— Haverá outras oportunidades pra que Laerte e o pai se encontrem. Por ora, Jean tem que se concentrar na sua recuperação.

Andréa cumprimentou o aniversariante, dando-lhe um abraço. Laerte estava numa mesa, comendo uma porção de quibe e tomando coquetel sem álcool:

— Parabéns, Laerte. Que Deus te abençoe e realize seus desejos. Tudo de melhor pra você, querido.

— Obrigado, professora.

— De nada, Laerte. Posso comer um quibe?

— Claro que sim. Andréa. Há alguns dias, ocorreu um episódio lamentável no Marien Caliste, envolvendo a Priscila. Assédio moral.

— A pedagoga tem um histórico de reclamações contra ela.

— A vítima foi Ariella, estagiária do LIED. Ela foi ofendida pela pedagoga, pelo fato de tomar café na sala dos professores, lhe acusando de tá desobedecendo às ordens dela, que nenhum estagiário deveria tomar café na sala dos professores, porque as meninas da limpeza tavam reclamando.

— Que absurdo!

— Ariella tem aguentado esses desaforos, porque precisa do estágio pra pagar as mensalidades do tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas na Uninop. Sempre a vejo em lágrimas pelos corredores da escola.

— Eu também, Laerte. Quando pergunto do que se trata, ela desconversa. Tem medo de ter o contrato de estágio rescindido.

— Acho que Dora tinha que tomar providências. Mas ela é omissa.

— É totalmente omissa, Laerte.

— No último sábado, a maionese desandou.

— Por quê, Laerte?

— O Sandro apareceu num campeonato de dança, sábado passado, que rolou no Tancredão, com participação do time da escola. Ao terminar a apresentação, as meninas foram pro vestiário, e a porta ficou entreaberta, com fresta possibilitando a visão das meninas seminuas. Ato contínuo, o professor ficou em frente à porta observando as meninas se trocarem. Ao perceber as más intenções do Sandro, Helder pediu licença ao velhote, porque elas precisavam de privacidade, e se manteve porta do vestiário, pra evitar uma nova investida do professor.

— Que horror!

— As pessoas que ali estavam censuraram veementemente a conduta do professor, considerada inadequada e antiética. Houve mal-estar, e se não fosse pela intervenção da Guarda Municipal, Sandro teria sido linchado pelos populares. O fato foi comunicado à SEDU, mas não houve retorno desta.

— Gente, isso é abuso sexual! É caso de polícia!

— Sandro foi levado pro DPJ de Vitória, mas foi liberado.

— É uma pena. Alguém precisa dar um paradeiro no Sandro, antes que aconteça uma tragédia. Ele já passou de todos os limites.

— Concordo com você, Andréa.

— O Sandro teve seu diploma de mestrado cassado pela UFES, após ficar comprovado que ele plagiou trechos de sua dissertação sobre Shakespeare. Ele copiou os trechos de vários trabalhos, e os atribuiu a si.

— Caramba! Além de ser um velho safado, ele é plagiador de trabalho. Que vergonha! Tem que se lascar.

— Ele ficou queimado no meio acadêmico. Sandro tá se dizendo vítima de um complô de pessoas da UFES que não gostam dele, por ele ser de direita e apoiar o Valdetaro. Esse cara tem mania de perseguição, em que todo mundo tá conspirando contra ele. Tenho amigos conservadores, que são pessoas honradas. Não gosto da expressão cidadão de bem.

— Por quê, Andréa.

— Primeiro, por ser a forma que os ditos conservadores se denominam no Brasil. Segundo, é o nome do jornal da Ku Klux Klan, instituição supremacista dos Estados Unidos.

— Legal.

— Priscila, a pedagoga, tá em maus lençóis. Pra pegar o contrato de DT na SEDU, ela apresentou um certificado falso de pós em Gestão Escolar da UFMG. Foi demitida ontem.

— Graças a Deus. Ninguém suportava aquela peste. Escrota e capacitista, não ia com a minha cara.

— A UFMG disse que a Priscila nunca estudou lá.

— Queima, quengaral!

— Rose, agente de suporte educacional, foi demitida ontem.

— Poxa, ela é tão gente boa.

— As aparências enganam, meu bem. Ela apresentou a SEDU um certificado de Ensino Médio e um diploma de Técnico em Secretaria Escolar falsificados de uma escola chamada Instituto

Niteroiense de Educação. A escola disse que ela nunca passou pelos bancos daquela instituição.

— Lamentável.

Larissa conversou com Andréa:

—É, Andréa. O castelo de mentiras de Viviane ruiu.

— Verdade, Larissa. Ela conseguiu levar vários editoras e autores no bico por algum tempo, mas a casa caiu.

— A Viviane tinha um número de seguidores muito inflado, que ela comprava, usava robôs pra simular engajamento.

— O MyVOD dela tinha comentários em árabe.

— Ela teve a cara de pau de dizer que eram inscritos do Oriente Médio, casados com brasileiras.

— Puta merda! A ruiva tá se enrolando nas próprias mentiras.

— Viviane foi banida do MyVOD, por causa de reivindicações de direitos autorais. A ruiva sardenta plagiava conteúdos de influenciadoras literárias da gringa.

— A cachorra cobrava cinco mil pratas, com conteúdo chupinhado de fora? Laerte, que era tão fã dela, desejava ter o vídeo resenhado por ela, por acreditar ter maior visibilidade. Pelo visto, ele não perdeu nada.

— Não mesmo. A bem da verdade, ela é elitista e bajuladora de autores gringos, que demonstra clara ojeriza ao autor nacional.

— Elitista, puxa-saco de autor gringo, plagiadora e estelionatária.

— Lembra do concurso Promessas Literárias do Brasil?

— Sim. Laerte participou dele, em 2016, mas não foi selecionado.

— Pois é, Larissa. Uma “editora” chamada Giacomo organizou esse certame. A bonita da Viviane era embaixadora do

concurso e membro do júri. Mais de 9.000 alunos foram enganados por esta casa editorial, que visitava os colégios Brasil afora para divulgar o tal concurso. O concurso ocorreu normalmente. Aos vencedores, foi oferecida a possibilidade de receber um exemplar do livro, a “módicos” R\$ 60,00.

— Sessenta pratas? Tá maluca, Andréa?

— Sim, Larissa. O pagamento era feito em depósito bancário. Eles falaram que era pra cobrir despesas de envio e manuseio. Houve pais que compraram 10 exemplares.

— Os pais, ao saberem que os filhos foram selecionados em um concurso literário, ficaram envaidecidos, e acabaram comprando vários exemplares para distribuir a parentes e amigos.

— Até hoje, eles tão esperando os livros.

— Sinto em dizer, mas vão continuar esperando. Foi um golpe friamente calculado. Aposto um Buffalo Bill com fritas e uma Coca Cola 600 ml do Nick’s Hamburgeria que a ruiva sabia disso tudo e participou do esquema.

— Aceito a aposta. Não acredito que ela seja inocente.

— Fechou.

Larissa chamou-os convidados para cantar os parabéns. Laerte soprou as velas em forma os números 1 e 8. Ele cortou o primeiro pedaço para mãe, e o segundo para Carol. Laerte fez seu discurso, que foi gravado por Larissa, para ser postado nas redes sociais:

Hoje completo 18 voltas em torno do Sol, com muita felicidade, cercado dos meus. Primeiramente, quero agradecer aquele que é digno de toda a honra e toda a glória, tendo me amado primeiro. Se não fosse por Ele, não estaria aqui, porque sou um milagre.

Preciso fazer um grande agradecimento à minha mãe, que sempre lutou por mim, e me defendeu, com unhas e dentes do capacitismo de pessoas mentecaptas. Meu pai também teve sua parcela de contribuição, ao cuidar de mim e me proteger. Meu desejo era que ele estivesse aqui comigo nesta confraternização, mas ele se encontra internado pra se livrar da infame dependência química.

Agradeço à minha querida avó, dona Evânia, pelo acolhimento e carinho de sempre.

Caroline, meu primeiro amor, é a pessoa mais linda e doce que se tem notícia nesta terra. Ela me dá força pra prosseguir, mesmo nos momentos que desejo capitular. Além de me dar abraços quentinhos, ela faz deliciosos bolos de caneca.

À professora Andréa, se não fosse pelos seus ensinamentos no curso por ela ministrada ano passado, não teria existido Rebello Resiste.

Ao meu editor, Sebastião Alvarenga, por ter aberto as portas da Edições Talismã, que viabilizou a publicação de Rebello Resiste.

Obrigado a todos e a todas.

Larissa fez seu discurso em homenagem ao seu primogênito:

Laerte, meu filho querido, hoje você está completando 18 anos. É o dia que você alcança a maioridade civil e penal, e vai poder beber seu pau na coxa, mas não abusa, hein?

Pedi, muitas vezes, ao tempo: “vai devagar, cara”. Há 18 anos, estava te dando à luz. Não obstante as circunstâncias do parto que te deixaram sequelas, você é o grande milagre na minha vida e na vida do seu pai.

Os filhos crescem, você cresceu, e deixou de ser o meu bebê. Hoje é um dia que você se torna um homem feito.

O que mais admiro em você lá é seu jeito determinado e indesejável, que não esmorece diante das adversidades da vida. Que as adversidades que você enfrentou, tem enfrentado, e ainda vai enfrentar sirvam como importantes aprendizados.

De coração, desejo que você possa realizar os seus sonhos, e Deus me dê vida e saúde para poder assistir cada uma de suas conquistas.

Parabéns, Laerte, que você seja muito feliz.

Num canto, Laerte e Carol estavam conversando:

— Carol, daqui a alguns dias, a gente vai tá fazendo o Enem, pra poder entrar na UFES, no IFES, ou tentar bolsas integrais pelo ProUni ou Nossa Bolsa. Já escolheu qual curso vai fazer?

— Ainda sei, meu amor. Tô dividida entre Jornalismo e Biblioteconomia. E você?

— Vou fazer Letras-Português. Pretendo trabalhar com a escrita. É certo que no curso não vou aprender técnicas de revisão e escrita criativa, mas isso eu posso aprender por cursos de extensão. Não consigo me ver como professor. Não sei se teria domínio de uma classe, por conta da minha deficiência.

— Em relação ao jornalismo, falam que pagam muito mal os jornalistas, que pra entrar, tem que ter indicação, principalmente na Rede Vitorienne. Meu foco é trabalhar com assessoria de imprensa, comunicação empresarial.

— O pior de tudo é que essa imprensa é alinhada à burguesia fétida. Você não viu que a assessora de comunicação da Edições Talismã cortou um dobrado pra divulgar *Rebello Resiste*?

— Sim, Laerte.

— O livro que escrevi incomoda muita gente, principalmente aos banqueiros e donos de empreiteiras, por denunciar o lucro excessivo dos primeiros, e a especulação imobiliária provocada pelos segundos. Tenho fé em Deus que meu livro vai ficar famoso em todo o Brasil.

— Deus queira que sim, querido. Você merece.

— Amar você foi a melhor coisa que fiz na minha vida.

— Ora, quem diria que duas pessoas tão distintas como a gente se apaixonassem.

— Desde a primeira vez que te vi, me encantei com sua bondade e seu cuidado com as pessoas.

— Eu me encantei pela sua determinação em vencer, apesar das limitações que sua deficiência te causa.

— Algumas pessoas olham pra gente com olhos de desprezo, mas eu não ligo.

— O preconceito é uma burrice.

— Eu também acho. O amor que a gente vive é puro e verdadeiro. Você me faz tão bem.

Ao som de *Meu Abrigo*, do Melim, Laerte e Carol dançaram e se beijaram.

DEZOITO

ganhando o público e a crítica

NO DIA 3 DE NOVEMBRO DE 2018, Hannelore Mutz, crítica literária do jornal *A Esfera*, do Rio de Janeiro, figura respeitada e temida no meio literário, por suas críticas bastante sinceras, que poderiam incensar ou destruir a reputação de obras, resenhou *Rebello Resiste*:

Rebello Resiste é o romance do estreante Laerte Medeiros Maia. Ao contrário das editoras que enviam as obras para a sede d'A Esfera, no Rio de Janeiro, a obra chegou em minhas mãos através de Sebastião Alvarenga, editor e sócio-proprietário da Edições Talismã, editora independente de Belo Horizonte, numa rápida conversa que tivemos durante a Feira do Livro de Frankfurt, na Alemanha, em que a casa editorial expôs seus livros.

O romance, com foco narrativo em terceira pessoa, tem vinte e quatro capítulos, e relata a luta de estudantes de uma escola particular para evitar seu fechamento e demolição por parte de uma construtora, que

arrematou o terreno num leilão feito pelo Banco Montenegro, com o qual o dono do terreno onde está a escola tem uma dívida.

Ressalte-se que a escola tem forte responsabilidade social, ao aceitar a matrícula de estudantes com deficiência, além de conceder bolsa de estudos para alunos carentes.

Desde o primeiro capítulo, Laerte deixa claro quem é bom e quem é mau, não obstante haver alguns personagens de moral duvidosa, como o jornalista Zeca Barreto, pena de aluguel do Banco Montenegro que veicula fake news contra os ocupantes do Colégio Rebello.

São perceptíveis os traços autoficcionais e autobiográficos em Rebello Resiste, uma vez que Laerte participara da ocupação das escolas contra a reforma do Ensino Médio. A representatividade na literatura está na ordem do dia, e a obra traz Pedro, adolescente com baixa visão, e Amanda, como Asperger, uma forma leve de autismo.

Laerte aborda a inclusão com lugar de fala, porque tem paralisia cerebral, provocada por violência obstétrica contra a sua mãe, deixando-o com sequelas motoras e fonoarticulatórias, que não o impediram de publicar seu primeiro livro com um editor tarimbado como Sebastião Alvarenga, cujo selo enfrenta dificuldades de divulgação de suas obras, por não ter o mastodôntico poder econômico de grandes grupos editoriais.

Alguns meses atrás, em seu blog, Laerte teceu uma dura crítica à book-vlogger Viviane Botacin, que cobrou de sua casa editorial cinco mil reais para fazer uma resenha em vídeo de sua obra, apontando que tal atitude silencia autores editoras independentes. A ruiva subiu nas tamancas, e ligou para o jovem escritor, proferindo toda a sorte de

impropérios racistas e capacitistas, culminando em perda de parcerias com editoras.

Embora o novel escritor seja estudante terceiranista do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo, já se mostra uma promessa na literatura infantojuvenil, por conta do estilo combativo e engajado nas causas sociais, mas que introduz o romantismo e pitadas de humor na dose certa.

* * *

Haroldo Cosmea, colunista social do jornal *O Colibri*, publicou uma nota sobre as boas vendas da obra de Laerte no Espírito Santo:

Capixaba nas paradas

Rebello Resiste, de Laerte Medeiros Maia, é o livro de ficção mais vendido na rede de livrarias Fato nos últimos meses, desbancando bestsellers nacionais e internacionais.

Adoção nas escolas

As escolas TU, Lamarck, Michelangelo e Gabaritando sinalizaram para este colunista que adotarão a obra para leitura no Ensino Médio em 2019.

* * *

A influenciadora Andrea Maitê fez a resenha de *Rebello Resiste*, publicada em seu blog, levando Laerte às lágrimas:

Laerte Menezes Maia tem apenas 18 anos, mas seu romance de estreia, Rebello Resiste (Edições Talismã, 240 páginas), está dando o que falar, por denunciar a usura do sistema bancário brasileiro e a especulação imobiliária. Por conseguinte, a obra tem enfrentado boicote por setores da mídia corporativa, com incestuosas relações com banqueiros e empreiteiros.

Maia nasceu em Vitória, no Espírito Santo, em 2000. Tem paralisia cerebral, decorrente de um parto violento que a mãe, Larissa Medeiros Maia, sofreu quando tinha apenas catorze anos. Apesar das vicissitudes, Laerte tem superado a cada dia, e Rebello Resiste é o fruto dessa determinação.

O autor participou dos movimentos de ocupação das escolas contra a reforma do Ensino Médio, em 2016, além de ter acompanhado a ocupação das escolas em São Paulo contra a reorganização, em 2015. Na escola onde estuda, participou de uma oficina de escrita criativa ministrada por sua professora de português, Andréa Fonseca, dando-lhe as bases para a escrita do romance.

Após enviar o original de Rebello Resiste, e tomar vários “nãos” já editoras de renome, Laerte teve o “sim” da Edições Talismã, editora independente de Belo Horizonte. A casa editorial do veterano Sebastião Alvarenga tentou

negociar a divulgação da primeira obra do jovem Laerte com a influenciadora literária Viviane Botacin, mas esta cobrou um valor surreal para a realidade desta.

Laerte fez um artigo em seu blog, se mostrando decepcionado com Viviane, criticando o elitismo da influenciadora, que só dá espaço para livros de grandes editoras e autores ricos, clamando por um olhar mais sensível dela para os autores e editores independentes, questionando se teria uma resenha positiva, caso a Edições Talismã pagasse os cinco mil reais à produtora de conteúdo literário, e apontando alternativas de financiamento, visando manter a credibilidade da mesma.

A ruiva ligou para ele, proferindo declarações racistas e capacitistas. A ligação foi gravada e divulgada por sua mãe na Rádio Colibri FM, causando revolta e indignação na sociedade, tendo como consequência o cancelamento de parcerias das editoras com Viviane e desconvite dela em eventos literários. Como se não bastasse, Viviane acionou Laerte e sua mãe judicialmente por conta da divulgação do áudio, mas graças a Deus, ela perdeu a ação.

À época, eu e outras influenciadoras literárias publicamos uma nota de solidariedade ao Laerte

e repúdio à Viviane por suas infames declarações.

Nesta nota, nos comprometemos a adquirir a obra do Laerte fazemos resenhas sem custo algum.

A primeira obra do jovem escritor capixaba é ambientada em Vitória, capital do Estado. Um grupo de estudantes ocupa o Colégio Rebello, instituição de ensino localizada em Santa Lúcia, bairro nobre de Vitória, para evitar seu fechamento e demolição por parte de uma construtora, que arrematara o terreno do Banco Montenegro, com o qual o pai da dona do colégio, que deu o terreno onde ele estava instalado, tem uma dívida milionária, para construir um prédio de luxo.

Elvécio Rebello, pai de Clotilde Rebello, fundadora e proprietária do Colégio Rebello, contraíra um empréstimo junto ao BANFAES (Banco de Fomento Agrícola do Espírito Santo), dando o terreno, de sua propriedade, onde funcionava a escola como garantia. Em 2000, na onda de privatizações, foi adquirido pelo Banco Montenegro, e a dívida se tornou impagável, face aos juros extorsivos do banco espanhol.

A escola é particular, mas tem perspectiva inclusiva, ao admitir alunos com necessidades

especiais e conceder bolsas de estudo para alunos carentes.

Os protagonistas são um caso à parte. São estudantes com necessidades especiais. Pedro, com baixa visão, e Amanda, como Asperger. É um casal que explodiu meu fofurômetro e aqueceu meu coração. Eles são os líderes do movimento de ocupação.

Como antagonistas, figuram Adelmo Cariello, CEO da Cariello Engenharia, e María del Carmen Gutierrez y Rosseló, presidenta do Banco Montenegro Brasil. O primeiro representa a especulação imobiliária, a verticalização e gentrificação. A segunda representa a ganância dos banqueiros, com juros extorsivos, que impossibilitam o pagamento dos compromissos, enfim, uma agiotagem legalizada.

Resumindo, Rebello Resiste é um grande livro de estreia de Laerte, que se mostra como uma das grandes apostas da literatura nacional, sobretudo da literatura infantojuvenil.

* * *

Em seu canal, a atriz Tarsila Petraglia falou de *Rebello Resiste*:

*Oi, gente. Hoje vim apresentar o livro **Rebello Resiste**, primeiro livro do autor capixaba **Laerte Menezes Maia**, publicado este ano, pela **Edições Talismã**, leitura do mês do **Clube do Livro**.*

*O romance, com 24 capítulos, conta a estória de grupo de estudantes, liderados por **Pedro e Amandha**, decidem ocupar o **Colégio Rebello**, para que este não seja derrubado pelas retroescavadeiras da **Cariello Engenharia**, que arrematou o terreno em um leilão extrajudicial feito pelo **Banco Montenegro**, uma vez que o pai da dona da escola deu o terreno da escola como garantia ao então **Banco de Fomento Agrícola do Espírito Santo**, anos depois adquirido pelo **Banco Montenegro**.*

*A representatividade de **Rebello Resiste** já começa nos protagonistas, pessoas com deficiência. **Pedro**, com visão subnormal, e **Amandha**, com **Asperger**. A escola têm uma perspectiva inclusiva, com alunos das mais diversas deficiências.*

Infelizmente, muitos colégios particulares Brasil afora criam dificuldades para aceitar alunos com necessidades especiais, às vezes recusando a matrícula, sob a desculpa de já ter fechado a cota de alunos especiais, ou cobrando mensalidades diferenciadas, o que é proibido

por lei. A educação é vista como comércio, e os pais de alunos como clientes.

Adelmo Cariello parece o Doutor Abobrinha, do Castelo Rá-Tim-Bum, programa exibido pela TV Cultura nos anos 90, que deseja derrubar o castelo onde mora o Doutor Victor, a Morgana e o Nino pra construir seu prédio de 100 andares, mas ele é muito mais perverso. Para alcançar seus objetivos, passa por cima de quem quer que seja, até mesmo mandar matar. Ademais, tem livre trânsito em Brasília, tendo financiado a campanha de boa parte da bancada federal capixaba.

María del Carmen, a CEO do banco, é uma pessoa fria, calculista, só vê cifrões à sua frente. Ama as coisas, e usa as pessoas.

O fundador do Banco Montenegro, Manolo Montenegro-Ruiz, apoiou o franquismo na Espanha, além de ter financiado ditaduras na América Latina.

A instituição financeira dá uma boa grana para o jornalista Zeca Barreto divulgar fake news contra os estudantes que estão ocupando a escola. Além de atriz, sou jornalista formada pela Cásper Líbero.

Ele, que se diz "jornalista com diploma", é a

vergonha da profissão. É um homem com moral duvidosa, que se vende por dinheiro.

Em outras palavras, Zeca é a pena de aluguel do banco espanhol, que financiará a obra do prédio de luxo no terreno onde está o Colégio Rebello.

Cezar Peluso, ex-ministro do STF, na votação do RE 511.961, que derrubou a obrigatoriedade do diploma de jornalista para o exercício da profissão, fez as seguintes pontuações:

O curso de jornalismo não garante a eliminação das distorções e dos danos decorrentes do mau exercício da profissão. São estes atribuídos a deficiências de caráter, a deficiências de retidão, a deficiências éticas, a deficiências de cultura humanística, a deficiências intelectuais, em geral, e, até, dependendo da hipótese, a deficiências de sentidos. Ou seja, não existe, no campo do jornalismo, nenhum risco que advenha diretamente da ignorância de conhecimentos técnicos para o exercício da profissão. Há riscos no jornalismo?

Há riscos, mas nenhum desses riscos é imputável, nem direta, nem indiretamente, ao desconhecimento de alguma verdade técnica ou científica que devesse governar o exercício da profissão. Os riscos, aqui, como disse, correm à conta de posturas pessoais, de visões do mundo, de estrutura de caráter e, portanto, não

têm nenhuma relação com a necessidade de frequentar curso superior específico, onde se pudesse obter conhecimentos científicos que não são exigidos para o caso.

Rebello Resiste é uma leitura leve e divertida, embora trate de assuntos sérios, como ganância desmedida do sistema financeiro, a especulação imobiliária e a verticalização das cidades.

Sim, é um romance adolescente que debate assuntos complexos, mas não deixa de tratar os assuntos referentes à adolescência, como namoros, primeira vez, bulling e o vestibular.

* * *

Sebastião ligou para Laerte:

— Oi, Laerte. Tudo bom, meu filho?

— Melhor impossível, Sebastião, depois de ter feito amor com a mulher que eu amo.

— Errado você não tá. A gente tem que gozar os prazeres da vida enquanto tá vivo.

— Verdade, Sebastião. Cadáver não vira os zóio.

— Tenho boas notícias pra você. Fui à feira de Frankfurt na Alemanha, e o resultado foi proveitoso. Consegui vender os direitos de *Rebello Resiste* e outras duas obras do catálogo da Edições Talismã pra editoras da Alemanha, do Reino Unido, da Espanha, da Itália e do México.

— Que maravilha, Sebastião! Vou conseguir chegar à Europa e à América Latina.

— Você vai pra São Paulo por esses dias, Laerte?

— Não sei.

— A Edições Talismã vai participar da Feira do Livro da USP, e seria interessante você ir lá, pra poder autografar seu livro.

— Massa. Se eu for a São Paulo, eu te aviso, Sebastião.

— Você viu a crítica que saiu respeito do seu livro feita pela Hannelore Mutz n’*A Esfera*?

— Não, Sebastião. Só vi a resenha publicada pela Maitê no blog dela, que me fez chorar.

— Por quê?

— Porque ela não só falou da obra, como também de mim e dos meus desafios como pessoa com deficiência.

— Vou pedir à Bárbara pra printar essa resenha da Maitê, e te mandar o print da crítica da Hannelore.

— Tá certo, Laerte. Um abraço.

— Até mais, Sebastião.

* * *

O livro do Laerte ficaria famoso em todo o Brasil.

DEZENOVE

*no colóquio
com leal*

O CELULAR DE LARISSA TOCOU. Ela atendeu:

— Alô. Quem tá falando?

— Meu nome é Fernando, sou produtor do *Colóquio com Leal*, da Rede Esfera. Falo com a Larissa, mãe do Laerte?

— Sim, sou eu.

— Nós gostaríamos de fazer uma entrevista com seu filho, pra que fale do livro *Rebello Resiste*. Gostaria de saber se há disponibilidade e interesse dele de vir a São Paulo gravar a entrevista. Caso aceite, as despesas de transporte, alimentação e estadia ficaram por nossa conta.

— Meu Deus, que maravilha! Eu sou fã do Leal de longa data. Gosto muito do programa dele e das entrevistas de alto nível que ele faz. Só preciso saber se o Laerte tem interesse em participar do programa.

— Vamos fazer o seguinte: você fala com ele, havendo interesse da parte do Laerte, manda um e-mail pra *fernando.queiros@sp.redeesfera.com.br*, avisando, pra providenciamos as passagens, o hotel e a alimentação. Peça que dê retorno o mais

rápido possível, uma vez que temos pouquíssimas datas neste fim de ano. Em dezembro, entraremos em recesso, e retornaremos em abril, com a nova temporada.

— Ok, Fernando. Vou falar com Laerte e te dou um retorno.

— Larissa, muito obrigado pela atenção.

— Eu que agradeço a lembrança. Um abraço.

A bibliotecária foi ao quarto de Laerte e falou com ele:

— Laerte, tenho uma novidade para te contar.

— Que novidade, mamãe?

— Recebi um telefonema da produção do *Colóquio com Leal*, te convidando para gravar uma entrevista no programa, nos estúdios da Rede Esfera, em São Paulo. Preciso que me diga se tem interesse em participar do programa.

— Claro que sim, mamãe. Sou besta de jogar fora esta oportunidade?

— Não é todo dia que se recebe um convite pra dar uma entrevista num *late night* de grande audiência como o *Colóquio com Leal*.

— É verdade, mamãe.

— Já que você demonstrou interesse, vou mandar um e-mail pro produtor, pra ele providenciar as passagens aéreas, a hospedagem e alimentação.

— Não vejo a hora de conceder esta entrevista para o Leal.

— Eu também, meu filho.

* * *

Dentro do táxi que os levava para Aeroporto de Vitória, Laerte e Larissa conversaram:

— Laerte, Você sabia que perdi uma vaga de auxiliar de biblioteca na escola Velasquez?

— Por quê, mamãe?

— A coordenadora da biblioteca disse que eu era muito qualificada pro cargo, que poderia roubar a vaga dela, e não arriscaria me contratar, porque, se eu encontrasse algo melhor, pediria a conta de lá, deixando a escola na mão.

— Mas que absurdo, mamãe!

— Um absurdo mesmo, Laerte. Esses donos de escola querem a precarização do bibliotecário, mesmo sabendo da importância desse profissional. A real é que o mercado procura alguém que não seja tão idiota que não consiga obedecer a ordens, nem tão inteligente a ponto de contestá-las, num eterno culto à mediocridade.

— Ou seja, querem pessoas com mentalidade de Homer Simpson.

— Exatamente. Já me falaram para omitir algumas formações.

— Aí que tá o problema, mamãe. Você tá lidando com gente insegura, que não quer largar o osso de jeito algum, e não quer perder o lugar em hipótese alguma.

— Quando a pessoa é competente, ela se estabelece. Do jeito que tão indo as coisas, vou começar a estudar pra concursos públicos.

— É uma boa pedida, mamãe.

Ao chegarem no aeroporto de Congonhas, mãe e filho foram recepcionados por Fernando e levados para uma van, que os conduziu à sede da Rede Esfera, no Morumbi.

Numa sala, Laerte aguardou sua vez para entrar no estúdio. Havia uma mesa com frios, salgados fritos e assados, biscoitos salgados, patê de sardinha e refrigerantes.

A atriz Tarsila Petraglia também participaria do talkshow,

para falar do seu clube de leitura. Ao ver Laerte, o cumprimentou com um beijo e disse:

— Laerte, é um prazer enorme de te conhecer.

— Igualmente, Tarsila. Muito obrigado pela resenha tão carinhosa de *Rebello Resiste*.

— Obrigada, Laerte. Fiquei muito encantada com sua obra.

— Quando é que vou te ver nas novelas?

— Depois de ter feito uma vilã densa e demoníaca em *A marca da promessa*, vou ficar longe do vídeo, por algum tempo, pra descansar a imagem, me atualizar profissionalmente, e continuar as atividades do Clube do Livro de Tarsila Petraglia.

— Legal. Fiquei tão contente, ao saber que *Rebello Resiste* seria o livro do mês no seu clube do livro. Como ele chegou até você?

— Vi o vídeo da entrevista que a sua mãe concedeu à Rádio Colibri FM, e fiquei muito revoltada com as declarações da Viviane Botacin. Eu era seguidora dela, mas depois do fato ocorrido, deixei de segui-la.

— Eu também, Tarsila. A máscara dela caiu, se mostrando uma mulher elitista, fascista, racista e estelionatária. Aquela ordinária enganava editores e autores com o número de seguidores inflado, usava roubos para simular engajamento.

— Soube dessa história, Laerte. Foi o maior bafafá no meio literário e editorial. Ela foi defenestrada do meio.

— É o mínimo. Bem-feito pra ela. Ela merecia. Como você teve acesso a *Rebello Resiste*?

— Comprei seu livro no site da Edições Talismã, porque não conseguia encontrá-lo em nenhuma livraria de São Paulo, tampouco do Rio, onde tava gravando a novela.

— Por ser independente, a Edições Talismã enfrenta dificul-

dades de fazer chegar suas obras às grandes livrarias, que só dão espaço para livros bestsellers.

— O mercado editorial é cruel e muito desigual. Só tem espaço quem tem dinheiro. As onças e garoupas¹ ficam acima da arte literária. Corre à boca pequena que tem editora pagando taxa pras livrarias exporem os livros na vitrine delas.

— Que absurdo!

— Eu também acho. Laerte, você sabia que já tomei tombo de editora?

— Não, Tarsila.

— Em abril de 2014, assinei contrato com a Petrin Editora, pra lançar meu primeiro livro de contos chamado *A nova professora e outras histórias*. Paguei 18.000 reais, à vista, pra uma tiragem de 1000 exemplares.

— É um dinheirão, né?

— Sim, Laerte. É mais que um considerável montante, mas a realização de um sonho como escritora. Ademar Petrin, o pica-reta travestido de editor, só me entregou 150 exemplares, inclusive a editora tava vendendo os exemplares na internet, sem minha autorização.

— Esse Ademar é um tremendo de um safado!

— Meus advogados já enviaram notificação extrajudicial, proibindo-o de fazê-lo, além de ter me prometido diversas vezes de entregar os livros restantes, só pra ganhar tempo. Até para fortalecer o lado dele, pedi que ao menos me entregasse mais 200 exemplares, e os demais, no decorrer do ano. Ele me enrolou por meses. Ademar tava me devendo 750 exemplares.

— O que você fez?

— Botei aquele parlapatão no pau, no Juizado Especial Cível do Rio de Janeiro, onde a editora funcionava. Ganhei a causa, no entanto, o oficial de justiça não consegue localizá-lo na Cidade

Maravilhosa. Dizem que está morando na casa de uma irmã. Aos prantos, implorei ao Ademar que me desse seu endereço, pra que o oficial de justiça pudesse entregar a sentença.

— Ele deu o endereço?

— Qual nada. O vagabundo se negou a dar o endereço, alegando não querer incomodar a irmã. Ainda disse que não tem nenhum bem em seu nome. Meses depois, ele foi encontrado morto num terreno baldio em Belford Roxo, na Baixada Fluminense.

— Que final! Não duvido nada que tenha sido algum escritor full pistola que tenha contratado um pistoleiro de aluguel pra dar um jeito no cabra.

— Na verdade, Laerte, Ademar foi morto por um agiota, por ele não ter pagado uma dívida de 600.000 reais, supostamente pra fazer capital de giro. Outros escritores e escritoras me procuraram, fazendo queixas a respeito desse canalha do Ademar. O mau caráter me contara que 90% dos escritores fazem todas as tratativas pela internet, não o procurando pessoalmente para evitar despesas de passagens aéreas ou rodoviárias. Já me conformei de ter perdido minha grana, mas muito me entristece o fato de haver editoras que brincam com os sentimentos e sonhos dos novos escritores.

— Tarsila, sou grato a Deus por ter encontrado Sebastião Alvarenga, que acreditou em mim, publicando *Rebello Resiste*.

— Você é um guerreiro e vencedor, Laerte.

— Obrigado, Tarsila.

Danyelle, a produtora, se aproximou de Laerte e disse:

— Laerte, agora é a sua vez de gravar. Vamos?

— Sim.

— Boa sorte na entrevista, Laerte. Foi bom te conhecer – disse Tarsila, abraçando o novel escritor.

— Obrigado – respondeu Laerte.

No estúdio 4, Paulo Leal entrevistava Laerte:

— Boa noite. Tá começando mais um *Colóquio com Leal*. O convidado desta noite é o jovem escritor Laerte Menezes Maia. Laerte nasceu em Vitória, no Espírito Santo, tem 18 anos, é aluno do terceiro ano do Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Jornalista Marien Calixte. Ele tem paralisia cerebral, em virtude das complicações do parto que sua mãe teve, ao dar à luz ao novel escritor, quando ela tinha apenas quatorze anos, deixando-lhe sequelas na fala e nos movimentos das pernas. Diante dessas adversidades, Laerte não se deixou esmorecer, e tem se superado a cada dia. Ele publicou, pela Edições Talismã, o primeiro romance, *Rebello Resiste*, que ganhou elogios até mesmo da severa crítica literária Hannelore Mutz, e foi o livro do mês do Clube do Livro da Tarsila Petraglia. Laerte, gostaria que falasse a respeito do processo de criação de *Rebello Resiste*.

— Leal, participei do movimento de ocupação das escolas contra a reforma do Ensino Médio, em 2016, além de ter acompanhado o movimento estudantil que ocorreu em São Paulo contra a reorganização das escolas. Isso me deu inspiração para escrever minha primeira obra. Em 2017, Andréa, minha professora de Português e Literatura, ministrou uma oficina de escrita criativa, em que tive contato com diversos literários, com predileção pro conto e pro romance. Em virtude das aulas da maravilhosa Andréa, que quero mandar um beijo, comecei a redigir os primeiros capítulos do romance. Ela quem me ajudou sendo leitora beta e leitora crítica do original. Concluída a redação do original, encaminhei o mesmo para 50 editoras, e minha obra foi recusada sob diversos pretextos.

— O que estas editoras diziam, Laerte?

— Algumas se limitavam a dar respostas padrão, como “a

programação editorial estava fechada”, “a obra não se enquadrava com a linha editorial”, “a editora não estava interessada na obra”, ou que “só recebiam originais encaminhados por agentes literários”. A dona de uma editora de pequeno porte disse que *Rebello Resiste* tinha um enredo fraco, personagens sem carisma, narrativa entediante, e diálogos que não eram naturais. Falou ainda que o meu texto precisava ser lapidado, que não tinha talento para a literatura, aconselhando-me desistir de escrever. A coordenadora dos selos infantojuvenis de um importante editora afirmou que as pessoas querem livros pra relaxar e se divertir, buscando a fuga da realidade, fugindo de problemas sociais e polêmicas. Disse que minha obra tinha um bom enredo, mas era maniqueísta, com muita militância e ativismo, destoando do perfil daquela casa editorial, que só publica literatura de entretenimento, não tendo viabilidade comercial. Pedi ainda pra ver o exemplo do escritor Lima Barreto, que escrevia obras antihegemônicas, mas que terminou seus dias na mais absoluta miséria.

— Sua obra vai de encontro a muitos interesses.

— *Rebello Resiste* vai de encontro aos interesses daqueles que compram imóveis pra fazer especulação imobiliária, das empreiteiras que compram terrenos para construir prédios de luxo e dos banqueiros que emprestam dinheiro, e se o devedor não pagar, o banco faz leilão extrajudicial pra recuperar o valor. Minha obra sofreu boicote de alguns programas locais de entretenimento, uma vez que eles não queriam se indispor com os banqueiros e com os donos de construtoras.

— Você acha que essa temática controversa pesou para que você tivesse seu original recusado?

— O buraco é mais embaixo, Leal. Editora grande só quer saber de publicar livro bestseller de autor da gringa, ainda mais

se ele for americano, britânico ou canadense. Autor nacional só consegue publicar, se tiver indicação de outro autor pica grossa, se ele for influenciador digital ou tiver um agente literário por trás.

— Alguma vez você pensou em desistir de publicar *Rebello Resiste*?

— Já tava esgotado de tanto tomar não das editoras, de pedir dinheiro à vovó pra pagar impressões e correio, sem ver resultado positivo. Recebi um telefonema de Sebastião Alvarenga, dono da Edições Talismã, sinalizando o interesse da editora em publicar *Rebello Resiste*. Eu e mamãe fomos a Belo Horizonte assinar o contrato de edição. Em agosto deste ano, ocorreu a noite de autógrafos, na Biblioteca Pública do Espírito Santo, em que compareceram as pessoas que me são caras.

— Laerte, você publicou um artigo, em que criticara a agora ex-influenciadora literária Viviane Botacin.

— Foi um desabafo, enquanto autor e fã dela. Tomei ranço daquela mulherzinha sem escrúpulos, que outrora tinha em grande estima. Fala sério, a bicha tava pedindo cinco paus da minha editora para fazer uma resenha em vídeo. Ela tava fora da casinha. Cada um cobra o que quer, mas achar alguém que cubra esse valor nababesco, é outro departamento. Essa grana é o que a Talismã usa pra divulgação das obras do seu catálogo. Ela não dispõe do mesmo poder econômico dos grandes grupos editoriais. Tava em casa, já eram mais de 11 horas da noite, e a Viviane me liga, com seus gritos estridentes e chiliques, exigindo que o retirasse o texto do ar, porque estava lhe expondo. Ela me xingou todinho, e tive que responder à altura. Gravei a ligação, e a mostrei pra minha mãe, que ficou uma fera.

— Imagino. É o instinto materno de proteção, de lamber a cria.

— Mamãe foi à Rádio Colibri FM, e conversou com uma amiga que é produtora do jornal daquela estação. Ela deu entrevista ao jornal, falando da minha vida, *de Rebello Resiste* e da violência que sofri. Essa entrevista foi publicada nas redes sociais da Rádio Colibri FM. Muitas editoras cancelaram os contratos de parceria com a referida produtora de conteúdo literário, diante do comportamento inaceitável. Ela me acionou judicialmente, mas perdeu. O juiz, Leonardo Prandini vislumbrou assédio jurídico e tentativa da alteração da verdade dos fatos, pra induzi-lo a erro. Viviane e sua empresa de marketing literário foram condenadas a pagar as custas processuais e os honorários advocatícios. Ainda tiveram a pachorra de pedir assistência judiciária gratuita, que foi negada a estas últimas.

— Todo esse fuzuê te deu visibilidade, né?

— Um grupo de influenciadoras literárias fez uma nota de repúdio contra aquela ruiva e de apoio a mim. Elas se comprometeram a comprar meu livro e resenhá-lo, sem custo para mim e para a minha editora. Elas declararam na nota que tinham Viviane como referência, mas que estavam envergonhadas por causa das infames declarações dela, além de acusá-la de ter deixado o dinheiro e o sucesso lhe subirem à cabeça, sendo uma bajuladora de autores gringos. Uma destas influenciadoras, Andrea Maitê, de Blumenau, fez uma resenha tão linda, que fui às lágrimas, após lê-la. A Tarsila também resenhou meu livro. Nós conversamos sobre literatura, agora há pouco, no camarim. Fiquei surpreendido com a crítica positiva da Hannelore Mutz, uma autoridade no meio literário que faz autores terem desarranjos intestinais, só de pensar o que ela vai falar de seus livros.

— Hannelore Mutz é uma crítica literária muito respeitada. A meu ver, só os maus autores a temem. *Rebello Resiste* pode ser adquirido no site da Edições Talismã, em <www.edicoestalis-

ma.com.br>. Laerte, muito obrigado por ter vindo ao *Colóquio com Leal*.

— Eu que agradeço o espaço, Leal.

Após terminar a gravação, Laerte pegou o celular. Viu que havia uma chamada perdida de Sebastião. Ele retornou:

— Oi, Sebastião. Boa noite.

— Boa noite, Laerte.

— Horas mais cedo, liguei para a sua mãe. Ela disse que vocês tão em São Paulo fazendo a gravação para o programa *Colóquio com Leal*. Amanhã começa a Feira do Livro da USP. É meu desejo que você fosse ao estande da Talismã pra autografar *Rebello Resiste*.

— Sem problemas, Sebastião. Vou comparecer.

— Que bom, meu filho. Lá, você vai ter bastante visibilidade, a imprensa vai tá lá. Vai ser muito bom.

— Eu acredito que sim, Sebastião.

— Foi bom falar com você, Laerte. A gente se vê amanhã. Um abraço.

— Até amanhã, Sebastião.

VINTE

*autografando
rebello resiste*

CHEGOU O DIA DA FEIRA DO LIVRO DA USP. No estande da Edições Talismã, Laerte estava autografando os exemplares de *Rebello Resiste*. A escritora Janna Figueira, com um exemplar do livro do jovem escritor, se aproximou e disse, dando-lhe um abraço e um beijo:

— Oi, Laerte, que bom te conhecer. Soube de sua história e do seu livro, por indicação da Tarsila Petraglia. Sou sócia do clube do livro dela.

— Então você é a Janna Figueira, mencionada pela professora Andréa, que participou da Bienal do Livro do Rio?

— Sim, Laerte. Participei da Bienal do Livro do Rio, no ano passado, onde lancei meu primeiro livro pela Adelante, selo jovem da Constantino.

— Qual é o nome do livro?

— Ele se chama *Sobrevivendo a Vital Pôncio*. É um romance epistolar.

— O que é romance epistolar, Janna?

— É um tipo de romance que conta a história através de

cartas, mas podem ser utilizadas anotações de diários e notícias de jornais. Os romances mais famosos neste estilo são: *Precisamos falar sobre o Kevin*, de Lionel Shriver; *Pamela ou a Virtude Recomendada*, de Samuel Richardson; *Lucíola*, de José de Alencar; *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe, e *As Ligações Perigosas*, de Choderlos de Laclos.

— Seu livro fala sobre o quê?

— Em cartas encaminhadas aos pais, Tatiane Freixo, entre 1990 e 1992, período que ela foi integrante do grupo infantojuvenil Os Intrépidos, relata situações de assédio sexual e moral por parte de Vital Pôncio, empresário e dono do grupo. Esse cara humilhava a Tatiane em público, principalmente quando ela errava a letra nos ensaios.

— Esse cara é muito tóxico. Assédio moral é crime.

— Ela não contou nada antes, porque a família, do interior de Minas, mais precisamente da pequena cidade de Ataleia, no Vale do Mucuri, dependia dela. Tatiane congregava na Igreja Batista da cidade onde morava, e cantava no louvor. Era fã dos cantores pop da época e dos grupos infantojuvenis, dentre os quais, estava Os Intrépidos. Em 1989, Tatiane foi convidada pra se apresentar na chegada do Papai Noel, em Governador Valadares. Ela cantou *Got to Be Certain*, da Kylie Minogue, cantora australiana estourada nos anos 80. Os Intrépidos também se apresentou neste dia. Vital ficou impressionado com a performance daquela baixinha. Ele a contratou para o grupo, pra substituir Larissa, que lançaria seu primeiro disco solo naquele ano.

— Qual é sua intenção com esse livro?

— Mostrar o lado não tão glamuroso do mundo dos espetáculos, as dores que os artistas passam, as humilhações e assédios que eles são submetidos.

— Alguém tem que pôr o dedo na ferida. O show business

não só oba-oba, holofotes, pessoas desmaiando e gritando histericamente seu nome.

— Concordo contigo, Laerte.

— Qual foi sua trajetória até publicar *Sobrevivendo a Vital Pôncio*?

— Após concluir *Sobrevivendo a Vital Pôncio*, enviei o mesmo pro concurso literário da Editora Condoreira. O certame se tornou caso de polícia.

— Por quê, Janna?

— Pra participar, tinha que pagar uma taxa de 50 reais, sob a desculpa de cobrir os custos do concurso. 3000 escritores escreveram suas obras. Porém, o concurso foi declarado deserto, com a alegação de que nenhuma obra tinha qualidade necessária pra receber o prêmio, que consistia na publicação do livro. O pior é que não devolveram o dinheiro.

— Deixa ver se entendi: a editora embolsou 150 mil reais nesse concurso aí?

— Sim, Laerte. Os donos da editora fugiram do Brasil. A bem da verdade, não são editores, mas uma dupla de picaretas que se aproveitaram da inocência de escritores e da ilusão destes que ansiavam ver seus livros publicados. São seres sem escrúpulos. Por algum tempo, peguei ranço de concurso literário.

— Não boto fé em concurso literário. É um jogo de cartas marcadas.

— O concurso literário organizado pela Editora Fiorella foi um verdadeiro esculacho. Coloquei *Sobrevivendo a Vital Pôncio*, pra ver se ganhava. *Memórias de Maricotinha*, obra que venceu o concurso, era horrível, muito aquém do que se espera de um livro. O número de caracteres estava abaixo do mínimo solicitado pelo concurso. Qualquer obra que estivesse em desacordo com o regulamento do mesmo seria desclassificada, o que não se

aplicou à obra. Foi um fracasso de vendas. Tempos depois, descobri que autora é amante de um dos sócios da editora.

— Que bafão!

— O mercado literário é cheio desses bafões, Laerte. Essa mesma editora, dias depois do certame, ofereceu a publicação do meu livro, como uma edição de autor, sem o selo da Fiorella, mediante pagamento. Pediram 15 mil reais. Educadamente, declinei da proposta.

— Mas é muita cara de pau!

— É o cúmulo da ousadia e do mau-caratismo. Sempre querem achar um jeito de esfolar o escritor.

— E aí?

— Já tava pensando em jogar tudo pro alto, quando encontrei a escritora carioca young adult Thabata Rebello, numa tarde de autógrafos do seu novo livro *O calor dos teus abraços*, na Livraria Michelangelo, que fica aqui em São Paulo, na Avenida Paulista. Contei a minha história pra ela, que me pediu pra enviar o original por e-mail, pra que convencesse Beth Nardoni, editora do selo, analisá-lo, mas que não garantia a aprovação do manuscrito. Dias depois, a Beth me ligou, informando que tinha interesse em publicar minha obra, mas precisava fazer alguns ajustes. Fui à sede da Constantino, assinei o contrato, fiz as modificações, e *Sobrevivendo a Vital Pôncio* foi lançado na Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Detalhe: A Thabata fez o prefácio.

—Que maravilha!

— Laerte, foi bom te conhecer, mas preciso ir pro estande da Constantino autografar meu livro. Tchau.

— Tchau, Janna.

A influenciadora literária amapaense Rayssa Fernanda, que estava passeando na terra da garoa, passou no estande da Talismã para conhecer Laerte, e tirou foto com o escritor.

— Laerte, nos próximos dias, vou subir no meu blog a resenha do teu livro.

— Valeu.

— Espero, em breve, também lançar o meu livro. Tô na fila de publicações da Editora Bentinho. Eles dão preferência para os autores que tão estourados lá fora, ou pros influenciadores digitais. Paciência. Não posso reclamar. O mais difícil já consegui.

— Verdade.

— Meu livro, *Rose, pura flor*, é uma releitura do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto. Tu já o leu?

— Não, Rayssa.

— Não sabe o que tá perdendo, maninho. Minha releitura conta a história de Rose, 18 anos, recém-formada do curso normal, professora da primeira série do Centro Educacional Raquel Azambuja, um colégio particular de Macapá. Ela é seduzida por Dirceu, 25 anos, filho da dona da escola, um playboy vagabundo, que vive à custa da mamãezinha, dona Raquel, com longo histórico de deflorações e atentados violentos ao pudor contra as mulheres da capital amapaense. No entanto, por ter intimidade com pessoas poderosas e influentes, os casos ficam impunes.

— Bem-vinda ao Brasil.

— Após alguns meses, Rose se vê grávida de Dirceu. Ele disse que não tem condições psicológicas de ser pai, e sugere um aborto. Ao tomar conhecimento da gravidez, dona Raquel demite a professora, deixando-a com uma mão na frente e outra atrás, porque ela não assinou a carteira.

— Ela não foi à justiça?

— Através de advogados, ela entrou com uma ação de reconhecimento de vínculo trabalhista na Justiça do Trabalho do Amapá, além de ação de alimentos combinada com pensão

alimentícia contra o cachorro do Dirceu. Ela vence as ações. No entanto, é vítima de um atentado, deixando-a com sequelas. Não vou contar o resto da história. Tu vai ter que comprar meu livro, viu?

— Pode deixar, Rayssa.

Inesperadamente, uma malta de vagabundos, apresentando-se como fãs de Viviane Botacin, acompanhados da vagabunda e decadente influencer, invadiram o estande, atacando ovos podres contra Laerte, e agredindo fisicamente os visitantes que aguardavam ter seu exemplar de *Rebello Resiste* autografado.

— Gente, o que é isso? — perguntou Rayssa, sem ainda entender nada.

— Mas que diabo é isso? – disse Laerte – Cadê os seguranças?

A ruiva, com seus gritos histéricos e estridentes, insultou o escritor:

— Laerte, eu te odeio com todas as forças da minha alma, como nunca odiei minha vida, seu aleijado maldito!

— Minha vida foi radicalmente modificada ao saber disso – ironizou Laerte, esboçando um sorriso amarelo.

— A vontade que tenho é te matar, seu bugrinho aleijado, desgraçado, miserável, lazarento dos infernos, servo do cramu-nhão! Maldito, você deveria ter morrido no parto!

— Chega, Viviane! Não suporto mais você, sua desocupada! Você não é bem-vinda aqui. Não tem noção de ridículo, mulher? Mete o pé! Chega de teatro!

— Você é um moleque mimado, que não gosta de ouvir a verdade.

— Que o demônio te carregue com suas verdades, Viviane!

— Olha, gente, como o escritor Laerte Medeiros Maia é agressivo, grosseiro e machista.

— Para de vitimismo, Viviane! Não é você, que é antifeminista? Ou seu feminismo é de ocasião? Fala sério!

— Cala a sua boca, seu aleijado, lacrador miserável!

— Venha me calar se for capaz, sua ordinária!

— Graças ao seu vitimismo, você emplacou seu livro, deu entrevista ao Leal, e eu tô na merda.

— Cada um com seus problemas, Viviane. Quem mandou ser preconceituosa, capacitista e elitista? Qualquer pessoa com senso de humanidade repudia tais práticas. Você não passa de uma baba-ovo de autor gringo, que sempre olhou o autor nacional com desprezo.

— Você, sua querida mãezinha, e a Rádio Colibri FM denegriram minha imagem, ao veicular uma conversa privada.

— A palavra denegrir tem conotação racista.

— O boca torta não para de lacrar e se vitimizar.

— Seus insultos são caso de polícia.

— Caso de polícia é você, aborto de gente! Continuo não reconhecendo a autenticidade do áudio da suposta conversa veiculada naquela estação. O que fizeram comigo deveria ser caso de polícia. Em qualquer país sério, você, sua mãe dele, além da rádio e do tal Jorge deveriam ser processados por invasão de privacidade. Por conta dessa distorção da verdade, perdi parcerias com editoras, fui desconvidada de eventos literários. Por sua culpa, seu aleijado maldito, tive que encerrar as atividades da minha empresa de marketing literário. Tá satisfeito, desgraçado?

— Dá o fora daqui, Viviane. Eu não vou mais discutir com você. Já encheu o saco!

— Já tô no meu limite. Não suporto mais ser afrontada por lacradores esquerdopatas e socialistas como você!

— Eu que tô por aqui com você, que não passa de uma rata

de esgoto asquerosa e repulsiva. Você é uma grosseira caricatura de si mesma.

As pessoas que estavam no estande começaram a gritar:

— Fora, Viviane!

A influenciadora teve uma parada cardiorrespiratória, caindo dura no chão. A turba que acompanhava Viviane saiu do estande da Edições Talisma. O SAMU foi chamado, e ela foi levada ao hospital. O quadro dela era muito grave.

Larissa, que viu e ouviu tudo em silêncio, disse:

— Viviane é tão tóxica, que caiu dura no chão. Deus ajude que não seja nada. Não lhe desejo nenhum mal, mas ela colheu o que plantou.

— Eu também penso dessa forma, Larissa – observou Sebastião.

— A lei do retorno nunca falha. Tudo que ela fez, se voltou pra ela – respondeu Laerte - Deus não dorme, e Sua mão pesou sobre Viviane.

Diversas entidades fizeram uma nota coletiva de repúdio à conduta de Viviane e desagravando Laerte:

As entidades culturais abaixo assinadas repudiam veementemente os atos de racismo e capacitismo sofridos pelo escritor Laerte Medeiros Maia, enquanto este autografava, no estande da Edições Talismã, seu primeiro livro, Rebelo Resiste, na Feira do Livro da USP. Repudiamos e rechaçamos quaisquer formas de violência contra as pessoas descendentes de povos originários e com deficiência, enquanto se solidariza com o escritor.

Viviane Botacin, com uma turba de desordeiros, invadiu o estande da

casa editorial mineira, agredindo fisicamente as pessoas que ali estavam para ter seu exemplar autografado pelo jovem Laerte.

Sendo assim, conclamamos o Ministério Público do Estado de São Paulo, bem como o Ministério Público Federal, considerando que a violência foi cometida contra pessoa indígena e com deficiência, tome as providências cabíveis, assegurando a investigação e exemplar punição de Viviane Botacin, na máxima extensão da lei, com observância ao devido processo legal.

Em suma, registramos nossa solidariedade a Laerte, deixando consignado nesta Nota de Repúdio que jamais nos calaremos diante de tais atos, e não pouparemos esforços para combater quaisquer ações de violência e discursos de ódio.

São Paulo, 27 de novembro de 2018

Assinam essa nota:

*Confederação das Academias de Letras e Artes do Brasil
Associação Brasileira de Editoras Independentes
Associação Brasileira dos Escritores e Ilustradores Infantojuvenis
Associação Brasileira dos Escritores com Deficiência
Associação Brasileira de Escritoras Negras e Indígenas
Coletivo de Escritores LGBT Oscar Wilde
Coletivo de Escritores Indígenas Cacique Raoni
União dos Escritores Independentes do Brasil
Associação Brasileira de Professores e Pesquisadores de Literatura
Infantojuvenil*

Após tanta luta, a vitória viria.

VINTE E UM
só notícia boa

POR VIDEOCONFERÊNCIA, Laerte teve uma reunião com Tarsila Petraglia, Manoel Júnior, diretor da IWannaHold Filmes e consultor da Esfera Filmes, e Anderson Góis, diretor da Esfera Filmes a respeito da compra dos direitos de *Rebello Resiste* para produção de um longa-metragem e uma minissérie para a Rede Esfera. Tarsila seria a diretora, corroteirista e coprodutora do longa.

* * *

No 20 de dezembro de 2018, ocorreu a formatura das turmas de 3º ano do Ensino Médio, no auditório do Marien Calixte. Leandro Braga, mestre de cerimônias, iniciou a sua fala:

– Senhoras e senhores, boa noite! Sejam muito bem-vindos à cerimônia de formatura das turmas de 3º ano do Ensino Médio do Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Jornalista Marien Calixte. Convidamos para compor a mesa de honra desta sessão solene de formatura: a professora Dora Maria Del

Piero de Sá, diretora, Natália de Sousa Borges Nunes, pedagoga, professora Andréa Christine de Mattos Nogueira da Fonseca, paraninfa das turmas, professora Maria do Carmo Veenings de Oliveira, subsecretária pedagógica, representando o Excelentíssimo Senhor Secretário de Estado da Educação.

Todos os membros da mesa de honra se acomodaram. Leandro prosseguiu:

— Convidamos a paraninfa das turmas, professora Andréa Christine de Mattos Nogueira da Fonseca, para que conduza seus afilhados ao recinto.

Os concluintes do 3º ano entraram no salão. Leandro continuou sua fala:

– Em sinal de respeito, levantemo-nos para a execução do Hino Nacional Brasileiro e do Hino do Espírito Santo.

Após a execução dos hinos, Leandro voltou a falar:

— Convidamos agora a diretora do Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Jornalista Marien Calixte, professor Dora Maria Del Piero de Sá para a instauração da sessão solene de formatura.

Dora pegou o microfone e disse:

— Boa noite! Invocando a proteção de Deus, declaro aberta esta Sessão Solene para formatura das turmas de 3º ano do Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Jornalista Marien Calixte.

O mestre de cerimônias continuou:

– Convidamos a aluna Caroline Gandine Alvarenga para fazer o juramento.

Caroline fez o juramento, sendo acompanhada pelos colegas:

– Solicito que os meus colegas formandos do Ensino Médio fiquem em pé, levantem a mão direita e repitam comigo: Juro solenemente, diante de Deus e dos homens, conforme o ordena-

mento jurídico pátrio, continuar meus estudos para conquistar uma profissão digna, usar os conhecimentos adquiridos em prol da coletividade, sendo um profissional que dê orgulho ao meu país, assim prometo.

Leandro chamou Laerte:

— Convidamos agora o formando Laerte Menezes Maia para requerer o grau em seu nome e em nome dos seus colegas.

Laerte fez a requisição do grau:

– Eu, Laerte Menezes Maia, em meu nome, e em nome dos meus colegas, venho requerer a outorga de grau de Ensino Médio à Ilustríssima Senhor Diretora do Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Jornalista Marien Calixte, conforme as prerrogativas das Leis da República.

Dora concedeu o grau:

– Peço aos formandos que fiquem em pé. No uso das prerrogativas que competem à direção do Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Jornalista Marien Calixte, e em seu nome, confiro o grau de Ensino Médio a Laerte Menezes Maia e aos demais formandos do terceiro ano para que possam gozar de todos os direitos que a este grau asseguram as leis republicanas.

Leandro fez o encerramento:

— Encerra-se, neste momento solenidade da formatura das turmas de 3º ano do Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Jornalista Marien Calixte. Aos formandos, boa sorte em suas caminhadas. Boas festas e um feliz 2019.

Atirando os capelos, Caroline e Laerte se beijaram.

* * *

Sebastião ligou para Laerte que atendeu:

— Oi, Sebastião. Boa noite.

— Boa noite, Laerte. Preciso te dar uma informação importante.

— Do que se trata, Sebastião?

— Hoje à tarde, o Grupo Editorial Constantino comprou 70% das cotas da Edições Talismã. Ou seja, não sou mais o dono majoritário. Continuo como editor, mas não como diretor.

— O que muda na Talismã?

— A Edições Talismã, agora como parte integrante do Grupo Editorial Constantino, passa a ter acesso à rede de distribuição do grupo, a mais verbas de marketing e maior poder de barganha nas compras governamentais. Não é uma maravilha?

— Toda mudança tem seus prós e contras. Se por um lado, a Talismã passa a contar com uma logística melhor, por outro, perde a independência. Tomara que eles não mudem a essência desta casa editorial, que tão bem me acolheu.

— Não se preocupe, Laerte. Um dos pontos que coloquei pra que fechasse o negócio com Paulo Constantino Filho é que não alterassem a filosofia de trabalho da Talismã.

— Entendi. Boas festas e um feliz 2019.

— Pra você também, Laerte.

* * *

A entrevista que Laerte concedeu para o programa *Colóquio com o Leal* foi exibida. Andréa ligou para o rapaz:

— Oi, Laerte. Assisti agora há pouco sua entrevista no Leal. Você se saiu muito bem, soube se expressar com clareza, apesar de suas limitações na fala.

— Muito obrigado, Andréa. Boas festas pra você.

— Boas festas pra você, meu amor. Quem não vai passar boas festas é a Viviane Botacin. Tão logo receba alta, ela vai direto pro

Centro de Detenção Provisória de Franco da Rocha. Além das acusações de estelionato, ela vai responder por tentativa de homicídio.

— Homicídio? Contra quem?

— Contra Paulo Constantino Neto. Ela, fora de si, invadiu um restaurante onde o executivo do Grupo Editorial Constantino, e tentou matá-lo a golpes de canivete.

— Meu Deus!

— Ela disse que Paulo destruiu a vida dela, pelas acusações de comprar seguidores e usar robôs para simular engajamento.

— Definitivamente, Viviane é uma sociopata, que precisa ser alijada do convívio social.

— Na verdade, Viviane gosta de coisas, e usa as pessoas. Laerte, tenhas boas festas e um 2019 cheio de saúde, paz e muitas realizações pra você e sua família.

— Pra você também, professora. Um beijo.

* * *

Laerte estava fazendo seu lanche da tarde. Larissa se aproximou dele e disse:

— Laerte, depois de tantos nãoos, consegui um emprego de bibliotecária na Faculdade Tales da Serra.

— Parabéns, mamãe. Você merece.

—A faculdade tá com um projeto de se tornar centro universitário, e precisava ampliar o quadro de bibliotecários. Fui indicada por uma colega da UFES.

— É bom quando a gente tem um amigo que nos considera.

— É isso aí, Laerte. Amigo é amigo, e filho de rapariga é filho de rapariga. Laerte, lá na Tales tem o curso de Letras Portu-

guês/Inglês, e como você é meu dependente, tem direito a uma bolsa integral.

— Mamãe, tô confiante que vou passar na UFES no curso de Letras, dentro das cotas para pessoas com deficiência.

* * *

O resultado do SiSU saiu. Laerte foi aprovado em Letras-Português Matutino, dentro da cota para pessoas com deficiência, independente da renda, que estudaram em escolas públicas.

Laerte contou a novidade à mãe que explodiu de alegria.

— Meu filho querido, meus parabéns! Em breve, vamos ter um professor de língua portuguesa e literaturas de língua portuguesa. Obrigada, meu Deus! Muito obrigada!

Carol, a amada de Laerte, ficou na lista de suplentes no curso de Jornalismo da UFES. A concorrência para alunos que estudaram em escola pública independente da renda estava alta.

* * *

O UniGAB ofereceu uma bolsa integral para que Laerte cursasse o novo curso superior de tecnologia em Escrita Criativa, com dois anos de experiência, e aulas de segunda a quinta feira, das 18:30 às 22:10. Ele aceitou estudar lá. A intenção da IES era fazê-lo garoto propaganda da instituição.

* * *

Laerte estava na casa de Carol, em seu quarto. Ela disse:

— Amor, como já não tem mais esperança de ser chamada pela UFES, vou cursar Jornalismo na Unicav. Minha madrinha

vai pagar para mim. Além disso, um deputado me arrumou um cargo na Assembleia.

— Que legal, Carol. Além do curso de Letras na UFES, vou cursar Escrita Criativa no UniGAB, com bolsa integral.

— Você não acha que vai ficar puxado pra você duas faculdades, querido?

— Qual nada, Carol. Dá pra levar.

— Entrou em conta hoje o acerto dos direitos autorais de *Rebello Resiste*. Fui no Magazine Limonta, e comprei um notebook gamer, porque o notebook que usava já tava bem zoadado. O resto deixei guardado na poupança.

— Preciso te contar uma coisa.

— O quê, Carol?

— Antes, era só eu e você. Dentro de mim, batem dois corações.

— Você tá grávida?

— Sim, meu bem. Eu vou ser mamãe, e você, papai.

Laerte chorou de felicidade. Carol continuou:

— Quando contei pros meus pais, eles ficaram no início assustados, mas ficaram felizes, porque serão avós. Meu pai disse: "Putsgrila! A máquina funciona! Laerte pode ser aleijado, mas não é capado!"

— E ele tá errado? O bebê ou a bebê que você carrega no ventre é fruto de um amor de duas pessoas.

— Sim, meu amor. Teremos o fruto de um amor tão lindo e sublime.

Laerte e Carol se beijaram.

posfácio

Conheci Maxwell dos Santos, autor deste livro, na sala dos professores do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) - Campus Vitória, no ano de 2019. Lembro que nossa primeira conversa foi sobre livros e as perspectivas do mercado editorial. Abordamos, entre outros assuntos, os desafios para publicar, distribuir e divulgar um livro no Brasil (isso numa realidade pré-pandemia da Covid-19, pois hoje a situação está ainda pior).

Uma questão que me chamou muito a atenção nessa conversa foi o relato de Maxwell sobre a dificuldade de se encontrar alguém disposto a fazer a resenha de um livro sem ter como contrapartida algum tipo de compensação financeira (não raro, cifras astronômicas, muito além dos recursos que um autor independente ou uma pequena editora dispõem).

Dito isso, foi uma grata surpresa ter me deparado com o conteúdo desta obra, que discute a disparidade de recursos entre pequenos e grandes grupos editoriais na disputa por espaço no mercado para divulgação de livros. Apesar do caráter fictício,

percebi em *Meu rim por uma resenha* a síntese sobre os obstáculos enfrentados, não somente por Maxwell, mas por todos nós que trilhamos os caminhos literários.

Pode parecer uma afirmação inusitada (ou mesmo controversa), mas a leitura de um livro não termina com sua finalização. As reflexões levantadas em suas páginas continuam a ecoar em nossa mente durante certo tempo.

As (surreais) quantias cobradas pela influenciadora literária Viviane Carlini Botacin para resenhar um livro em seu canal na plataforma MyVOD me remeteram à (nefasta) prática conhecida como "jabá", que nada mais é do que a execução de uma música numa determinada estação de rádio mediante pagamento.

Embora seja algo inerente à chamada "indústria cultural", foi somente nos anos 90 que o jabá se consolidou em nosso país. Não por acaso, desde então, temos observado um vertiginoso declínio da qualidade do *mainstream* musical radiofônico. É fato: apenas o poderio econômico não é sinônimo de boa música; tampouco de boa literatura.

Entretanto, no sistema capitalista, praticamente todas as relações são passíveis de serem mercantilizadas. Ou seja, só terei visibilidade quando puder pagar por isso.

Para escamotear essa realidade mórbida, nos é vendido o seguinte discurso: se eu for bom, se eu me esforçar o suficiente, logo serei devidamente reconhecido. É a tal da "meritocracia". Pura retórica demagógica! Afinal de contas, o que explica o caso do protagonista Laerte Medeiros Maia, incontestavelmente um talentoso escritor, ter encontrado inúmeros entraves para publicar e divulgar seu trabalho? Por que dezenas de editoras fecharam as portas para ele?

O fato de Laerte ser pobre, deficiente físico e ter traços indí-

genas - portanto, pertencente a três minorias sociais historicamente excluídas - nos dão um forte indício para responder às indagações feitas acima. Conforme afirmou Sebastião Alvarenga, proprietário da Edições Talismã, responsável pela publicação do livro de Laerte: "As editoras, sobretudo as grandes, só investem naquilo que dá retorno imediato, mesmo que o conteúdo seja discutível". Qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência.

Por outro lado, a antagonista Viviane, ao colocar os cifrões acima do prazer da leitura, me pareceu uma espécie de "mercenária cultural". Oriundo do latim *mercenariu* (de *merce*, equivalente a comércio), o termo "mercenário", originalmente, se referia aos soldados que lutavam por dinheiro (ou outro tipo de compensação), sem ideais ou fidelidade a um estado ou nação. Posteriormente, o mercenário passou a designar o indivíduo que age ou trabalha apenas por interesse financeiro, por dinheiro ou algo que represente vantagens materiais.

Acredito que, se tivesse que descrever a influenciadora literária em apenas uma palavra, não haveria alcunha mais oportuna do que "mercenária" (também pensei em outras palavras, mas acredito que seriam impublicáveis!).

Gostaria de deixar algumas sugestões aos leitores. Para quem teve o primeiro contato com a obra de Maxwell dos Santos a partir deste livro, recomendo fortemente que procure por outros trabalhos do autor. Garanto que encontrará textos bem escritos e histórias tão interessantes quanta a apresentada em *Meu rim por uma resenha*. Já para os leitores assíduos (assim como eu), o recado é que continuem prestigiando a obra desse talentoso e engajado nome da nova geração de escritores capixabas.

Para finalizar este posfácio, recorro às palavras/apelo do

POSFÁCIO

protagonista Laerte Maia: "leiam autores nacionais, comprem livros de autores brasileiros".

Francisco Fernandes Ladeira

Doutorando em Geografia pela Unicamp

Mestre em Geografia pela UFSJ

Autor de dez livros

notas

2. CONTANDO A NOVIDADE

1. Por questões legais, não posso citar o nome de redes sociais reais. Consequentemente, todas as redes sociais que aparecem no decorrer deste livro são fictícias, bem como os aplicativos de mensagens.

3. ASSINANDO O CONTRATO

1. Myvoddors são produtores de conteúdo da plataforma fictícia MyVOD.

19. NO COLÓQUIO COM LEAL

1. Referência às notas de 50 e 100 reais, que têm estampas de animais da fauna brasileira.

sobre o autor

Maxwell dos Santos(1986) nasceu e mora em Vitória-ES. É jornalista, radialista, designer gráfico e servidor público da Prefeitura de Cariacica desde 2017, editor-chefe do portal Marra-maque, e professor voluntário de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa dos cursinhos Risoflora, ResistENEM e Cursinho Popular por Mensagem.

Técnico em Multimídia pelo CEET Vasco Coutinho (2016), licenciado em Letras/Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo (2021), especialista em Educação Especial com Ênfase em Transtornos Globais do Desenvolvimento e Superdotação pela FAEP (2021), licenciado em História pela Uninter (2022), especialista em Revisão de Textos pela Facuminas (2021), MBA em Marketing e Mídias Digitais pela Facuminas (2022), pós-graduando em Escrita Criativa, Roteiro e Multiplataformas pela Faculdade Novoeste e bacharelado em Jornalismo Digital pela Uniasselvi.

 facebook.com/maxwellsantosescritor

 twitter.com/escritormaxwell

 instagram.com/sanmaxwell1

contribua com a literatura

Se você gostou da obra e quer contribuir financeiramente com o autor para que este continue escrevendo, faça um depósito de qualquer valor nas seguintes contas:

- **Caixa Econômica Federal**

Pix: 108.848.757-25

- **Nubank**

Pix: (27) 98843-2666

- **PicPay**

@maxwell.santos2 | Pix:(27) 99943-3585

- **Neon**

CONTRIBUA COM A LITERATURA

Pix: sanmaxwell@gmail.com

A décima terceira obra de Maxwell dos Santos discute a disparidade de armas entre as editoras independentes e os grandes conglomerados editoriais, os desafios do autor para conseguir publicar seu primeiro livro, a relação entre autores/editoras com produtores(as) de conteúdo literário, a precarização do trabalho, a cultura do cancelamento e o capacitismo contra pessoas com deficiência.

Luarte, o protagonista, é descendente de indígenas, tem paralisia cerebral, decorrente da falta de oxigenação no cérebro, durante o trabalho de parto, em que sua mãe, Ariana, foi vítima de violência obstétrica. Como seqüelas, o jovem tem limitações na fala e nos movimentos das pernas, o que lhe obriga a andar de muletas, mas seu intelecto é estupendo.

Ele, aos 20 anos, após muitas negativas, consegue publicar seu primeiro livro, "Abelha Resiste", pela "Escrituras Alternativas", editora independente de Belo Horizonte.

Yviane Botacin, a antagonista, é paulistana, produtora de conteúdo literário, dona de canal no YouTube com mais de 6 mil seguidores, faz resenhas em vídeo, cobrando até \$100 de cada autor ou editora que deseja ter a obra resenhada.

Após ter sido comunicado por seu editor do valor fora da realidade cobrado pela influencer para que seu livro seja resenhado, Luarte, que é fã dela, escreve um post em seu blog, criticando o elitismo de Yviane, pedindo um olhar mais sensível de Yviane para os autores e editores independentes, que enfrentam dificuldades na divulgação na imprensa corporativa.

Furiosa, Yviane liga para ele, proferindo insultos racistas e capacitistas.

Qual a pena pagar uma fortuna por uma resenha? Essa resenha seria positiva? E se fosse negativa?

